

cadernos do

# terceiro mundo

Entrevista  
exclusiva  
com Vasco Cabral

Mensal • Dezembro 1986 • Esc. 125 • Kz 80 • CV 80\$ • Cz\$ 15,00 • Ano IX • Nº 96



Samora Machel

Joaquim Chissano

## A ÁFRICA AUSTRAL DEPOIS DE MACHEL



# arnaud

desde 1870

## EM ÁFRICA



**DELEGAÇÃO**



**AGENTES:** QUÊNIA - MALAWI - MOÇAMBIQUE  
ZÂMBIA - ANGOLA - ZIMBABWE  
TANZÂNIA



**em projecto (MAPUTO)**

TRÂNSITOS  
DESPACHOS  
GRUPAGENS  
CARGA AÉREA  
CONTENTORES  
FRETAMENTOS



## Mugabe, o novo alvo de Pretória

A morte do presidente moçambicano Samora Machel aumentou a tensão na África Austral, ao demonstrar que o regime de Pretória, além das agressões armadas contra os países vizinhos, está agora disposto a partir para a eliminação pura e simples dos líderes políticos dos Estados da Linha da Frente e da SADCC. O acidente que vitimou Machel ainda não foi esclarecido e permanecem no ar suspeitas de envolvimento sul-africano.

Estas suspeitas ficaram fortalecidas com o assassinato, na segunda semana de Novembro, no Lesoto, de cinco políticos anti-racistas, entre eles dois ex-ministros do deposto primeiro-ministro Leabua Jonathan. Todos eles eram considerados adversários do regime do "apartheid" e foram encontrados mortos depois de terem sido sequestrados por desconhecidos que falavam em "afrikaaner", a língua dos racistas sul-africanos.

Além disso, passaram a circular rumores nas capitais da África Austral de que o primeiro-ministro Robert Mugabe poderia ser o próximo alvo dos serviços secretos do "apartheid". O chefe de governo do Zimbabwe foi quem denunciou mais duramente o envolvimento sul-africano no desaparecimento de Machel. Mugabe

tem afirmado que, se a África do Sul quer a guerra contra os seus vizinhos, a resposta do Zimbabwe será à altura, estando disposto a empenhar todas as suas forças militares num possível confronto. Existem informações de que aproximadamente cinco mil homens armados estão a ser infiltrados pela África do Sul ao longo da fronteira com o Zimbabwe para desestabilizar o governo de Mugabe. Mesmo pressionado externamente e submetido a fortes tensões internas devido ao crescimento dos movimentos anti-racistas e à fuga de capitais estrangeiros, o governo do "apartheid", nomeadamente a sua ala militar, parece disposto a intensificar a confrontação com os países vizinhos na tentativa de polarizar a crise da África Austral em termos de "guerra fria". Pretória quer apresentar esta radicalização como irreversível aos olhos de Washington e de Londres, os quais seriam levados a ter que escolher o lado racista para evitarem o que Reagan e Thatcher consideram "uma ameaça comunista", mas que na verdade não é mais do que o fim da segregação racial na África do Sul. São estes os temas em destaque na matéria de capa deste número e que inclui ainda um depoimento do nosso correspondente em Maputo sobre o impacto da morte de Samora Machel em Moçambique.

cadernos do  
**terceiro mundo**



**third world**



cuadernos del  
**tercer mundo**

**Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional**

**Director Geral:** Neiva Moreira  
**Director Geral Adjunto:** Pablo Piacentini  
**Editora:** Beatriz Bisio  
**Sub-editores:** Roberto Remo Bisio, Carlos Castilho  
**Conselho Editorial Internacional:** Darcy Ribeiro, Juan Somavia, Henry Pease Garcia, Aquino de Bragança, Wilfred Burchett (1911-1983)  
**Redacção Permanente:** Arnur Poerner, Antonio Aragão, Claudia Neiva, Raul Gonçalves (Brasil), Roberto Bardini (México), Baptista da Silva, Carlos Pinto Santos, Guiomar Belo Marques (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)

**REDACÇÃO CENTRAL - Rio de Janeiro**

**Coordenação de Produção:** José Carlos Godim; **Departamento de Arte:** Sonia Freitas (editora), Miguel Efe, Vanda Freitas, Pedro Tosin, Reginaldo Caxias; **Centro de Documentação:** Helena Paludo (directora), Lídia Freitas, Elizabeth Mesquita, Marco Antonio C. dos Santos, Eunice Senna, Leila Maria C. Pinto, Joazeira Santos Lima; **Composição:** Ronaldo Fonseca, João de Abreu, Luiz Correia, Carlos Rogério H. Silva; **Revisão:** Cláudia Mécia Soares, Sandra Castello Branco; **Departamento Comercial:** Maria Neiva.

**\* EDIÇÃO PARA PORTUGAL, ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE**

**Director:** Artur Baptista  
**Coordenação de Redacção:** Carlos Pinto Santos  
**Documentação:** Cristina Assis; **Revisão:** Estevam Reis; **Serviços Comerciais:** Manuela Fernandes; **Publicidade:** Conceição Alves  
**Propriedade:** Tricontinental Editora, Ltda. **Sede da Administração:** Calçada do Combro, 10-1º, 1200, Lisboa; **Tel.:** 32 06 5032 07 51; **Redacção e Publicidade:** Rua das Salgadeiras, 36-2º-E, 1200, Lisboa; **Tel.:** 36 38 0437 27 15; **Telex:** 43720CTM TE P; **Impressão:** Gráfica Europan, Ltda. 2726 - Mem Martins (CODEX). **Tiragem desta edição:** 21.000 exemplares; **Nº de registo do Serviço de Depósito Legal:** 789/82.

**Distribuição:** CDL, Central Distribuidora Livreira, Av. Santos Dumont, 57 - 1000 Lisboa

**EDIÇÃO PARA O BRASIL**

**Director:** Neiva Moreira  
**Sucursal:** Paulo Canabava Filho - São Paulo; Clovis Sena - Brasília. **Circulação, Assinaturas e Promoção:** Henrique Menezes, Inácio dos Santos e Macário Costa.  
**Editora Terceiro Mundo Ltda.** Rua da Glória 122 / 105-106 - CEP 20241 Rio de Janeiro. RJ - **Tele:** 242-1957 - 222-1370 - **Telex:** 21-33054CTMB-BR  
**Fotótipo e Impressão:** Ébano Gráfica e Editora Ltda. - Rua Gal. Bruce, 799. **Tel.:** 580-7171.

**\* EDIÇÕES EM ESPANHOL**

**RIO DA PRATA-CONE SUL**

**Directores:** Gerónimo Cardoso e Roberto Bisio  
**Administração:** Hugo Cardoso; **Assinaturas:** Alicia Bidegaray A.C.U. S/A; **Avda.** 18 de Julio 1263, 3er. piso; **Tel.:** 90-87-13-Montevidéu, Uruguai. **Impressão:** Rosgal S/A, Graf. Urquiza 3090, Montevidéu; **Distribuição no Uruguai:** Berriel y Martínez, Paraná 750 Eq. Ciudadela, Montevidéu; **Tel.:** 90-51-55; **Distribuição na Argentina:** Kicokos, J. Di Pietro e Cia. Bolívar 529. **Tel.:** 611-2801, Buenos Aires; **Livrarias:** Hugo Emilio Palacios - Los Patos 2420. **Tel.:** 942-5788 Cod. 1284 - Capital Federal.

**MÉXICO, CARAÍBAS E AMÉRICA CENTRAL**

**Editor:** Rubén Aguilar  
**Assinaturas:** Berta Arrufe; **Distribuição:** Gustavo Leyva; **Correspondência:** Apartado Postal 20572, 01000, México, D.F.; **Impressão:** Litográfica Cultural - Isabel la Católica, 922 México, D.F.  
**Editorial Periódicos del Tercer Mundo.** California 98A - Colonia Parque San Andrés, Coahuila. **Tel.:** 689-17-40 - 04040 México, D.F.

**\* EDIÇÃO EM INGLÊS (BIMESTRAL)**

**Editor:** Carlos Castilho  
**Editor Adjunto:** Roberto Raposo  
**Correspondência:** Rua da Glória, 122 105/106 - CEP 20241 - Rio de Janeiro, RJ.

**Correspondentes:** Horacio Verbitsky (Argentina), Fernando Reyes Matta (Chile), Alejandra Adom/Eduardo Khalifé (Equador), Rafael Roncagliolo/César Arias Quinocot (Peru), Guillermo Segovia Mora (Colômbia), Arquelas Morales (Nicarágua), Ezevaldo Hipólito (Moçambique), Calabroderens: Abdul Nafey, Adrián Soto, Apóstolito Jardim Ochoa, Alan Nairn, Angel Ruocco, Alberto B. Marantoni, Alice Nicolau, Ana María Urbina, António Silva, A. Prado, Ash Narain Roy, A. W. Singham, Carlos Aveline, Carlos Cardoso, Carlos Néñez, Carolina Quina, Codrie Belfrage, Claude Alvarez, David Fig, Edouard Bailly, Eduardo Molina y Vedia, Eugenio Alves, Ezequiel Dias Fernando Molina, Francesca Gargallo, Gregorio Selsler, Griedva Kuncar, Govin Reddy, Hebert de Souza, Hugo Neves, José Bottaro, Jim Cason, João Melo, Jorge A. Richards, José Montserrat Pilho, Ladislau Dowbor, Luis Maira, M. Venugopala Rao, Maluza Stein, Marcela Otero, Manuel Freire, Marcos Arruda, Mark Fried, Mario de Castin, Mauricio Ubal, Moscir Wernack de Castro, Mia Couto, Narinder Koshla, Nilson Castro, Nilson Santos, Octavio Tostes, Otoniel Martfnez, Pablo Martínez, Peter Law, Phill Harris, Orlando Senna, Orlando Neves, Ricardo Bueno, Ravindran Casinader, Ricardo Soa, Rodolfo de Bonis, Rodrigo Isaurberth, Roger Ramrill, Theotonio dos Santos, Victor Bacchetta.

**cadernos do terceiro mundo** utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP(Angola), AIM(Moçambique), INA(Iraque), IPS(Inter Press Service), ALASEI(México), SALPRESS(EI Salvador), SHIHATA(Tanzânia), WAPA(Palestina), e o pool de agências dos países não-alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas *Africa News*(Estados Unidos), *Nouvel Équateur*, *Novembros*(Angola), *Tempo*(Moçambique), *Altercom* (Itel-México-Chile) e *Third World Network*(Malásia).

**Capa:** Abaeté Propaganda

Circulação em 70 países

## DISTRIBUIÇÃO DE CADERNOS

Sou leitor dos cadernos, embora não tenha conseguido certos números. Isto dá-se porque a quantidade que a minha província recebe é muito reduzida, embora a distância entre N'Dalatando e Luanda também conte: são 252km, uma via que é ao mesmo tempo percorrida com grande precaução devido à situação político-militar que nos é imposta pelos imperialistas.

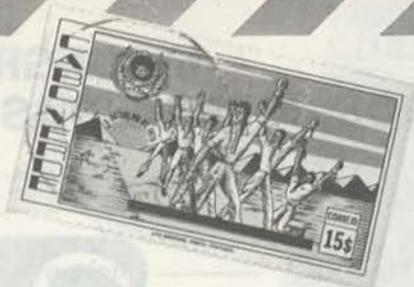
Daniel Seregui Slévie,  
N'Dalatando, R.P. Angola.

(...) que me resta agora é saber, como leitor dos vossos cadernos, como é que posso encontrá-los, se possível mensalmente, pois é difícil encontrá-los nas livrarias deste país.

Fabião Sebastião Balata,  
Escola Pré-universitária de Chokwé, R.P. Moçambique.

## CARTA PARA A PAZ

Os Estados Unidos e seus aliados da NATO devem reflectir sobre os perigos e as dimensões que poderá trazer uma guerra nuclear. Esta guerra poderá vir a deflagrar, se não for posto fim ao fabrico das armas de destruição maciça. Os Estados Unidos e os seus aliados da NATO deveriam sentir-se culpados pois o caminho que percorrem é nocivo para toda a humanidade em nome da paz que rejeita incondicionalmente o prolongamento do fabrico de tais meios destrutivos. A política dos Estados Unidos deve ser condenada sem tréguas por todas as forças amantes da paz. Afinal são eles, os Estados Unidos, que agridem



os Estados soberanos que constroem a paz e a estabilidade. São eles que agridem esses Estados que lutam contra todo o tipo de exploração do homem pelo homem, bem como pelo estabelecimento de relações de amizade entre todos os povos com base na coexistência pacífica. Os Estados Unidos deveriam aceitar as propostas da URSS para o desarmamento, propostas essas que já foram recebidas pela humanidade com muita expectativa.

**Francisco Luciano Fernandes, N'Dalatando, R.P. Angola.**

## ALGUMAS CRÍTICAS

Como leitor da vossa revista há vários anos e apreciador da vossa publicação honesta, reservo-me o direito de criticar-vos em vários pontos: primeiro, insistem em tratar exaustivamente os mesmos pontos. Penso que é bom falar dos países onde se passam coisas; no entanto para o nosso alargamento cultural, não só no aspecto político como artístico, seria bom fazerem artigos sobre o Terceiro Mundo ignorado, ou seja certas nações como a Namíbia (que no fim e ao cabo acaba por ser ignorada, no que se passa lá, no que se faz lá para vencer a dominação sul-africana, como é o povo...), os Yemen, Mongólia, Laos...

Segundo, acho que seria importante tentarem fazer com que a revista não apareça com um mês de atraso, pois embora (vê-se bem) isso não signifique estar desactualizada, sempre dá um certo mau aspecto para a revista.

**João Pádua - Rua Palmira, 10, r/c, Dtº, 1100 Lisboa - Portugal.**

## CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE HORTICULTURA

Com o objectivo de preservar as línguas portuguesa e espanhola como científicas e lutar pelo desenvolvimento harmónico do sector sem interferências do Hemisfério Norte, através do apoio à geração de tecnologias voltadas para as reais necessidades do continente, foi criada a Confederação Latino-Americana de Horticultura - COLHOR.

Como principais realizações deste movimento podem ser citadas a realização de duas reuniões Latino-Americana de Horticultura (Jaboticabal 1984 e La Plata agora em 1986) e a criação de Sociedades de Horticultura no Chile, Guatemala e Uruguai.

A partir do próximo ano deverá começar a circular o periódico técnico-científico da COLHOR, que se chamará *Horticultura Latino-Americana*.

**Juarez Müller - Santa Catarina - Brasil**

## INTERCÂMBIO

- **Alda Leocádia Afonso**  
C.P. 124, Catumbela - Angola
- **João Manuel André Neto**  
C.P. CTT da Maianga. a/c Joaquim João - Luanda - Angola
- **Francisco Luciano Fernandes**  
C.P. 240, Ndalatando - K. Norte - Angola
- **António José Cândido**  
Apartado do Correio 589 - Bairro do Flamengo - Benguela - Angola
- **Rosa Maria Vidal**  
Apartado do Correio 589 - Bairro do Flamengo - Benguela - Angola
- **Maurício Malate**  
C.P. 460, Maputo - Moçambique
- **Martins Alberto**  
Rua António de Oliveira, C.P. 10563 - Luanda - Angola
- **Esteban M. Dola Fells**  
Calle Corona, Nº 274, c/ Habana y Maceo - Santiago 1 (Centro) - Santiago de Cuba - Cuba
- **Miguel João Lourenço**  
D.A.A. - Divisão de Mercado Estrangeiro, C.P. 834, Aeroporto 4 de Fevereiro, Luanda - Angola
- **João Pádua**  
Rua Palmira, 10, r/c Dtº, 1100 - Lisboa, Portugal

- **Daniel Beregui Stévie**  
Adalatando - Kuanza Norte - Angola
- **Samuel Gilberto de Andrade**  
Esbec Nº 41 Saydi Mingas - Ilha da Juventude - Cuba
- **Jorge Augusto Teixeira Escórcio Baky**, Cx.P. 153 21A, AZCCP, URSS.
- **Laura Baninha Almeida**  
C.P. 163, Ministério do Interior, a/c Dina Elizabeth A., Benguela - Angola
- **Pedro Miguel António**  
C.P. 10279, Luanda - Angola
- **Helder de Anselmo Leio**  
C.P. 10279 - Luanda - Angola
- **José Pretendemos Correia Ponder**  
C.P. 10279 - Luanda - Angola
- **Ananias Roberto Vilarinho da Costa**  
C.P. 10279 - Luanda - Angola
- **João Inocência António**  
3º Reordenamento do Cangel, Rua 1, Travessa 1, Casa Nº 9A - Luanda, C.P. 1674 - Angola
- **Anita Silva Ramos**  
Rua Messias da Silva Ramos nº 174 - Vila Figueiredo - Rio Grande da Serra - SP - CEP: 09450 - Brasil
- **Arlindo Pio do Amaral Gurgel**  
I.P.U.O.C. - A2 - Isla Juventud - Cuba

# II CONGRESSO DOS JORNALISTAS PORTUGUESES



*Com o patrocínio de*

- Ministério da Educação Nacional • Governo Regional da Madeira • Governo Regional dos Açores • Governo de Macau
- UNESCO • Direcção-Geral da Comunicação Social
- Fundação Calouste Gulbenkian • TAP/Air Portugal
- Banco Comercial Português

*Apoio de*

- Instituto de Formação Profissional • Associação de Municípios de Setúbal • Região de Turismo da Costa Azul • Secretaria de Estado da Cultura
- INATEL • INAPA • Rank Xerox • CTT/TLP • ANA - Aeroportos e Navegação Aérea • RN - Rodoviária Nacional • Renault Portuguesa
- Hotel Tivoli • IPE - Investimentos e Participações do Estado • Companhia de Seguros O Trabalho
- Grupo Euro Ars Technica, Lda. • Companhia Portuguesa Rádio Marconi
- Hotel Penta • Novotel • União de Bancos Portugueses

*E de*

- Secretaria de Estado das Comunidades • Direcção-Geral de Turismo • Delegação em Lisboa da CEE • Câmara Municipal de Lisboa • Banco de Fomento Nacional • CP - Caminhos de Ferro Portugueses
- EPAL • CIMPOR • Círculo de Leitores • CARRIS • General Motors de Portugal, Lda. • TRANSTEJO
- SOPONATA • Indústrias Metálicas Previdente • QUATRUM • Banco Português de Investimentos • "Loucuras" • Bar "Copo de Três" • Reproscan • SARRIO
- Transportes Aéreos de Cabo Verde • Publicações Europa-América

## FUNDAÇÃO GULBENKIAN

### 12 a 15 DE NOVEMBRO DE 1986

Este espaço publicitário foi cedido gratuitamente ao II Congresso de Jornalistas Portugueses pela empresa proprietária deste jornal.

- 2 Cartas \_\_\_\_\_  
7 Panorama Tricontinental \_\_\_\_\_  
13 Editorial – Um quadro adverso à cooperação internacional \_\_\_\_\_

**Matéria de Capa – Moçambique: A escalada da crise –**

- 18 A mobilização geral, *Carlos Cardoso*  
21 Bons augúrios num tempo de tristeza, *Etevaldo Hipólito*

**África** \_\_\_\_\_

- 33 Guiné-Bissau: “A justiça deve ser reestruturada”, entrevista com o ministro da Justiça Vasco Cabral, *Baptista da Silva*

**América Latina** \_\_\_\_\_

- 39 Paraguai: “Em breve estarei em Assunção”, *Horacio Verbitsky*  
45 Haiti: Com a palavra, o povo, *Gérard Pierre Charles*  
50 Cultura: um património

**Ásia** \_\_\_\_\_

- 53 Filipinas: Os primeiros seis meses de Corazón Aquino, *Teresa Diokno*

**Economia** \_\_\_\_\_

- 58 Os bancos islâmicos, *M. Iqbal*

**Cultura** \_\_\_\_\_

- 65 O desbloqueio de Cuba, *Fabián Restivo*

**Mulher** \_\_\_\_\_

- 69 A revolução feminina no Burkina Faso, *Beatriz Bissio*  
75 Notas

**Ciência e Tecnologia** \_\_\_\_\_

- 76 Controlo de ervas perigosas com métodos naturais  
78 Especial – Consumidores: A opção preferencial pelos pobres, *Roberto Remo Bissio* \_\_\_\_\_  
84 O rico come o que falta ao pobre  
88 PAN: romper o círculo do veneno  
91 Um produto perigoso que vira fumo  
96 Humor, *Francisco Blanco Avila* \_\_\_\_\_



A justiça na Guiné-Bissau



O papel da mulher no Burkina



A luta dos consumidores



# GRÁFICA EUROPAM, L<sup>DA</sup>

Estrada Lisboa-Sintra, km 14 • Apart. 28 • 2726 MEM MARTINS Codex  
PORTUGAL Telef. 92 11461 • Teleg. - Europam



## Panorama Tricontinental

### SERRA LEOA

#### A ligação sul-africana

□ A República de Serra Leoa pode transformar-se no principal entreposto para produtos em trânsito de e para a África do Sul, burlando assim as sanções internacionais contra o *apartheid*. Revelações feitas nas últimas semanas de Setembro pelo jornal *For di People*, de Freetown, capital da Serra Leoa, indicam que o poderoso conglomerado económico *LIAT*, depois de passar a controlar sectores-chaves como os transportes urbanos, diamantes, construção civil e a agricultura, pretende actuar também no comércio externo e no mercado de câmbio.

A *LIAT* é uma empresa cuja sede oficial deveria estar em Frankfurt, Alemanha Ocidental, mas que na realidade opera a partir do bantustão sul-africano de Bophuthatswana, através de uma empresa chamada *Bophuthatswana Mankelsuertretung*, cujos directores são na sua quase totalidade sul-africanos brancos e israelitas que viajam com passaportes britânicos. O presidente da sucursal da *LIAT* em Serra Leoa, Shaptai Kalmanovitch, viaja frequentemente para a África do Sul, tendo o *For di People* chegado a publicar memo-

randos internos da empresa nos quais se menciona com frequência a sua "matriz sul-africana".

A *LIAT* está a expandir rapidamente os seus negócios em Serra Leoa ao contar com a ajuda do presidente Joseph Momoh, que está interessado em reduzir a influência do poderoso grupo de empresários libaneses que há anos controla a economia do país. Jamil Said Mohammed é o principal empresário instalado em Serra Leoa e durante o governo do ex-presidente Siaka Stevens foi considerado uma iminência parda do re-

gime. Para escapar de Jamil, Momoh caiu nos braços dos sul-africanos e dos israelitas da *LIAT*, e agora tem poucas possibilidades de voltar atrás porque a forte burguesia libanesa de Serra Leoa já começou a transferir os seus investimentos para outros países africanos.

A campanha contra a *LIAT* está a tornar-se cada vez mais intensa nos meios políticos de Freetown, onde uma coligação de grupos anti-racistas chamada Pan African Union (*PANAFU*) deflagrou uma campanha contra a transformação de Serra Leoa num entreposto sul-africano destinado a



Freetown: um entreposto de produtos para a África do Sul

burlar as sanções da comunidade internacional contra o *apartheid*. O ponto crítico da disputa é a reivindicação da *LIAT* para criar, em associação com o milionário leonês M. K. Suma, uma empresa chamada *FOREX Trading Company*, que assumiria o virtual controlo de todas as importações do país e acabaria com o próspero mercado negro de divisas, controlado até agora pelos libaneses. Em troca o governo daria à *FOREX* o controlo das lojas *duty free shop* nos principais aeroportos do país, o direito de importar qualquer produto e exportar

também sem restrições, o direito à totalidade dos dólares obtidos com as exportações e uma isenção de impostos durante cinco anos. O governo teria também 25% das acções da *FOREX*.

O controlo das importações e exportações daria a possibilidade da *LIAT* importar produtos sul-africanos que posteriormente seriam rebaptizados e exportados como se fossem produzidos na Serra Leoa. O papel de violadora de sanções a ser assumido pela *LIAT* e pela *FOREX* seria mais claro no caso dos diamantes, já que a empresa sul-africana

*De Beers* tem interesses na *LIAT*, e estaria de olho no controlo que Jamil Said Mohammed exercia até agora no comércio ilegal de pedras preciosas. O presidente Momoh tem tentado neutralizar as pressões internas e externas contra a sua aproximação com a *LIAT* fazendo concessões aos países árabes e até mesmo à *OLP*, mas a jogada político-diplomática acabou neutralizada pelo *lobby* pró-sul-africano em Freetown. O presidente leonês mostra-se hoje cada vez mais envolvido na armadilha que ele próprio preparou.



## **NOEI CONSULTORES PARA O DESENVOLVIMENTO SARL**

**Uma empresa de novo tipo  
ao encontro da Nova Ordem  
Económica Internacional**

Sociedade constituída em 1983 com capitais angolanos, caboverdeanos, moçambicanos, portugueses e são-tomenses, tem como objecto promover acções conducentes à cooperação para o desenvolvimento dos países em vias de desenvolvimento, em especial de ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE e SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, de harmonia com os propósitos de instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional.

**SÓCIOS AFRICANOS:** SACILDA (Luanda), I.S.P.S. (Praia), SOCIMO (Maputo)  
**BANCO NACIONAL DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE**  
**SEDE SOCIAL:** Rua da Rosa, 277 - 1.º - 1200 LISBOA - PORTUGAL  
Telefones: 36 58 20 e 36 86 15 Telex: 42 545 NOEI P

## MÉXICO

### Condenado proteccionismo dos EUA

□ O imposto sobre as importações de petróleo aprovado recentemente pelo Congresso dos Estados Unidos desencadeou uma onda de reacções no México, onde empresários e parlamentares de todas as correntes condenaram duramente a medida, reforçando o protesto que havia sido formulado pelo governo.

O director da empresa estatal petrolífera mexicana, PEMEX, Mario Ramón Beteta, manifestou a sua esperança de que o presidente Ronald Reagan revogue a medida. Menos optimista, o vice-presidente da Câmara Nacional da Indústria de Transformação, Roberto Sánchez de la Vara, chegou a questionar a viabilidade do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT). Segundo Sánchez de la Vara, a vigência ou não do imposto "demonstrará se este organismo serve para alguma coisa ou se é obsoleto". "Veremos como funciona com o membro número 92", acrescentou o líder empresarial, aludindo ao recente ingresso do México nesse organismo multilateral.

No parlamento, os senadores governamentais

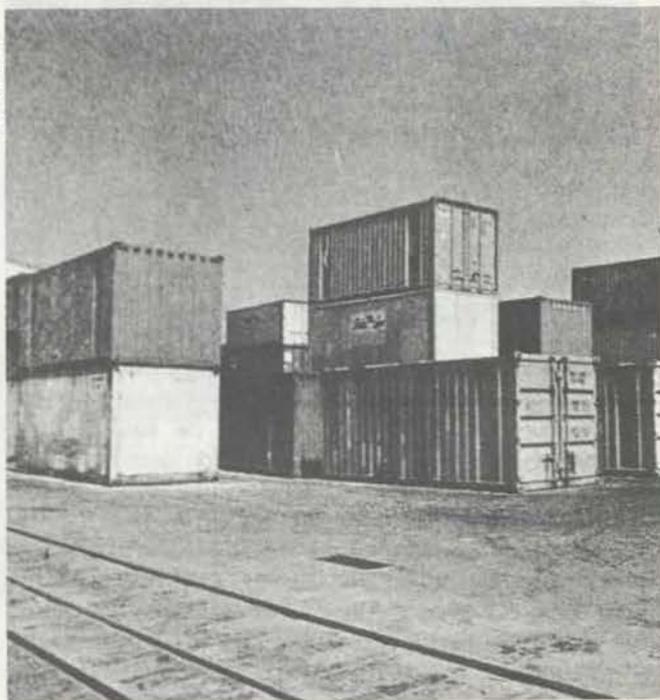
Faustino Alva Zavala e Rafael Cervantes aderiram ao protesto do governo, qualificando a medida norte-americana como "proteccionista" e "discriminatória". Legisladores do partido da oposição, por sua vez, afirmaram que o México está a ser vítima de "chantagem" e "agressão" por parte dos Estados Unidos. O porta-voz do Partido Socialista Unificado do México declarou que apesar do ónus ser baixo, representa 80 mil dólares diários (30 milhões ao ano).

O protesto oficial do governo do México enviado à Casa Branca, assinado pelo

secretário de Comércio e Incentivo Industrial, Héctor Hernández Fernández, qualificava a decisão do Congresso norte-americano como "discriminatória", "atentatória" contra os princípios do GATT e "contrária" ao espírito de entendimento sustentado na última reunião entre os presidentes Miguel de la Madrid e Ronald Reagan em Washington, em Agosto passado.

Além do México, também os governos da Venezuela, Canadá e Grã-Bretanha, importantes fornecedores de *crude* dos Estados Unidos, fizeram chegar os seus protestos à Casa Branca.

Ricardo Naita/F-4



## Novas descobertas de petróleo

A Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (SONANGOL) anunciou em Setembro, em Luanda, nova descoberta de petróleo no "Bloco Dois" do *off-shore* de Cabinda. A nova jazida foi registada no poço de pesquisa "Cavala Um",



localizado a 17 milhas da costa angolana, que durante os testes produziu 2.675 barris diários, com uma densidade de 30,9 graus de API.

Segundo anunciou a SONANGOL, decorrem actualmente estudos para avaliar o potencial desta descoberta e o seu desenvolvimento. O poço "Cavala Um" situa-se três milhas a norte do campo de "Lombo Este", descoberto em Dezembro de 1983 e a quatro milhas a noroeste

do campo "Sulete Oeste" cuja descoberta foi anunciada em Novembro do último ano.

O grupo empreiteiro do "Bloco Dois" é constituído pela *Texaco Angola Prospeção* (TEXPRO), sociedade participada pela SONANGOL, BRASPETRO (com capitais brasileiros) e TALCAP (com capitais franceses).

Por outro lado, o *Jornal de Angola* revelou que a TEXACO obteve no exercício económico de 1985 lucros avaliados em cerca de 181 milhões de kwanzas (60 milhões de dólares), cifra que é superior em 17 milhões de kwanzas (5,7 milhões de dólares) ao resultado obtido no ano anterior.

A TEXACO alcançou em 1985 uma produção de 1.830.813 barris de petróleo, o que equivale a uma diminuição da ordem de

0,6% em relação à produção de 1984.

## Polícia sul-africana tortura crianças

O grupo sul-africano "Cachecol Negro" integrado por mulheres liberais, na sua maioria brancas, divulgou um "Memorando sobre o sofrimento das crianças na África do Sul". O documento cita depoimentos de menores entre 12 e 18 anos de idade sobre as torturas a que foram sujeitos pela polícia. Nele são apresentadas provas de que, entre Julho de 1985 e Fevereiro deste ano, cerca de dois mil menores foram presos pelas autoridades do *apartheid*. Ainda recentemente, um menor de 13 anos foi preso por ser considerado elemento de "alta periculosidade" pelo governo sul-africano.

De acordo com estimativas de várias organizações, é de 20 mil o número de detidos desde a instauração do estado de emergência, oito mil dos quais com idade inferior a 18 anos. Segundo revelou, em Outubro, o jornal *The Star*, de Joanesburgo, 83% dos presos recentemente libertados apresentavam sinais evidentes de terem sido torturados, facto que foi clinicamente comprovado.

## Panorama Tricontinental

### ESTADOS UNIDOS

## Fortunas pessoais crescem mais do que PNB

□ Após seis anos de vigência da política económica de liberalismo total implantada pelo presidente Reagan, começam a surgir os resultados concretos do novo tipo de sociedade que a administração republicana pretendeu implantar nos Estados Unidos. O crescimento económico do país atingiu a média de 2,7% ao ano, mas as fortunas pessoais aumentaram em mais de 20%. O nível de pobreza subiu de 11,7% em 1979 para 14,4% em 1984, enquanto o fenómeno da concentração económica atingiu limites nunca alcançados na história do país: 1% dos norte-americanos detêm o controlo de 60% das acções das maiores empresas do país.

Estes dados vieram a público após a polémica surgida na imprensa dos Estados Unidos em consequência da divulgação da tradicional lista anual das 400 maiores fortunas do país. Além da aceleração inédita no ritmo de concentração económica, outra consequência da análise da lista dos milionários norte-americanos é a de que as grandes fortunas actualmente foram consegui-

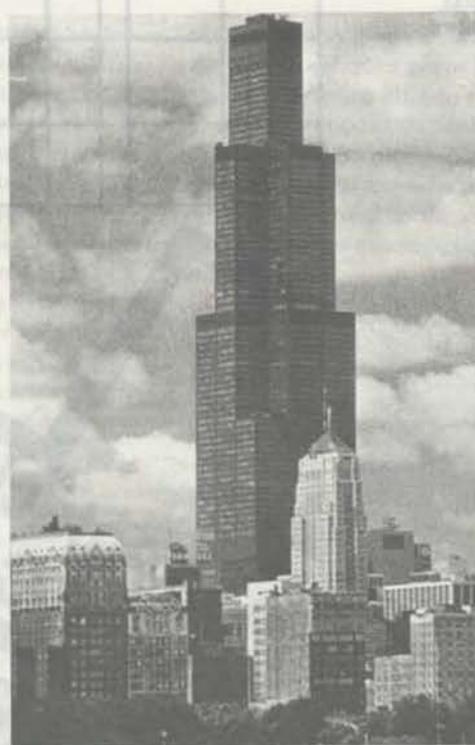
das através de actividades produtivas. Nada menos do que 14 dos 51 novos milionários incluídos neste ano na lista elaborada pela revista *Forbes* são herdeiros de fortunas já existentes.

Outra característica dos nomes mencionados na relação da revista é o destaque alcançado pelos especula-

dores no final de 1985 para cerca de 3.900 milhões graças a negócios financeiros feitos com dinheiro emprestado pela banca e multiplicado através da especulação na bolsa de valores.

Vários observadores económicos norte-americanos garantem que o liberalismo económico implantado por

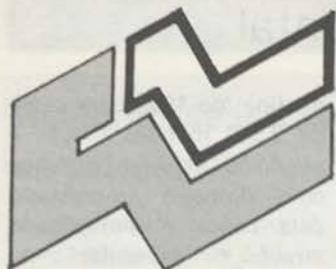
Ronald Reagan mudou a natureza do capitalismo praticado no país mais rico do mundo, concentração económica em superempresas



O liberalismo económico de Reagan apenas tem servido para enriquecer alguns especuladores

dores financeiros que conseguiram fortunas meteóricas graças a lucros obtidos no processo de fusão de grandes empresas. Um deles, John Kluge, tinha há dois anos uma fortuna pessoal avaliada em 300 milhões de dólares que saltou

não beneficiou a sociedade como um todo, tendo apenas enriquecido um reduzido número de especuladores. Outra constatação feita pelos jornais é a de que o operário norte-americano já não é o mais bem pago do mundo.



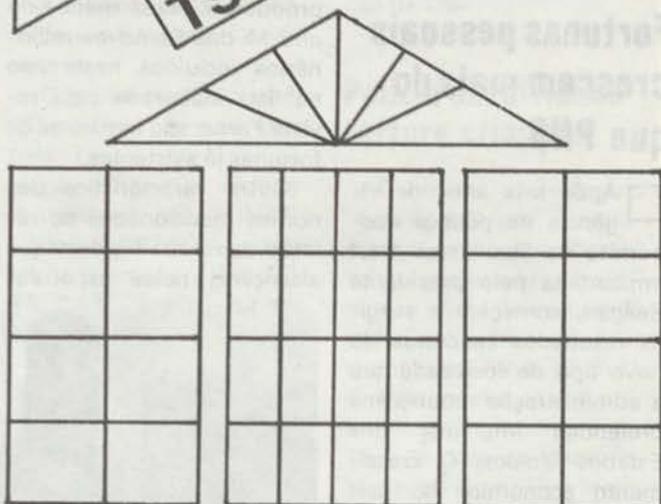
1886

1986

Centenário  
do Município



CÂMARA  
MUNICIPAL  
DE LOURES



**Seminário  
11 e 12/12/1986**

**Palácio  
do Correio-Mor**

**Arquitectura  
no equipamento  
colectivo**

# Um quadro adverso à cooperação internacional

No decorrer desta década os problemas dos países subdesenvolvidos têm vindo a piorar ano após ano. Este é, ao mesmo tempo, o período de maior inactividade em matéria de relações internacionais e de cooperação desde a Segunda Guerra Mundial.

A prova mais recente desta sombria constatação foi a última assembleia conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, realizada em Washington, no início de Outubro. Essa reunião financeira anual, a mais importante do planeta, não contribuiu praticamente em nada para a resolução dos grandes temas em agenda. Não foi conseguido o acordo das grandes potências capitalistas para impulsionar o crescimento mundial, não foram delineadas fórmulas para atenuar a esmagadora dívida externa dos países do Terceiro Mundo, não foi dada liquidez ao sistema do FMI nem foram conseguidos novos capitais para projectos de desenvolvimento no quadro do Banco Mundial. Mais de dez mil pessoas, entre elas um grande número de banqueiros, reuniram-se para não conseguirem praticamente nada.

Esta inércia no quadro das duas maiores instituições económicas multilaterais faz parte de uma indiferença geral relativamente à situação dos países subdesenvolvidos, situação que foi agravada precisamente por decisões adoptadas pelos países capitalistas industrializados.

Essas potências nem sequer estão dispostas a discutir as relações económicas com os países do Terceiro Mundo e as medidas para equilibrar as chocantes desigualdades entre as duas partes do globo. Mais especificamente, o chamado diálogo Norte-Sul é uma recordação longínqua e não há sinais de predisposição para retomá-lo.

Após a ascensão de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos, a superpotência pôs em xeque política e economicamente as Nações Unidas e os organismos da ONU que considera contrários à sua estratégia. Desta forma debilitou as instituições multilaterais criadas para canalizar a cooperação internacional.

Ao mesmo tempo, os países endividados foram obrigados a realizar drásticos programas de ajustamento económico que abateram as suas economias e os empobreceram para pagar a dívida que se tornou intolerável devido à recessão originada nos Estados Unidos, juntamente com os aumentos das taxas de juro que agigantaram o montante da mesma dívida.

Como os bancos privados se negam a conceder novos créditos, estes países converteram-se em exportadores líquidos de capital, ou seja, é maior o volume dos recursos que transferem para o Norte do que o fluxo de capitais que recebem. Assim, o saldo negativo da América Latina foi de

30.100 milhões de dólares em 1983 e de 27 mil milhões de dólares em 1984.

Um dado que circulou em Washington durante a assembleia de Outubro ilustra o contraste entre a amplitude dos problemas e a escassez dos recursos para enfrentá-los. Segundo o *Overseas Development Council*, no ano passado os bancos privados, assim como o FMI, o Banco Mundial e outros organismos multilaterais receberam, em 1985, dos seus 15 maiores credores, pagamentos no valor de 27.700 milhões de dólares.

Este montante é quase igual ao total dos 29 mil milhões de dólares previstos pelo Plano Baker para "resolver", ao longo de três anos, os problemas do endividamento. O plano defendido pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, pedia a concessão desses fundos, dos quais nove mil milhões anuais seriam concedidos em forma de novos empréstimos pelos bancos privados.

Na realidade só há fundos para operações de salvamento em última instância dos poucos países cuja falência pode ameaçar a estabilidade do sistema financeiro internacional e, em particular, os bancos comerciais norte-americanos. Foi este o caso dos seis mil milhões de dólares concedidos em 30 de Setembro ao México, que se encontrava à beira da cessação de pagamentos.

Nem todos os países subdesenvolvidos estão atormentados pela dívida. Mas praticamente todas as nações do Terceiro Mundo sofrem o drama da queda dos preços das suas exportações e de piores condições dos termos de troca.

Neste sentido, este período é o mais negativo da história recente. Durante as recessões sempre se registou uma menor

procura de matérias-primas, cujos volumes e preços caem, para se recuperarem durante a expansão seguinte.

A fase que se seguiu à última recessão, ao contrário, marcou uma contínua diminuição da procura, devido, entre outras causas, a processos industriais que consomem menos matérias-primas e ao crescimento privilegiado do sector dos serviços.

Como tal, a procura de produtos básicos continuou em baixa durante a expansão de 1983 e 1984, situação que se mantém sem que haja indícios de um aumento num futuro próximo. Este dado negativo insere-se no âmbito de um fenómeno desigual que afecta as economias subdesenvolvidas e beneficia as avançadas: no ano passado os preços, em dólar, das manufacturas aumentaram 1%, enquanto os preços das matérias-primas caíram 12% e os do petróleo 4%.

Sem considerar as fórmulas de cooperação, a forma mais natural e lógica de compensar os efeitos deste intercâmbio desigual deveria consistir na não colocação de limitações às exportações do Terceiro Mundo. Se se não colocassem entraves nos mercados do Norte, as nações subdesenvolvidas poderiam aumentar as suas exportações de matérias-primas, assim como se estimularia a produção daquelas manufacturas com as quais poderiam competir no mercado internacional.

Tal como se observou noutra conferência recente, os países industrializados não estão dispostos a liberalizar o comércio mundial. No curso das negociações comerciais globais realizadas em Setembro, em Punta del Este, Uruguai, as potências industrializadas refugiaram-se num proteccionismo que mantém restrições para os produtos do Terceiro Mundo.

Configurou-se assim um quadro completamente adverso à cooperação internacional. A área pobre do mundo é cada vez mais pobre e a área rica cada vez mais rica, enquanto se aprofunda o abismo económico entre o Norte e o Sul. O centro do sistema capitalista adopta políticas para preservar os seus interesses e privilégios, sem se importar com os danos que inflige à "periferia".

Mas seria injusto culpar todas as nações avançadas por esta situação, assim como pela indiferença pela busca de soluções. A responsabilidade por este retrocesso recai exclusivamente sobre o projecto levado

avante pela direita encabeçada por Ronald Reagan nos Estados Unidos e que se estendeu a outros países ocidentais.

Trata-se de uma onda reaccionária que se segue ao avanço das forças progressistas a nível mundial e que tem a sua expressão político-militar no armamentismo e no regresso à guerra fria.

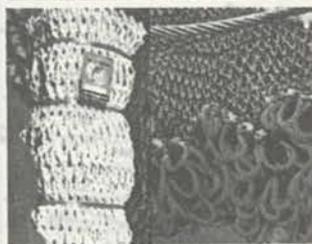
A onda reaccionária, como se vê, tem um alcance global e afecta toda a humanidade. Por isso, e apesar da sua agressividade, conduz os seus promotores a um isolamento progressivo e prepara as condições para novos avanços do movimento anticolonialista

## CINTER



### EXPORTERS · TEXTILES · FASHION

- SYNTHETIC FIBER TWINES AND ROPES
- COMPOUND ROPES
- WIRE ROPES
- LONG LINES



CINTER TRADING COMÉRCIO INTERNACIONAL DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.  
Rua Jardim do Tabaco, 44-2º Esq. 1100 LISBOA-PORTUGAL  
Telef. 876423 Telex 42646 CINTER P

Matéria de capa

# *Moçambique: A escalada da crise*



1985 - O Estado de S. Paulo

1985 - O Estado de S. Paulo



**M**ais duas frentes de guerra começaram a ganhar corpo na já tensa situação ao longo das fronteiras da África do Sul e dos seus aliados na região. Há informações de que Pretória está a concentrar tropas e a infiltrar terroristas na fronteira com o Zimbabwe.

Simultaneamente, aumentam os indícios de um choque iminente entre Moçambique e o Malawi, cujo governo é considerado um aliado de Pretória.

O agravamento do clima de guerra na área antecedeu a morte do presidente Samora Machel, num controverso acidente aéreo onde as maiores suspeitas apontam na direcção do "apartheid".

Machel era o artífice de uma mobilização diplomático-militar destinada a isolar o regime racista na África Austral.

A sucessão presidencial em Moçambique não alterou este quadro, que agora tem uma nova componente. Os militares sul-africanos já não se contentam em invadir os territórios dos países limítrofes e parecem dispostos a assassinar chefes de governo vizinhos, numa nova escalada para tentar desestabilizar a frente regional contra o "apartheid".



## A mobilização geral

Um clima de guerra já estava no ar quando se deu a morte do presidente Samora Machel. A tragédia agravou a situação e acentuou a mobilização geral contra o "apartheid" na África Austral.



Marcelino dos Santos (à esq.) e o novo presidente Joaquim Chissano (à direita) à frente do cortejo fúnebre

O ambiente em Moçambique, na sequência da morte de Samora Machel, é marcado "à flor da pele" pela convicção de que o desaparecimento do líder moçambicano faz parte de um plano mais vasto das chefias militares sul-africanas de generalização regional do processo desestabilizador, para facilitar mais tarde uma intervenção directa das forças armadas da África do Sul. Uma interpretação surgiu imediatamente em Maputo: para o general Malan (ministro da Defesa sul-africano) e os seus

colegas de hierarquia a morte de Samora era um teste à coesão da direcção da FRELIMO.

Essa coesão deu mostras de não poder ser abalada com a morte de Samora Machel. No dia 3 de Novembro reuniu-se em sessão extraordinária o Comité Central da FRELIMO que elegeu "por aclamação" Joaquim Chissano para presidente do partido FRELIMO, o qual tomou posse no dia 6. As "lutas pelo poder" e o eleitoralismo previstos – ou desejados – por meios de comunicação social na África do Sul e nou-

tros países, não vieram a acontecer.

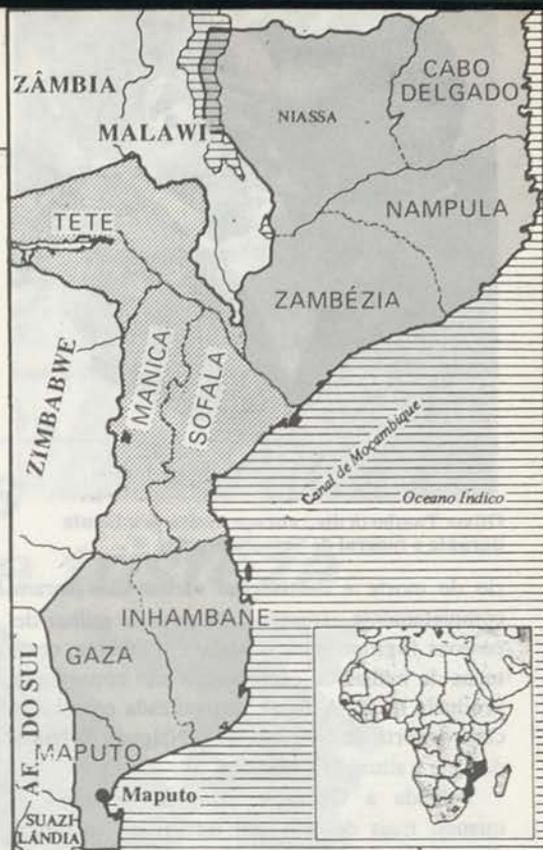
Com uma personalidade menos extrovertida do que a do seu antecessor, Chissano iria reafirmar no seu primeiro discurso como chefe de Estado os princípios e linhas de força de Samora. "Somos um Estado soberano, africano, não-alinhado e socialista", reafirmou Chissano, repetindo uma frase que Samora utilizara muitas vezes como síntese da política externa moçambicana. Chissano reiterou, depois, o desejo de Moçambique de manter relações com todos os Estados, singularizando os da Linha de Frente, da SADCC, do campo socialista, os países nórdicos e os ocidentais em geral.

"Continuaremos fiéis aos tratados de amizade e cooperação já assinados com países socialistas", disse o novo líder moçambicano. Quanto ao Ocidente: "reafirmamos o nosso desejo e determinação de desenvolver a cooperação com os países e povos ocidentais cujo apoio e solidariedade têm constituído um contributo importante na reconstrução nacional".

Foi o primeiro dia de alegria popular em duas semanas. Muito ovacionado por milhares de pessoas que acorreram à Praça da Independência para testemunhar a tomada de posse, Chissano previa grandes e novos sacrifícios e sofrimentos. E com razão. Uma fonte fidedigna disse a cadernos que a África do Sul tem preparados cinco mil "dissidentes" zimbabueanos para entrarem no sul do Zimbabwe. Objectivo de Magnus Malan: atrair as tropas zimbabueanas presentemente em Moçambique para fora das áreas de defesa do corredor da Beira e do centro-norte moçambicano. Por outro lado, a Zâmbia já tornou pública a infiltração de "bandidos armados" zambianos, treinados pela África do Sul na Namíbia, em território zambiano através, principalmente, de bases da UNITA em Angola.

Estes dois elementos são parte de todo um quadro que mantém toda a zona da África Austral, e Moçambique em particular, num estado de alerta permanente. E é este o ambiente que se respira em Moçambique. Um ambiente, simultaneamente de grande apreensão e de forte dispo-

1986 - Dezembro - nº 96



Com uma superfície de 801.590km<sup>2</sup>, a posição geográfica de Moçambique transforma os seus portos na via natural de escoamento da produção do Malawi, Zimbabwe e da parte setentrional da África do Sul, mas o comércio tem sofrido nas duas últimas décadas as consequências da guerra. A população de Moçambique é de 13.310.000 habitantes (1983) e está dividida em numerosas etnias, com origem no tronco banto.

S. Freitas

sição para um enfrentamento com a África do Sul.

Os dados não podiam ser mais claros: no fim de Setembro operou-se a partir do Malawi uma autêntica invasão da Zambézia e Tete por milhares de bandidos armados. Algumas fontes calculam o número entre seis e dez mil elementos da RENAMO vindos do Malawi. A segurança moçambicana, e testemunhas oculares, falam de comandos sul-africanos a chefiarem operações da RENAMO nas duas províncias e na de Sofala por onde passa a linha férrea Zimbabwe-Beira e o oleoduto que alimenta a indústria zimbabueana.

Da Zambézia, as notícias são as de um cenário terceiro mundo - 19



Oliver Tambo (à dir.) abraça o novo presidente durante o funeral de Samora Machel

rio de morte e destruição: várias vilas foram completamente arrasadas, dezenas de milhar de pessoas fugiram para o Malawi e Zâmbia, centenas de milhar de camponeses não conseguem produzir nada. A fome generalizada espreita o centro-norte de Moçambique. Nalguns distritos de Tete a situação é idêntica.

Falhada a Operação Maputo de 1984 — quando mais de dois mil terroristas entraram directamente a partir da África do Sul no sul de Moçambique para cercarem a capital — a África do Sul lançou a Operação Norte a partir do Malawi. Para lá se viraram as atenções de Moçambique e da Linha da Frente. Na leitura moçambicana da situação, Pretória procura consolidar a RENAMO no centro-norte do país para manter aberta a rota marítima de abastecimento de armas e munições aos bandos armados.

Por outro lado, opinam os moçambicanos, falhada a hipótese de desmoronamento da direcção da FRELIMO com a morte de Samora, Pretória quererá ver até que ponto as forças armadas moçambicanas poderão adequar-se à presente fase de luta. Se a operação Zambézia e Tete falhar, então, pensa Moçambique, a África do Sul desencadeará uma intervenção directa a partir do Malawi — já lá estão contingentes sul-africanos —, e directamente de território sul-africano. Esta última hipótese já está a ser bastante sentida em Maputo. Ao longo da fronteira sul-africana com Moçambique, Pretória concentrou nas últimas três semanas de Outubro forças especiais de intervenção rápida compos-

20 — terceiro mundo

tas por comandos de reconhecimento — os *reconies* —, esquadrilhas de helicópteros *puma* e *alouette*, e esquadrilhas de caças *Impalas MK-II*.

Ao mesmo tempo, o raciocínio de que a base do poder político dos militares sul-africanos é a desestabilização regional, completa-se com o receio de que haja mais eliminações de líderes importantes da África Austral — incluindo líderes da luta libertadora da África do Sul — porque esses líderes são factores de estabilidade, logo obstáculos à instabilidade generalizada que Pretória quer impor.

Mas outras perguntas agitam a África Austral. Por exemplo, que passos vai dar a Linha da Frente para se opor à generalização da guerra pela África do Sul?

Algumas respostas começam a desenhar-se. No dia a seguir ao funeral de Samora Machel a Linha da Frente reuniu-se em Maputo. Dois dias depois era dada a notícia de que o vice-primeiro-ministro zimbabweano, Simon Muzenda, estava em Moscovo à frente de uma delegação militar e da segurança do seu país. Dedução: o Zimbabwe e outros países da zona que cooperam mais com o Ocidente em termos militares não estão mais dispostos a aplicar uma leitura sectária das suas necessidades em termos de defesa.

De todos os países da Linha da Frente partiram delegações de alto nível para outros Estados. Missão única: demonstrar a urgência de uma posição mundial contra o *apartheid* e apelar ao reforço da sua capacidade defensiva.

Na altura em que este trabalho era escrito, os resultados dessas missões estavam ainda no reino da especulação, mas tinha-se por certa a disposição da União Soviética e da Índia em apoiarem a Linha da Frente em termos militares.

Tirada a prova dos nove destes dias que antecederam e sucederam à morte de Samora, surgem em Maputo duas hipóteses de conter a escalada de guerra de Pretória: ou o Ocidente envia a Pretória uma mensagem muito clara para se conter, ou a Linha da Frente, com todos os apoios que conseguir obter, terá que fazer frente à máquina de guerra sul-africana.

Samora tinha uma visão de uma África Austral em paz, com uma África do Sul governada por forças patrióticas aderida à SADCC, uma região capaz de, em unidade, realizar todo o seu potencial de riqueza e fazer, pouco a pouco, alterar os trágicos desequilíbrios económicos entre o Terceiro e o Primeiro Mundo. Os próxi-

mos meses terão muito a dizer sobre isso: se no fim do *apartheid* haverá uma África do Sul intacta ou se completamente destruída pela inércia arrasadora da actual política de desestabilização dos generais Malan, Van Der Westhuizen, Viljoen e outros.

Carlos Cardoso

## Bons augúrios num tempo de tristeza



Reuters

A morte do líder moçambicano Samora Machel não abalou a coesão existente no seio da FRELIMO

**A** pesar das repetidas ameaças feitas pelo governo sul-africano, a morte do presidente Samora Machel, ocorrida na noite de 19 de Outubro, constituiu um duro golpe para todos. Nas semanas que a precederam, o dirigente moçambicano tinha desenvolvido uma intensa actividade interna e externa, nada fa-

zendo prever que toda a sua vitalidade seria interrompida de forma tão abrupta.

Um dos grandes êxitos colhidos para a região, em consequência da movimentação impulsionada por Machel, foi o apoio dado pelos Não-Alinhados aos povos da África Austral directa ou indirectamente ameaçados pelo regime

racista de Pretória. Os países que integram a Linha da Frente tinham saído bastante fortalecidos da recente conferência de alto nível realizada em Harare, a capital zimbabweana. Logo após este encontro que reuniu chefes de Estado e de governo de várias partes do mundo, os presidentes Samora Machel e Kenneth Kaunda, da Zâmbia, e o primeiro-ministro Robert Mugabe, do Zimbabwe, deslocaram-se até ao Malawi para uma reunião com as autoridades locais. Nas conversações decorridas em Blantyre não esteve presente a Tanzânia, mas de acordo com declarações oficiais divulgadas pelos participantes, o governo de Ali Hassan Mwinyi apoiava inteiramente a iniciativa.

Durante cerca de duas horas, o governo do Malawi foi duramente criticado pelo facto de se haver transformado numa base de agressão sul-africana contra Moçambique. Para demonstrar a gravidade das acusações feitas, Samora Machel teria desafiado o presidente Banda a acompanhá-lo numa viagem pelo interior da província de Tete, onde lhe seriam mostradas as bases montadas pela África do Sul com apoio malawiano. O velho ditador recusou. Dias depois, no entanto, chegou a Maputo uma delegação do Malawi de alto nível para entabular conversações.

A etapa seguinte da ofensiva pela paz dirigida pelo presidente Samora Machel foi a conferência realizada na cidade zambiana de Mbala. Nela estiveram presentes, além de Kaunda e Robert Mugabe, altos funcionários do governo do Zaire, encabeçados pelo seu presidente, Mobutu Sese Seku.

Todos estes contactos traduziram a preocupação crescente com os rumos que a região estava a levar, resultado da política extremamente agressiva da África do Sul na área. No caso específico de Moçambique, além da concentração de tropas na fronteira, foi desfechada uma violenta campanha de ameaças directas ao presidente Samora Machel. Em termos concretos, ao mesmo tempo que a África do Sul infiltrava nos arredores da capital moçambicana — distante apenas 80km da fronteira entre os dois países —

um comando terrorista especializado em acções urbanas, fazia entrar, através do Malawi, um contingente calculado em cerca de oito mil homens. Uma vez mais, o governo do Malawi não apenas oferecia aos *boers* facilidades no seu território como apoiava a incursão com pessoal militar e de segurança.

Não resta a menor dúvida de que o empenho do presidente Samora de estabelecer um clima de paz, permanente e duradouro, na África Austral começava a dar os primeiros resultados. Nunca como neste período os países da região tinham assumido uma posição tão coesa e firme. E o governo de Pretória sentia que o controlo da situação começava a escapar-lhe por entre os dedos. Foi então que o avião presidencial, proveniente da Zâmbia, despenhou-se em território sul-africano. O facto ocorreu às 21 horas e 30 minutos do dia 19, mas somente às seis e cinquenta da manhã do dia seguinte é que a queda do aparelho foi comunicada ao governo de Maputo, apesar de todos os esforços feitos para localizá-lo. Como realça o comunicado das autoridades moçambicanas, a mensagem recebida não fornecia maiores detalhes sobre o ocorrido.

### Grandes manifestações de pesar

A dedicação sem descanso à causa da paz, a extraordinária personalidade que marcou a vida do dirigente do partido e do governo e ainda a trágica morte física, tudo isto tocou profundamente o povo moçambicano. Movido pelo desejo de prestar uma justa e merecida homenagem ao líder da luta pela independência nacional, milhares de pessoas de todas as condições sociais acorreram às ruas da capital. As manifestações públicas de pesar começaram quando a urna contendo o corpo de Samora Machel foi transportada da casa mortuária para o Conselho Executivo, onde ficaria em câmara ardente. Apesar de, por solicitação do governo, a rotina de trabalho ter decorrido normalmente, com todos os funcionários nos seus postos, as avenidas Eduardo Mondlane e Salvador Allende ficaram apinhadas nos quarteirões por onde o cortejo des-

## Bons augúrios num tempo de tristeza

filava. À passagem das viaturas militares que, em marcha lenta, transportavam o antigo enfermeiro que se tornou líder do seu povo, grandes manifestações de dor explodiam por toda a parte. Já quase no final do percurso, as mulheres dos tres mercados populares existentes no centro da cidade juntaram-se ao pranto geral.

Poucos governantes foram alvo de tanto carinho e respeito como Samora Machel. Mesmo junto das crianças, nascidas depois da independência e que têm apenas um contacto indirecto com o regime colonial e a dura luta para liquidá-lo, houve demonstrações de compreensão e estima. Em conversas mantidas nos mais diferentes pontos da capital, foi possível sentir o que Samora Machel significava para elas. Para os menores, ele era o homem alegre e espontâneo, que cantava nos comícios e utilizava expressões do dia-a-dia. Para os mais crescidos, permanece a imagem do presidente que sempre se preocupava com a necessidade de que tivessem escolas, roupa e comida. E para todos a mensagem de que em Moçambique não há lugar para o racismo. À medida que a idade vai aumentando, surgem ideias mais claras sobre o perigo que representa o regime do *apartheid* e a importância da solidariedade internacional. Neste sentido, a juventude demonstrou à sua maneira que o lento trabalho realizado em 11 anos de independência tem produzido resultados.

### Homenagens religiosas

Ao mesmo tempo em que os moçambicanos reverenciavam o grande dirigente tragicamente desaparecido, o governo sul-africano desencadeava uma verdadeira guerra psicológica contra o país. Neste jogo sujo valia tanto a falsificação de telexes como os boatos alarmistas. Numa tentativa para confundir as informações em torno da queda do avião presidencial, citaram uma respeitada agência noticiosa de um país socialista como tendo divulgado que o aparelho fora abatido pela RENAMO. Esta versão mentirosa foi veiculada tanto por emissoras sul-africanas como através de estações europeias sem grande

audiência e de conhecida tendência direita. Entre os boatos postos a circular havia um que afirmava ser fictícia a calma observada em todo o território moçambicano. Tão logo o corpo do presidente Samora Machel fosse enterrado — diziam —, irromperiam grandes e violentas manifestações contra o Partido FRELIMO e o governo, terminando com o massacre da população branca.

Na realidade, o que sucedeu foi exactamente o contrário. Não se verificou qualquer tipo de manifestação contrária às autoridades nem muito menos tumultos no campo ou nas cidades.



Protestos no Zimbabwe a seguir à morte de Machel

E, para desgosto dos peritos da guerra psicológica, ocorreu uma coisa inesperada: uma chuva miúda, fria e persistente começou a cair horas depois do anúncio oficial da morte do presidente Samora Machel.

De acordo com a tradição africana, chover por ocasião da morte de um chefe tem três significados: constitui um sinal de que ele foi bem acolhido no seio dos seus antepassados; que o morto foi um grande dirigente, amado e respeitado por vários povos e temido pelo inimigo; e por fim, deve ser interpretada como garantia de que o futuro será promissor. Isto é, ao juntar-se

aos ancestrais, tornando-se um deles, o líder não perde influência sobre a comunidade que governou. Pelo contrário, a sua presença constante, manifestada na continuidade da sua obra, será penhor de paz e prosperidade.

Nos dias que precederam a deposição da urna funerária no interior do monumento dedicado aos heróis moçambicanos, ao lado do corpo de Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), de todos os lados acorriam pessoas desejosas de prestar a última homenagem a Samora Machel. Nacionais e estrangeiros, organizados segundo os locais de trabalho, centros de estudo e confissões religiosas, suportaram em respeitoso silêncio os incómodos do calor e da chuva. Uma presença que de imediato chamou a atenção foi a de mulheres pertencentes às comunidades paquistanesa e indiana, na longa fila que levava ao Conselho Executivo da cidade de Maputo. Desde a independência, em 1975, a única vez em que foram vistas numa manifestação foi por ocasião da visita do então presidente português Ramalho Eanes, há mais de dois anos.

## Biografia de Samora Machel

Samora Moisés Machel nasceu em Chilembene, na província de Gaza, a 29 de Setembro de 1933. Fez estudos primários numa escola missionária na sua província natal, após o que se empregou como enfermeiro no Hospital Central de Maputo (ex-Lourenço Marques), enquanto prosseguia os seus estudos secundários à noite.

Envolveu-se em actividades políticas na clandestinidade contra o regime colonial-fascista desde a sua juventude. Imediatamente após a criação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em 1962, Samora Machel juntou-se ao novo movimento, depois de escapar dos serviços

Agora, em sinal de luto, trocavam os caros e coloridos trajes típicos por outros simplesmente brancos, integrando-se no solene desfile.

Esta demonstração pública de pesar tem uma componente política que não deve ser negligenciada. Conhecidos popularmente por "monhés", os indianos e paquistaneses exercem uma dinâmica actividade económica no sector privado, ao longo da costa oriental da África. Politicamente a sua posição é bastante conservadora. Em Moçambique, essa mesma posição provocou alguns atritos com o governo dirigido pelo Partido FRELIMO. Um dos momentos críticos teve lugar há cerca de três anos, quando, por crime de sabotagem económica — prática de tráfico de divisas e contrabando de camarão, uma importante fonte de divisas do país — foi fuzilado em praça pública um conhecido negociante de origem paquistanesa. A homenagem prestada ao presidente Samora — e muitos membros da comunidade choravam — significa que, acima de tudo, permaneceu inatacável a imagem do grande dirigente que soube mobilizar todos em torno de um projecto comum de unidade nacional.

de segurança portugueses e sul-africanos quando saiu de Moçambique.

Samora Machel figurava entre o primeiro grupo de guerrilheiros que receberam treino militar na Argélia em 1963, tendo sido posteriormente apontado para primeiro comandante dos campos de treino político-militar de Kongwa e Nachingwe na Tanzania. Mais tarde liderou as frentes de guerra do Niassa e de Cabo-Delgado.

Em 1966 foi designado secretário para a Defesa da FRELIMO, comandante militar do movimento. Em 1968 foi eleito para o Comité Central no II Congresso da FRELIMO.

Após o assassinato do primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, por agentes da polícia portuguesa, Samora Machel foi eleito membro do Conselho da Presidência. Em Maio de 1970 foi eleito

AIM



Populares prestam as últimas homenagens ao presidente desaparecido

Por seu lado, além de muçulmanos e hindus, outras confissões religiosas estiveram presentes, tanto fisicamente como através de mensagens e cultos especiais. Juntamente com freiras católicas que depositavam ramos de flores diante da urna funerária, padres e pastores protestantes

ou dirigentes da seita Baha'i, todos rendiam a sua homenagem. Mais tarde, a igreja católica promoveu uma missa solene de sétimo dia, dedicada à memória de Samora Machel, acto que foi presenciado pelo ministro da Justiça, Ali Dauto Osman, entre outros dirigentes moçambicanos,

Reuters

presidente da Frente de Libertação de Moçambique.

Samora Machel tornou-se presidente da República Popular de Moçambique a 25 de Junho de 1975, data da independência nacional, tendo sido reeleito para presidente do Partido FRELIMO em 1977 durante o III Congresso.

A 25 de Setembro de 1980, Samora Machel recebeu a patente de marechal da República e comandante-em-chefe das forças armadas de Moçambique.

O IV Congresso do Partido FRELIMO, em 1983, reelegeu Samora Machel na presidência do partido. Em 1984 foi condecorado com a mais alta medalha de herói da República pelo parlamento moçambicano, a Assembleia Popular.

A 16 de Março de 1984, Samora Machel

assinou o acordo de Nkomati de não-agressão e boa vizinhança com o então primeiro-ministro sul-africano Pieter Botha. A despeito deste acordo, os militares sul-africanos não abandonaram o seu apoio aos bandidos armados pela África do Sul contra Moçambique (RENAMO).

O presidente Samora Machel foi um dos fundadores da Linha da Frente e um dos signatários da declaração de Lusaka de 1980, que constitui a Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC).

Samora Machel foi honrado com distinções de vários outros países. Estas incluem a Ordem de Paz Lênine da União Soviética, as medalhas de Playa Giron e José Martí, de Cuba, a medalha George Dimitrov, da Bulgária, e a Ordem de Saint Michael e Saint George, da Grã-Bretanha.

contando ainda com a presença do ex-presidente Ramalho Eanes, de Portugal, e membros do corpo diplomático. O arcebispo de Maputo, D. Alexandre, foi secundado pelo delegado apostólico do Vaticano em Moçambique e pelo bispo de Xai-Xai, província de Gaza, Júlio Duarte Langa. Ao elogiar o presidente tragicamente falecido, D. Alexandre disse que constituía um *exemplo único, talvez em todo o mundo, o governo que Samora criou, englobando todas as raças, tribos e crenças*. Referindo-se às causas que levaram à morte brutal do chefe da nação moçambicana, o arcebispo de Maputo afirmou que poderia tratar-se de um *inimigo com medo, pois socorreu-se da morte para alcançar os seus intentos*. Por sua vez, a comunidade protestante fez celebrar um culto especial, no

popular bairro de Chamanculo, no qual participaram mais de 12 mil pessoas.

#### Mundo reverencia Samora Machel

Na manhã do dia 28 de Outubro, coube a Marcelino dos Santos, um veterano da luta armada de libertação nacional e segundo homem na hierarquia do Partido FRELIMO, pronunciar o discurso de despedida. Perante delegações de mais de 70 países, na presença de cerca de 20 chefes de Estado e de governo, este membro do Bureau Político levou até à nação um dos mais tocantes elogios a um combatente caído pela causa da paz. A leitura do texto foi várias vezes interrompida por suas próprias lágrimas e soluços. A locutora da *Rádio Moçambique*, que fazia

### “Uphi Samora?”

□ Vasco Langa, funcionário do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, foi um dos sobreviventes do desastre aéreo de 19 de Outubro que vitimou o presidente Samora Machel. No seu regresso a Maputo, após dez dias de internamento num hospital sul-africano em Nelspruit, Langa contou a alguns dirigentes moçambicanos tudo o que presenciou a seguir ao despenhamento do avião presidencial e como foi tratado pelas autoridades da África do Sul.

Segundo Langa, ao retomar os sentidos poucos minutos após a queda do aparelho — “eram 21.35hs” — viu três grupos de homens brancos e negros, cada um com cerca de nove pessoas, dirigirem-se para o local do acidente. “Um grupo veio da asa direita, onde eu estava sentado. Traziam pistolas na mão. Passaram em frente, por cima dos corpos. Falavam em *afrikaaner* e *zulu*”. O funcionário do protocolo afirma que um dos homens repetia constantemente “*uphi*

Samora, *uphi Samora?*” (onde está Samora?). Logo a seguir apareceu um segundo grupo vindo da “cabeça do avião”, passando pelo “lado onde eu estava”. “Eles pisavam mesmo as pessoas”, disse. Com a passagem dos minutos, os sobreviventes que iam retomando os sentidos começaram a gritar por socorro.

Langa revelou que um dos grupos, equipado com lanternas, começou a recolher documentos dos destroços. “Apanharam os documentos da Ivete (secretária de Samora Machel) e do camarada presidente. Apanharam todos os documentos que estavam lá fora e foram-se embora”. Sobre este mesmo ponto, um outro sobrevivente, Almeida Bruno, disse numa conferência de imprensa realizada em Maputo que o número de mortos não teria sido tão grande se os sul-africanos tivessem prestado socorro imediato às vítimas em vez de passarem horas a recolher documentos e outros materiais, sem se importarem com os feridos.

A certa altura Vasco Langa diz ter ouvido o “barulho de helicópteros”, que no entanto não chegaram ao local do desastre. Mais tarde “vieram muitos carros” que se

## Bons augúrios num tempo de tristeza

a cobertura das cerimónias, também se deixou envolver pela emoção. O mesmo clima era partilhado pela multidão que, directa ou indirectamente, acompanhava a cerimónia.

Às dez e meia, todo o país parou para observar um minuto de silêncio em homenagem ao presidente Samora Machel. Para marcar o início do desfile da urna, foi disparada uma salva de artilharia, acompanhada pelas sirenes das fábricas e empresas e o apitar das locomotivas e barcos. Lentamente, sob a chuva que caía desde o dia da divulgação da morte do líder moçambicano, o cortejo seguiu as avenidas Ho Chi Min, Karl Marx, Eduardo Mondlane e Acordos de Lusaka, com destino à Praça dos Heróis. Era quase uma da tarde quando a urna solenemente transportada chegou ao seu local de destino.

colocaram "em várias posições à volta do avião com as luzes acesas, mas, quando se aproximaram do local, apagaram-nas. Ficaram com aquelas lanternas muito grandes de foco". Eram 8 horas da manhã do dia 20 quando os primeiros sobreviventes deram entrada num hospital de Nelspruit.

Dos dias 20 a 24, Langa conta que foi submetido a vários "interrogatórios" sobre o seu relacionamento com o presidente Samora Machel e do teor da última reunião do líder moçambicano com as autoridades do Zimbabwe. "Disseram-me: 'Langa, é bom dizeres a verdade porque nós já temos todos os dados sobre ti e a tua profissão'. Disse-lhes que não sabia de nada".

Vasco Langa afirma que foi então que tentaram aliciá-lo para se juntar aos bandos contra-revolucionários. "Eles disseram-me: 'tu sabes que a RENAMO está a avançar, está a tomar posições importantes? Não sabes isso?' e insistiram: 'Langa, estamos a ver que estás muito ferido. Nós garantimos-te que em duas semanas vamos submeter-te a operações e tratamentos intensivos e que hás-de ficar bom. Vamos le-

É importante realçar que em nenhum momento houve qualquer restrição ao movimento dos milhares de pessoas que acompanharam as cerimónias de despedida. Na grande praça situada em frente do Conselho Executivo, ao longo de todo o percurso e no próprio local onde se encontra erigido o monumento aos heróis que tomaram na luta pela independência nacional, a segurança dos dirigentes nacionais e das representações estrangeiras parecia estar entregue apenas ao próprio povo. Alguns moçambicanos contam comovidos como viram trabalhadores, homens e mulheres, acompanharem, com as mãos pousadas sobre o veículo, o carro negro

Kok Nam/AIM



Destroços do avião presidencial

var-te para Pretória, onde hás-de ir estudar e queremos-te juntar ao grupo que está a trabalhar para libertar Moçambique".

Os interrogatórios prosseguiram, incidindo sobre vários tópicos. "Eles mandaram um major da força aérea fazer-me perguntas sobre aviação. Eu respondia-lhe que não percebo nada disso".

Segundo Langa, mal chegou ao hospital, e ainda sofrendo de dores agudas, foi obrigado a ouvir dos militares sul-africanos comentários do tipo: "já sabes que o Samora morreu? Já sabes que o marxista morreu?"

com matrícula do Bureau Político que transportava Marcelino dos Santos. Para eles constituiu uma grande experiência ver, através da janela com os vidros abertos, a expressão de profunda dor que cobria o rosto do veterano companheiro de armas de Samora Machel.

Já no monumento, a urna deu entrada no seu interior acompanhada pelos familiares mais directos, membros do Bureau Político altos oficiais das Forças Armadas de Moçambique. O corpo de Samora Machel foi então depositado num cacifo situado ao lado daquele onde repousam os restos mortais de Eduardo Chivambo Mondlane, morto em 1969 em consequência da explosão de um pacote-armadilhado enviado pelos serviços secretos salazaristas. A cerimónia foi simples, terminando com a deposição de flores feita por Graça Machel, esposa do falecido líder e ministro da Educação, gesto que foi acompanhado pelos seus filhos.

O primeiro dirigente estrangeiro a entrar no local, após a saída dos familiares e dos membros do Bureau Político do Partido FRELIMO, foi Kenneth Kaunda, da Zâmbia. O actual presidente da Linha da Frente, logo que soube da trágica ocorrência, não hesitou em acusar directamente a África do Sul como responsável pelo crime. Em seguida foi a vez do primeiro-ministro Robert Mugabe, do Zimbabwe, presidente em exercício dos Não-Alinhados. Depois seguiram-se Ali Hassan Mwinyi, da Tanzânia, José Eduardo dos Santos, presidente de Angola e do grupo formado pelas cinco ex-colónias portuguesas na África. Logo após as homenagens prestadas por Aristides Pereira, de Cabo Verde, João Bernardo Vieira, da Guiné-Bissau, e Manuel Pinto da Costa, de São Tomé e Príncipe, houve o longo desfile de chefes de Estado e de governo da África, dos países socialistas e de outras partes do mundo.

Na parte da tarde, no espírito da tradição africana, houve a cerimónia de lavar as mãos. Quando um familiar é sepultado, parentes e amigos reúnem-se para tomar chá ou uma refeição mais consistente. Antes, porém, devem lavar as mãos. No local onde a cerimónia decor-

reu, um parque de campismo situado perto da praia da Costa do Sol, algumas vezes utilizado para recepções oficiais, mulheres vestidas de negro ofereciam água e toalhas para as abluções. Desta forma, mais uma homenagem era prestada àquele cuja morte levantou em todo o mundo — conforme realçou Marcelino dos Santos no seu discurso de despedida — “vozes de humilhados, de oprimidos dispostos a dar a vida para que nasça a liberdade, para que se imponha a dignidade”.

### A luta continua

Um dos principais pontos do discurso de posse de Joaquim Chissano, eleito a 3 de Outubro presidente do Partido FRELIMO em sessão especial do Comité Central, refere-se ao combate a ser intensificado contra os bandidos armados. Recrutados, organizados e assessorados pela África do Sul, os seus integrantes já causaram ao país centenas de mortos e feridos, além de milhares de dólares em perdas materiais. Uma imagem bastante convincente do que a RENAMO significa para a população pode ser encontrada no filme “Matando um sonho”, documentário realizado pelo casal sueco Gunila e Andersen, ele fotógrafo e ela socióloga, em diferentes partes de Moçambique. Em determinada altura, quando perguntam a um camponês o que pensa acerca do que a RENAMO deseja conseguir com as suas operações, ele olha fixamente para um ponto distante no horizonte, franze a testa e só depois de muito tempo é que exprime em voz alta o seu pensamento: “se eles tomarem o poder, vão governar um país onde a população não tem nem nariz nem orelhas”. Todo este clima de horror foi possível porque, com a assinatura do Acordo de Nkomati, as autoridades de Pretória passaram a utilizar-se do Malawi como testa-de-ponte contra o território moçambicano.

Na sua mensagem, Chissano sublinhou que nesta tarefa de combate intransigente contra a RENAMO e aqueles que a sustentam “temos que fazer participar todo o povo moçambicano,

## Bons augúrios num tempo de tristeza

mobilizando a totalidade dos nossos recursos humanos, materiais e financeiros, para assegurarmos a vitória que garante a continuidade da nossa revolução, a edificação do socialismo". Estas declarações traduzem uma firme posição diante da linha dura adoptada pelos *boers* em relação à África Austral e muito particularmente contra Moçambique. Nem mesmo durante o período correspondente à morte do presidente Samora Machel e ao seu funeral, de 19 a 28 de Outubro, os racistas deixaram de proferir ameaças. As forças armadas sul-africanas mantiveram um numeroso contingente estacionado na fronteira e o seu Estado-Maior divulgava dia após dia operações fictícias do Congresso Nacional Africano, com o objectivo de ligá-las com supostas bases em Moçambique. O que o regime racista procurava era preparar o espírito das tropas para uma invasão.

Mesmo que todas estas ameaças venham a concretizar-se, o futuro da África Austral não será moldado definitivamente pelo regime racista e minoritário da África do Sul. Por mais de uma vez, de forma privada ou em público, o presidente Samora Machel considerou esta hipótese e a resposta a ser dada. Para ele, a Graça Machel (ao centro), viúva do presidente, durante o funeral

agressão nada mais faria que reconduzir o povo moçambicano à origem da sua independência: a luta guerrilheira. Para os conhecedores da trajectória do Partido FRELIMO e do seu líder máximo durante mais de duas décadas, estas palavras não podem ser tomadas como retórica vazia. Traduzem, de facto, um projecto político e um plano de acção coerentes com a história do país que Samora Machel se empenhou em construir.

O Partido FRELIMO e as forças armadas de Moçambique não dispõem apenas de quadros forjados na luta contra o colonialismo português. O fracasso da invasão da Tanzânia por parte das tropas do ditador ugandês Idi Amin Dada e a vitória do povo zimbabueano sobre os racistas da então Rodésia muito devem à ajuda solidária do povo moçambicano. Além do apoio na área diplomática, combatentes internacionalistas de Moçambique juntaram-se aos efectivos de Julius Nyerere e de Robert Mugabe, dando assim um novo passo na libertação do continente.

Não se pode descartar a possibilidade de uma nova agressão, agora em larga escala, por parte



da África do Sul. O ataque aéreo em 1983 contra Maputo e a grande ofensiva desencadeada nos últimos meses através do Malawi demonstram a persistência de um esforço que tem como objectivo desalojar o Partido FRELIMO do poder. Para Moçambique, caso se concretizem a invasão e a ocupação, a perda de vidas humanas e bens materiais será muito dolorosa. Mas isso não significará a derrota. Factores de ordem interna e externa — a coesão existente entre povo, partido e forças armadas, juntamente com o fortalecimento da solidariedade entre os países-membros da Linha de Frente — influirão decisivamente no fracasso dos planos de Pretória. No interior da própria África do Sul há

grupos influentes que se opõem à dura linha política externa do seu governo. É bastante significativo que, no comunicado tornado público em Outubro, antes da morte do presidente Samora Machel, onde se declarava o estado de alerta permanente face à ameaça de bombardeamento a Maputo e de ocupação do território moçambicano, o governo tenha mencionado que as informações referentes ao plano de agressão tinham chegado às suas mãos por iniciativa de alguns sectores económicos sul-africanos. Esta atitude de frontal oposição é uma prova mais do que evidente do isolamento dos *boers* e da existência de uma frente contra eles, que não incluiria apenas os países vizinhos ameaçados.

### Quem é Chissano?

□ Joaquim Alberto Chissano, eleito presidente do Partido FRELIMO, nasceu a 22 de Outubro de 1939, em Malheice, distrito de Chibuto, na província moçambicana de Gaza.

Frequentou a escola primária na capital da sua província natal, Xai-Xai e continuou os seus estudos secundários em Maputo (antiga Lourenço Marques).

Em Maputo, fez parte do NESAM (Núcleo dos Estudantes Africanos Moçambicanos do Ensino Secundário), uma organização nacionalista fundada por Eduardo Mondlane, primeiro presidente da FRELIMO.

Em 1960, deixa Moçambique e vai para Portugal, a fim de continuar os seus estudos superiores. Um ano depois, saiu clandestinamente para a França, onde se juntou ao movimento de libertação. Em 1962, participou na fundação da FRELIMO. No ano seguinte, foi escolhido por Mondlane para seu secretário.

Na FRELIMO exerceu sucessivamente os cargos de secretário da Educação e Cultura, Informação e Propaganda e da

Defesa, quando os titulares dessas pastas se deslocavam para o estrangeiro para prosseguirem os seus estudos militares.

Membro do Comité Central da FRELIMO desde 1963, Chissano manteve-se solidário aos ideais de Mondlane e Machel na luta contra os reaccionários, os racistas e as forças tribalistas, na crise vivida pela FRELIMO em 1968/69.

Chissano tomou parte nas negociações com as autoridades coloniais portuguesas em Lusaka, em Junho de 1974, e nas subsequentes conversações que culminaram com o acordo de Lusaka de 7 de Setembro de 1974, no qual Portugal concordou em transferir completamente o poder para a FRELIMO.

Foi primeiro-ministro do governo de transição de 25 de Junho de 1975 até à independência total.

Quando foi constituído o primeiro governo moçambicano, o presidente Samora indicou Chissano para ministro dos Negócios Estrangeiros, posto que manteve até ao presente momento. Representou Moçambique na Assembleia Geral da ONU, na Organização de Unidade Africana (OUA), no Movimento dos Países Não-Alinhados e noutros foros internacionais.

Dentro da própria África do Sul a oposição actuante contra a perigosa política alimentada pela ideologia do *apartheid* já alcançou os mais altos escalões dos círculos económicos e financeiros do país. E quando um regime se vê minado a este nível, ele já tem os seus dias contados.

Por outro lado, o desaparecimento do presidente Samora Machel não provocou um vazio político no país ou na região. Como grande dirigente, Samora formou quadros do mais alto nível, o que foi uma prova de sabedoria política. O perfil do novo líder do partido e do governo moçambicanos garante perfeitamente não só a continuidade como a estatura da obra iniciada pelo seu predecessor. Para começar, Chissano faz parte do grupo de patriotas que, em 1962, fundou a FRELIMO. Entre os cargos e funções por ele ocupados estão o de secretário de Eduardo Mondlane e o de responsável sucessivamente pelos departamentos de Informação, Segurança e Defesa. Por duas vezes foi enviado ao exterior para se submeter a preparação militar, tendo hoje a patente de major-general das Forças Armadas de Moçambique (FAM). Nos anos de 1968 e 1969 cerrou fileiras ao lado de Mondlane e de Samora Machel no combate contra tribelistas, racistas e regionalistas infiltrados na organização revolucionária. Membro do Comité Central desde 1963, foi eleito para o Bureau Político durante o III Congresso da FRELIMO. A sua experiência no campo diplomático vem também do tempo da luta armada de libertação nacional. Desempenhou um papel de destaque nas conversações de 1974, que culminaram com a assinatura, em Setembro do mesmo ano, dos Acordos de Lusaka com Portugal. Por nomeação do presidente Samora Machel assumiu, em 1975, o cargo de primeiro-ministro encarregado de preparar a proclamação da independência. A partir deste ano tornou-se ministro dos Negócios Estrangeiros e membro da comissão permanente da Assembleia Popular. Nascido a 22 de Outubro de 1939, o novo presidente é conhecido pela sua capacidade de organização, espírito de disciplina e ainda como excelente orador e agitador político.

1986 - Dezembro - nº 96



Joaquim Chissano, novo presidente da RPM

O apoio unânime recebido pela proposta, encaminhada por Marcelino dos Santos ao Comité Central, nomeando-o para o mais alto cargo do partido e do Estado indicam, no plano interno, o grau de confiança que lhe é depositada. Externamente, a sua imagem é a de um dos diplomatas melhor formados e mais capazes de entre os que já estiveram nas Nações Unidas ou em outros foros internacionais importantes. Todas estas qualidades tornam Joaquim Chissano um líder perfeitamente à altura dos tremendos desafios que o mundo de hoje coloca a países como Moçambique. Decisão é o que lhe não falta. Não é por acaso que a primeira música que ele cantou, acompanhado pelos demais membros do Comité Central, tem como refrão: *hi ta famba, hi voninguela*, que em tradução livre diz o seguinte: "iremos e espalharemos luz". Noutras palavras, com o novo dirigente, o Partido FRELIMO continuará a trajectória traçada desde o desencadeamento da luta armada de libertação nacional, em 1962, iluminando o caminho que conduz à liberdade. E na manhã da posse de Chissano como presidente da República Popular de Moçambique também choveu. Para o povo é um bom augúrio. ●

Etevaldo Hipólito  
terceiro mundo - 31

Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.



uma Empresa privilegiada  
na auscultação directa e  
no diálogo negociador,  
preparada e experimentada  
como via das melhores condições  
de parceria, que decorrem do  
planeamento de  
um grande mercado.

# ANGOLA

O seu estatuto preferencial  
é um espelho que reflecte  
as necessidades orientadas e  
as potencialidades do  
comércio externo angolano.



uma experiência  
adquirida  
uma confiança  
reforçada  
no domínio de  
acordos e  
operações  
comerciais e  
no fomento de  
cooperação  
técnica com a RPA.

Consulte:  
VESPER • Importação e Exportação, Lda.  
Av. João Crisóstomo, 16, 3.º  
1000 LISBOA • Portugal  
telefs. 54 80 00 (8 linhas)  
telex 43688 VESPER P  
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos  
Luso-Angolana, associada das  
seguintes Unidades Económicas Estadais:

IMPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Importação

EXPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U.E.E.  
Empresa de Despachos Afandegários  
de Luanda

e da  
COTECO, Sociedade de Cooperação  
Técnica e Comercial, Limitada

## A justiça deve ser reestruturada

Após a tentativa de golpe de Paulo Correia e a sua condenação à pena de morte, a aplicação da justiça e a situação dos direitos humanos são discutidos pelo secretário do Comité Central do PAIGC, Vasco Cabral

**N**uma longa entrevista exclusiva a cadernos do terceiro mundo, o dr. Vasco Cabral, dirigente histórico do PAIGC, actual secretário permanente do seu Comité Central, analisa a situação política e económica do seu país. Trata-se da primeira entrevista de fundo de um dirigente guineense após os acontecimentos que levaram ao fuzilamento do coronel Paulo Correia e de outros cinco dirigentes, acusados de conspiração.

*Na sequência da remodelação de 12 de Julho passado, o senhor foi nomeado ministro da Justiça apesar de ter ocupado sempre cargos exclusivamente ligados à área económica ou ao Partido. A que se deve essa nomeação?*

— Em Julho último procedeu-se a uma remodelação governamental que correspondeu, por um lado, à necessidade de tornar mais funcional o aparelho do Estado e que foi, por outro lado, a consequência da situação política a que tive-

mos de fazer face no seio do Partido. Como se sabe, fomos forçados a tomar certas decisões contra alguns dos membros do Partido que se envolveram em acções oportunistas, de carácter tribalista e que tiveram o cunho de uma alta traição. Participaram nestas acções alguns indivíduos que desempenhavam funções importantes no quadro do Estado, como acontecia com o ex-primeiro-vice-presidente e antigo ministro de Estado da Justiça e do Poder Local



Carlos Pinto Santos

“Remodelação governamental correspondeu à necessidade de tornar mais funcional o aparelho do Estado”

Paulo Correia. Foi ele, aliás, o chefe da conspiração contra a segurança do Estado e contra o Partido, juntamente com vários outros.

O sector da Justiça encontra-se desarticulado e enfraquecido; ele é um dos sectores mais importantes da vida da nação e necessita de ser posto a funcionar como deve ser. Daí a minha nomeação; ela exigirá de mim a organização desse sector vital.

### Justiça e condições prisionais

*A sua nomeação coincide com um período em que órgãos internacionais tecem duras críticas à aplicação da justiça no seu país, na sequência da morte na prisão de alguns dos implicados na tentativa de golpe de Estado de Outubro de 1985 e do posterior fuzilamento de seis deles...*

— Foi com a intenção de imprimir à nossa Justiça um carácter mais operativo e também para se pôr cobro a algumas anomalias que se verificaram na administração da Justiça, durante a permanência no cargo de Paulo Correia, que o presidente João Bernardo Vieira decidiu a nomeação de um novo titular efectivo da pasta.

Temporariamente, por cerca de um ano, a Justiça esteve sem titular, sendo dirigida interinamente e "ad hoc" pelo 2º vice-presidente do Conselho de Estado e ministro de Estado das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP) camarada Iafai Ca-

Baptista da Silva



Vasco Cabral

mará. Isso repercutiu no âmbito da administração da Justiça porque se tinha criado a situação de um barco à deriva e havia que garantir por todos os meios a segurança do Estado e manter uma vigilância aturada e constante. Isso implicou um grande esforço e muito trabalho para as FARP e para a Segurança Nacional.

Desde há muito tempo que o nosso Ministério da Justiça — já desde as vigências anteriores a Paulo Correia — luta com dificuldades no plano da organização prisional e, sobretudo, no que se refere às condições de vida dos presos, à sua alimentação e cuidados de saúde. Apesar das várias medidas que se tomaram para a melhoria das condições de vida nas prisões, estas ainda não conseguiram alcançar um nível satisfatório.

O país vive as enormes dificuldades resultantes de uma

situação económica e financeira deficitária e de crise. Não há, pois, possibilidade de estabelecermos para os presos as condições que desejamos vir a ter, e para as quais trabalhamos.

Ora essas condições não existem mesmo nos hospitais. E o mesmo podemos dizer quanto à alimentação. As carencias alimentares da população em geral existem e nunca escondemos essa realidade. Naturalmente isso se reflecte nas condições dos detidos.

A luz desta realidade, o que podemos dizer é que tais condições explicam a existência de casos de presos que, já de si de fraca compleição, tendo sido vítimas de doença durante a sua detenção, não puderam resistir ou não puderam ser assistidos como a gravidade não suposta do seu caso exigia.

Pensamos, no entanto, vir a tomar no futuro certas medidas concretas para, na base da experiência, evitarmos a repetição de tais casos. Contamos vir a ser capazes de mobilizar a boa vontade de algumas organizações não-governamentais, e em particular a Cruz Vermelha Internacional, para nos ajudar na criação de condições que nos possam permitir melhorar vários aspectos e sectores da nossa organização judiciária, prisional e de assistência aos presos.

### Uma campanha malévola

*Não acha que a gravidade dessas ocorrências serviram de argumento aos que no exterior atacam o regime político lide-*

rado pelo presidente Nino Vieira?

— Em certos países, e muito em particular em Portugal, determinados órgãos de imprensa de direita e gente saudosista do passado colonialista nos têm caluniado. Eles orquestraram mesmo uma malévolos campanha contra o nosso país, o nosso Partido e o nosso povo, procurando até criar situações de fricção no quadro da boa cooperação que existe entre a República da Guiné-Bissau e Portugal. Rotulam-nos das cores que querem ou que gostariam que nós tivéssemos para melhor e mais facilmente nos ataquem. Mas esquecem-se que sempre definimos claramente não só as nossas opções mas também a nossa política de não-alinhamento activo.

*Paulo Correia e os alegados conspiradores de Outubro de 1985 foram tratados com muito maior dureza e severidade do que o ex-primeiro-ministro Victor Saúde Maria, por exemplo, também ele acusado de golpismo. Porquê?*

— O caso de Paulo Correia foi ainda mais grave do que o de Victor Saúde Maria, ex-primeiro-ministro e vice-presidente do Conselho da Revolução, após a acção triunfante do 14 de Novembro de 1980. Tanto num caso como no outro houve nas acções cometidas uma nítida e flagrante infracção dos princípios do Partido.

Por ambição, Victor Saúde Maria agiu no sentido da eliminação política de camaradas

que se opunham aos seus desígnios e à política que preconizava para o país, de acordo com os seus interesses pessoais e com os ligados a certos círculos do poder em países estrangeiros.

A sua tentativa falhou. A imensa maioria de militantes e dirigentes do Partido recusou-se a fazer o seu jogo. E ele sofreu, logicamente, as consequências dos seus actos apesar da ajuda que se lhe quis pres-

destaque de que já desfrutava tanto nas estruturas do Partido como do Estado, onde desempenhava as funções máximas de membro do Bureau Político de 1º vice-presidente do Conselho de Estado e de ministro.

Em segundo lugar, porque utilizou o tribalismo e pretendeu aliciar elementos da FARP, da segurança e da guarda presidencial.

Em terceiro lugar porque mobilizou para a sua acção

Carlos Pinto Santos



“Sempre nos caracterizámos pelo humanismo”

tar, tentando mostrar-lhe o insucesso a que estaria votado, o que realmente veio a acontecer.

#### O caso Paulo Correia

*Em que é que diferiu a acção de Paulo Correia...?*

— O caso de Paulo Correia foi muito mais grave, por várias razões: Em primeiro lugar porque pretendia a conquista do poder por meios violentos, apesar do papel de grande

criminoso vários elementos partidários já condenados colectivamente por má conduta moral, cívica e política tanto a nível do Partido como do Estado.

Em quarto lugar porque se aliou conscientemente a inimigos confessos do nosso Partido, vinculados ao colonialismo português e outras forças reacçãoárias.

Em quinto lugar porque, além do mais, como ficou cabalmente provado, decidira li-

quidar fisicamente, se o seu golpe tivesse êxito, os principais dirigentes do Partido e do Estado.

A sua acção iria mergulhar o país num banho de sangue, criar desequilíbrios sociais e destruir a unidade nacional que já conseguimos. Iria entrar o processo de consolidação da nação guineense e de uma consciência nacional, elementos fundamentais — e direi mesmo indispensáveis — à promoção do nosso desenvolvimento, à paz e à segurança do nosso povo. E, na defesa dos supremos interesses populares aplicámos a lei que, além do mais, considera o tribalismo, o racismo e o regionalismo como crimes graves.

Depois das devidas investigações, o processo de Paulo Correia e dos seus apaniguados foi entregue ao foro judicial que, para casos desta natureza, é do âmbito do Supremo Tribunal Militar. Aos réus foi dada toda a possibilidade de defesa. A instrução do processo, apesar da sua complexidade, não se arrastou por longo tempo. O julgamento, apesar do direito que temos de o poder fazer à porta fechada, foi público.

“A lógica dos factos...”

*No entanto, a segurança do Estado e as autoridades policiais foram acusadas de se terem transformado em estruturas “todo-poderosas”, tendo chamado a si a instrução do processo, marginalizando o aparelho judiciário?*

— Isso não é verdade. Evi-

dentemente que tratando-se no caso de Paulo Correia de acções de natureza política, ele tinha que ser sempre objecto de análise e discussão ao nível das instâncias do Partido e do Estado ligadas com as próprias funções que ele desempenhava. Assim se fez e realizaram-se com ele inúmeras reuniões no quadro do Bureau Político e do Conselho de Estado, desde o momento em que começou a ser objecto de algumas acusações por parte de camaradas que, entretanto, haviam sido apanhados a agir contra os interesses do Partido e do Estado. Mas nenhum de nós na direcção do Partido podia aceitar como provável ou viável a traição de Paulo Correia. Ouvimo-lo, pois, com toda a atenção e até ao limite máximo possível, até que a lógica dos factos nos veio pôr perante o facto consumado. E ele foi preso também...

É evidente que as FARP e a segurança do Estado tinham



Presidente Nino Vieira

que se envolver nas investigações para o apuramento da verdade e a avaliação do grau de gravidade do que se estava a tramar. Isso, porque a maior parte dos envolvidos faziam parte do exército e tinham cargos de responsabilidade nas esferas do Partido e do Estado.

De qualquer forma, ninguém estava mais interessado do que nós no apuramento da verdade e na salvaguarda da imagem política de cada responsável ou dirigente presumivelmente envolvido.

No entanto, Paulo Correia agiu e continuou sempre a agir com um cinismo abominável, tentando mesmo a certa altura baralhar as cartas de modo a arrastar consigo no turbilhão da traição gente séria e inocente, com o intuito de decepar o Partido e criar no nosso seio a desconfiança e a insegurança. Ele e os seus sequazes não foram condenados pelas suas ideias políticas, que se tornaram contrárias às nossas, mas sim pela sua acção providamente criminosa e cujas consequências se, por uma razão qualquer, o seu diabólico plano tivesse vingado, seriam difíceis de prever.

#### **Pena de morte e reflexos na ajuda internacional**

*Para quando a abolição da pena de morte na Guiné-Bissau?*

— Sempre nos caracterizámos pelo humanismo, que vem, aliás, desde os tempos da luta de libertação nacional. O sistema que actualmente vigora foi o fruto de uma profunda discussão, larga, franca e

aberta. Mas se o nosso povo julgar necessário alterá-lo, isso não oferece qualquer dificuldade.

A pena de morte existe ainda em numerosos países, muitos deles desenvolvidos. A sua manutenção ou abolição está relacionada com a realidade política, económica, social e cultural que neles prevalece. A Guiné-Bissau não constitui a esse respeito um caso particular.

*Alguns observadores previam que o fuzilamento dos promotores da tentativa de golpe de Estado de Outubro de 1985, bem como a morte de alguns detidos por falta de assistência médica provocariam a quebra na ajuda internacional ao desenvolvimento da Guiné-Bissau. Que dados tem o senhor a este respeito?*

— Tanto quanto podemos observar até agora não houve qualquer diminuição na ajuda internacional em relação ao nosso país. Mas ainda é demasiado cedo para tirarmos conclusões definitivas.

#### Comércio privado

*Uma das vertentes fundamentais do Programa Económico de Reestruturação e Austeridade implantado a partir de 1984/85 consistia na crescente liberalização da economia, com a transferência dos principais circuitos comerciais para a esfera da iniciativa privada. Como está a decorrer essa transferência e que resultados proporcionou já?*

— Temos estado a cumprir as medidas que preconizámos e

elas seguem o seu curso normal. Tais medidas enquadram-se não só no âmbito do Programa de Estabilização Económica e Financeira que adoptámos mas também na esfera de realizações dos nossos Planos Quadrienais de Desenvolvimento Económico e Social. O primeiro deles termina no fim deste ano e já está em preparação o Plano Quadrienal 1987-1990.

Nesses instrumentos de política económica prevíamos medidas — e um certo número delas já se concretizou e outras estão em vias de sê-lo — que se

As medidas em relação ao comércio e à privatização do comércio interno a retalho não são isoladas, inserem-se no conjunto das medidas que preconizámos para o saneamento económico e financeiro do país.

#### Produção alimentar: primeira prioridade

*Desde sempre o PAIGG definiu o sector agrícola como o sector estratégico do desenvolvimento. Isso mesmo foi reafirmado após o 14 de Novembro de 1980 com o derrube do ex-*



“A prioridade é conferida à produção alimentar”

relacionam com a necessidade de redução do défice orçamental e com a balança de pagamentos. Um dos aspectos fundamentais refere-se à reestruturação do sector comercial a fim de conseguirmos reconstituir os circuitos económicos, dinamizar a produção agrícola e aumentar as exportações.

*-presidente Luís Cabral. Hoje, de facto, o sector rural está invariavelmente presente no discurso político, mas em termos concretos o que tem sido feito e o que se pensa fazer a curto-médio prazo?*

— Existe um projecto já elaborado, detalhado e sectorizado. Ele está integrado no 1º Plano Quadrienal de Desenvolvimento

terceiro mundo — 37

volvimento (1983-1986) que ainda estamos a aplicar e, na base da experiência vivida e das correcções à que a mesma conduziu, constará no 2º Plano, já em preparação, que abarca os anos de 1987 a 1990.

No âmbito do Plano estabeleceu-se aquilo a que chamamos um Bloco Prioritário de Actividade e que comporta os seguintes sectores: a agricultura, os produtos florestais (em especial a madeira), a pes-

catória, a produção popular e artesanal; a garantir um abastecimento normal e regular do sector produtivo moderno em matérias-primas, energia, peças sobressalentes e certos tipos de equipamentos.

As medidas que estamos a aplicar neste quadro visam sobretudo favorecer as populações rurais.

Por outro lado, o país foi dividido em zonas de desenvolvimento agrícola e estabele-

produtos agrícolas de primeira necessidade.

*A recente remodelação governamental trouxe como inovação a criação do cargo de (três) ministros residentes no Norte, Leste e Sul do país. Quais as funções e que poderes terão para intervir? De que meios serão dotados? A sua acção não se chocará com a intervenção de outros ministérios centrais de Bissau?*

— Essa inovação correspondeu a uma necessidade vital. Ela tem por objectivo a descentralização administrativa e permitir o desenvolvimento mais rápido das zonas rurais.

Os ministros residentes nas províncias têm assento no Conselho de Ministros e levam até este directamente os problemas que respeitam a essas zonas. Eles deixaram de ser tratados por interposta pessoa. Acabou a estrutura do Poder Local que funcionava ligada ao Ministério da Justiça e do Poder Local. Estes ministros, na nossa estrutura, são como os outros, só se diferenciando, como acontece com os seus colegas, dos ministros de Estado que lhe são hierarquicamente superiores.

Nas províncias, os ministros são assistidos por governadores das regiões que as integram, pelas estruturas do Partido e por um *staff* de pessoal técnico de diversas especialidades, a fim de garantir a promoção do desenvolvimento económico e social, sobretudo das zonas rurais. ●

**Entrevista concedida a  
Baptista da Silva**



“As medidas visam favorecer as populações”

ca e as minas. Definimos objectivos precisos para os quais estamos a trabalhar e que levam a criar condições para um aumento continuado da produção e das colheitas agrícolas; a atrair essa produção aos circuitos oficiais de comercialização, tanto os que estão ligados ao abastecimento e consumo interno como os que se prendem com a exportação; a impulsionar e dinamizar outras actividades locais como a pis-

cidas prioridades para cada uma delas. De acordo com a estratégia de desenvolvimento que adoptámos, a prioridade das prioridades é conferida ao sector rural e, neste, à produção alimentar. Também estabelecemos um sistema de segurança alimentar que está já em curso.

No pacote pontual de medidas que tomámos, aumentámos os preços ao produtor e procedemos à revisão dos preços dos

## “Em breve estarei em Assunção”

Domingo Laino, vice-presidente do Partido Liberal Radical Autêntico, é da opinião que a conquista da democracia ainda é possível pela via pacífica e que as eleições presidenciais previstas para 1988 serão realizadas

Desterrado desde 1982, quando o ditador Alfredo Stroessner não “engoliu” a edição do seu livro “O general comerciante”, Domingo Laino tentou, por cinco vezes, regressar ao Paraguai, no que sempre foi impedido. Já refeito das agressões recebidas, juntamente com aqueles que o acompanharam na sua última tentativa de regresso à pátria (o ex-embaixador norte-americano Robert White e o seu assistente argentino Alfredo Forti, os deputados uru-

guaios Roberto Asiain e Lopez Balestra, Melinda Roerik, do Centro de Estudos Internacionais de Washington, e o almirante norte-americano John Lee, membro do Conselho do Centro de Estudos Políticos de Washington), o vice-presidente do Partido Liberal Radical Autêntico respondeu a algumas perguntas colocadas por *cadernos do terceiro mundo*.

*Há alguma diferença entre esta última tentativa e as ante-*

*riores?*

— As primeiras três tentativas foram feitas sozinho, sem qualquer comitiva ou amigo nacional ou estrangeiro que me acompanhasse. Não tiveram grande repercussão. A quarta já foi feita com a mediação da igreja católica, quando do Ano Internacional da Família. O governo havia dito que eu poderia regressar com a minha esposa e os meus quatro filhos por via terrestre, mas quando nos apresentámos a minha entrada foi recusada. O porta-voz do governo faltou à sua



A hora é de mudança e o Paraguai não poderá ficar fechado aos novos tempos de liberdade



Domingo Laino, um regresso que é esperado a qualquer momento

palavra, apesar da mediação do arcebispo. Finalmente desloquei-me a Washington onde recebi a colaboração do senador Edward Kennedy, que enviou uma carta a Stroessner pedindo-lhe que me deixasse entrar, e de cerca de meia centena de representantes dos partidos políticos que também se dirigiram a Stroessner. Desta vez a repercussão foi bastante maior devido às personalidades que me acompanharam e à cobertura da viagem feita por três canais da televisão norte-americana.

*Apesar da maior repercussão e do interesse despertado nos Estados Unidos não conseguiu entrar...*

— Mas já não é a mesma coisa. Antes Stroessner acusava-me de bombista subversivo.  
40 — terceiro mundo

Hoje homens como o ministro do Interior Augusto Montanaro, o fiscal-geral do Estado Clotildo Gimenez Benitez e outros, já não me qualificam assim, antes afirmam que o meu caso está em estudo e dão a entender que poderei regressar ao país. Isto deve-se às pressões a que estão sujeitos, sobretudo por parte dos países europeus do Mercado Comum, dos Estados Unidos desde a agressão física ao embaixador White, e do governo uruguaio.

*Como vê a situação da ditadura mais longa da história americana?*

— Estamos em vias de uma transição para a democracia, baseada em condições objectivas internas e no plano internacional. A democratização da Argentina, Uruguaio, Brasil e

Bolívia; os recentes acontecimentos nas Filipinas e no Haiti; todos estes factos funcionam como uma pressão para que Stroessner se sinta cada vez mais isolado da comunidade internacional. E mesmo dentro do Paraguai também existem novidades políticas e sócio-económicas, como, por exemplo, o que aconteceu com os camponeses da zona do Alto Paraná, no departamento de Caaguazú, na fronteira com o Brasil.

*Que acontecimentos foram esses?*

— Organizações camponesas e camponeses organizados ocuparam terras incultas. Ergueram as suas unidades agrícolas e começaram a trabalhá-las, até que a repressão chegou de forma selvagem e assassinou os irmãos Martínez, filiados no Partido Liberal. A 40km de Juan O'Leary, em Caaguazú, cerca de vinte camponeses foram pendurados nas árvores pela polícia, factos que são do conhecimento público (chegaram até a ser publicados nos jornais controlados pelo sistema) e que foram condenados pelo bispo católico de Chaco, Melanio Medina. É patente também a grave situação sócio-económica, verificável na continuação da chegada de paraguaios apesar da crise argentina, porque lá ela é muito mais aguda.

O sistema também se está a ressentir do desmantelamento de muitos negócios ilícitos. A polícia argentina tem investigado a entrada irregular de mais de meio milhar de auto-

móveis Mercedes Benz trazidos do Paraguai, por onde também passam os canais do narcotráfico. Na ilha argentina de Cerro foram apreendidos 287kg de "marijuana". Há paraguaios implicados, juntamente com o secretário particular do governador Florencio Tenev, grande amigo do governo Stroessner.

Do ponto de vista económico também: existem sintomas de debilidade. De Janeiro a Julho de 1986 as exportações caíram 46% em relação ao mesmo período de 1985, e o montante de dólares que vão entrar este ano não serão suficientes para cobrir os serviços da dívida externa paraguaia, que é de 1.800 milhões de dólares a pública, ou de três mil milhões se se juntar a privada. Dividida por três milhões de habitantes dá cerca de mil dólares *per capita*. O valor das exportações anuais que era de 300 milhões de dólares caiu para 220 milhões, devido à seca e às inundações. A superfície das culturas de soja e algodão – produtos que representam mais de 60% das exportações do país – diminuiu. E há que juntar a tudo isto a deterioração dos preços agrícolas no mercado mundial, que afecta todo o Terceiro Mundo.

Por outro lado são visíveis as consequências da finalização das grandes obras da barragem de Itaipu, que deram origem a receitas muito grandes, como a entrada de 18 mil milhões de dólares numa década. Como Yaciretá segue muito lentamente em relação ao cronograma previsto, os trabalha-

1986 – Dezembro – nº 96



A ditadura é responsável pelas condições de miséria do povo

dores de Itaipu ficarão desempregados. Existe um *stock* de capital em depósito, máquinas valiosas que se deterioram e que não se aplicam a novas obras. Tudo isto afecta a estrutura do poder, debilita-o. As exportações ilícitas são volumosas, equivalem às legais, e são constituídas principalmente de madeira e grãos que saem pelo Brasil sem pagar impostos.

#### Conversar com todos os sectores

*E quanto à situação política?*

– As condições objectivas alteraram-se e o movimento democrático deu passos em frente. Muito importante para a transição da ditadura para a democracia pluralista é ter-se conseguido um maior empenhamento da igreja católica paraguaia, que tem feito apelos ao diálogo nacional. A fé religiosa está presente em 90% da população.

*Porque é que a igreja mudou o seu comportamento?*

– Ela sempre teve diferen-

tes correntes. A linha agrária que sempre criticou o regime, representada pelos bispos Ramón Bogarin, da província de Misiones, e Melanio Medina, assumiu a condução da igreja. Por outro lado, dentro do Partido Colorado começam a aparecer contradições, pratica-se pela primeira vez uma certa democracia, com duas listas em algumas secções. Desde 1940, quando apoiavam a ditadura de Moringo, sempre foram amigos de listas e candidatos únicos, onde tudo era aprovado por aclamação nas suas convenções ao estilo fascista. Hoje a própria estrutura exige mudanças.

*Considera possível uma aliança com alguns desses sectores colorados?*

– Os que criticam o sistema vigentes e apregoam princípios de democracia pluralista estão para nós numa posição aceitável. Isto diminui a esfera de influência do sistema, debilitando-o fortemente. Temos que dialogar com todos os sectores, inclusive com a ditadura, como defende a igreja, para chegarmos a uma transi-

terceiro mundo – 41

ção pacífica, sem desordem, de forma a sairmos desta situação de uma forma não-violenta, sem mortes nem derramamento de sangue.

*Existe no Paraguai um verdadeiro rasto de sangue e morte como acontece no Chile?*

— São fenómenos diferentes. A ditadura paraguaia é mais antiga. Teve início com Moringo em 1944, levando quase meio século de autocracia. O Paraguai teve a sua experiência armada, uma revolução em 1947 que custou muitas vidas, onde todos os partidos



Stroessner: o mandato do ditador termina em 1988

foram derrotados por Moringo e pelo Partido Colorado. Em 1959-60 tivemos também as nossas guerrilhas liberais, nos bosques de Caaguazú, esmagadas pelo sistema de Stroessner. Segundo a polícia paraguaia houve projectos de atentados e uma experiência armada que nós não acompanhamos. Sempre defendemos uma forma de luta dentro da não-violência activa.

Hoje não existem organiza-  
42 - terceiro mundo

ções armadas no Paraguai nem grupos que estejam a preparar qualquer organização deste tipo. O Partido Liberal Radical Auténtico, como os febreristas e a Democracia Cristã coincidem na tese de não-violência activa.

O Chile é muito diferente. Todos conhecem as circunstâncias do derrube e assassinato de Allende e a acção de Pinochet. Acções tremendamente violentas geram diferentes tipos de reacção. No Chile existem um Partido Comunista e uma esquerda organizada e forte, o que não

tema ditatorial não apenas opressivo no plano político mas também nos planos económico e social. Aparece assim a nu toda a sua verdadeira natureza.

Um jornalista de um canal de televisão norte-americana perguntou a Aldo Zucolillo, director do diário ABC porque é que não havia grupos armados no Paraguai. "Not yet" (ainda não), foi a resposta. Isto demonstra que o risco de desordem existe e que a oposição pode partir para outro tipo de actividade. Por isso é importante que o consenso do Cone Sul tome nota desta possibilidade e faça o possível para nos dar a sua solidariedade, para que não se violem os direitos humanos no Paraguai, para que tomem mais atenção à nossa situação, que pode afectar os países vizinhos. O factor mais preocupante é a violência de que são vítimas os camponeses. O presidente do nosso directório, Juan Carlos Zaldivar, que se encontra preso, visitou a zona e recolheu denúncias dos camponeses, estando neste momento a preparar um documento sobre o assunto.

### As forças políticas e sociais

*Qual é o panorama geral das forças políticas?*

— Existem dois partidos fortes, o Partido Liberal Radical Auténtico e o Colorado, dois partidos tradicionais que no próximo ano completam cem anos de existência. Os dois reúnem de 70 a 90% do eleitorado. O restante fica di-

vidido entre o Partido Revolucionário Febrerista, filiado na Internacional Socialista, o Partido Democrata-Cristão e o pequeno Partido Comunista, que foi muito castigado pelo sistema. O seu secretário-geral, Juan José Soler, é um dos desaparecidos, presumivelmente morto nalguma dependência da polícia. Estes três partidos poderiam ter entre 10 a 30% do eleitorado. O Colorado e o Liberal têm sofrido os embates causados pelo sistema; Stroessner dividiu o seu próprio partido e o liberalismo. Esta última corrente está dividida em três grupos: o Liberal, o Liberal Radical que tem representação eleitoral, e o Liberal Radical Auténtico, que apesar de não estar registado na Junta Eleitoral é o principal partido da oposição. O Colorado está dividido entre os militares, o stroessnerismo sem Stroessner, e os que criticam o stroessnerismo, os chamados "tradicionalistas". A partir da abertura democrática da Argentina, do Uruguai e do Brasil o governo viu-se forçado a ter uma posição mais tolerante com a oposição, permitindo manifestações públicas dos partidos. Com um ano de vida, o Movimento Intersindical de Trabalhadores, foi protagonista de factos importantes, como o desfile de cinco mil pessoas no 1º de Maio deste ano. Também os médicos dos hospitais se manifestaram reclamando melhores salários. As forças patronais gremiais, os camponeses sem terra e os estudantes militam de forma cada vez mais activa contra o ditador.



Os camponeses querem mudanças

*Essas forças sociais estão reunidas num centro unificador?*

— Não estão, mas há um esforço para se conseguir isso. O Acordo Nacional, que reúne febreristas, democrata-cristãos, liberais radicais autênticos e um sector colorado foi um projecto importante mas não conseguiu abranger as forças sociais, culturais e universitárias para ampliar o espectro desse acordo que continua a ser essencialmente político. O apelo da igreja ao diálogo poderá contribuir para que tenha um espectro mais amplo.

#### As relações com a igreja

*Como se dão os liberais com a igreja?*

— Historicamente, houve uma tensão com a igreja católica à luz dos princípios universais que deram origem ao liberalismo: o laicismo e a so-

breposição da razão sobre a fé como forma de se chegar à verdade. Nos últimos tempos existe uma maior atenção do liberalismo em relação à problemática paraguaia dentro de um contexto terceiro mundista. Estamos a lutar não só contra graves violações dos direitos humanos, que constituem um problema político, como ainda contra a opressão económica que muitas vezes tem as suas origens para lá das fronteiras do país. Certos princípios liberais clássicos, como a tendência para o comércio internacional e o anticonservadorismo económico em benefício da mão invisível do mercado não se ajustam aos interesses de países como o Paraguai, beneficiando apenas os países que controlam a economia. Se em países como os Estados Unidos sopra uma aragem fresca, no Paraguai a gente constipa-se. A direcção política actual baseia-se na realidade nacional e não em teorias. O nosso liberalismo é para o Paraguai, baseado nas nossas necessidades e interesses. Este partido de grande base popular, com 70% de camponeses, deve tornar os seus princípios tradicionais mais flexíveis para enfrentar os problemas do Paraguai como parte que é do Terceiro Mundo.

*Mas como são concretamente as relações com a igreja?*

— Muito boas, sobretudo com os sectores que se ocuparam da organização camponesa, incluindo os camponeses liberais. Quando monsenhor

Melanio Medina vem a Buenos Aires conversamos sobre o Paraguai e a problemática latino-americana. Estamos de acordo com o arcebispo Ismael Rolón no seu empenho pelo diálogo nacional. Não existem pontos de conflito.

*Que influência pode ter a posição norte-americana no Paraguai?*

- Muito grande e não apenas no Paraguai. É o centro do poder cuja importância é inegável. O embaixador Clyde Taylor e outros emissários expõem teoricamente a sua preocupação com a violência e os direitos humanos e sobre a necessidade de que o Paraguai transite para uma abertura maior no campo político. Nos Estados Unidos a política é mais complexa do que nos

nossos países periféricos. Existem diversos grupos de pressão, o Pentágono, a CIA, o Congresso, o Departamento de Estado, a opinião pública. Para se averiguar da profundidade da mudança da antiga posição para esta nova no que se refere ao nosso país haveria que verificar e estudar cada um desses factores de poder, cuja complexidade os coloca fora do nosso alcance. O fiscal-geral do Estado e o ministro do Interior disseram que eu estava a amoldar-me a certas exigências do poder executivo. Na verdade são eles quem se estão a amoldar, porque eu nunca renunciarei aos meus princípios nem a uma luta de décadas por um sistema democrático pluralista. Antes tratavam-me como subversivo; hoje estão muito mais brandos e dão lugar

a pensar que poderei voltar ao país.

*Quando estará de volta a Assunção?*

- Muito em breve. Existem condições objectivas internas e externas.

*Irá haver eleições presidenciais a curto prazo?*

- Em 1988 acaba o mandato de Stroessner.

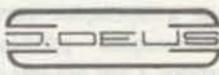
*O senhor será candidato?*

- Nunca pensei nisso. A longa ditadura requer uma transição. Portanto, se o meu partido assim o decidir, e em eleições livres, poderia sê-lo. Deverei estar no lugar onde possa prestar mais benefícios à causa do povo pelas suas reivindicações políticas, económicas e sociais.

**Horacio Verbitsky**

**JOÃO DE DEUS** RADIADORES

FABRICANTE DE RADIADORES E NINHOS PARA TODOS OS VEICULOS



EXPORTADOR PARA:

**Angola**  
**Cabo Verde**  
**S. Tomé e Príncipe**  
**e Europa**

GAMA COMPLETA PARA TODOS OS MODELOS EUROPEUS E JAPONESES

JOÃO DE DEUS E FILHOS L<sup>da</sup>

Estrada Nacional nº10 - Km. 140,260

2685 SACAEM - PORTUGAL      TLF. 255 33 89 - TLX. 16051 J. DEUS P.

# Com a palavra, o povo

Apesar da frustração do processo eleitoral, falho de credibilidade, as organizações populares irrompem no dia a dia do país e dinamizam o debate político.

Haiti vive actualmente um clima de liberdade sem precedentes na sua história. O momento é dos mais estimulantes devido à riqueza de expressão, reivindicações e busca da democracia por parte das classes populares.

A paz e o espaço de liberdade conquistados são impressionantes e fazem-se notar principalmente na província e no campo, onde o poder duvalierista foi substituído por autoridades designadas pelo povo para os cargos da guarda rural,

câmaras municipais e comités locais. Ao mesmo tempo e em todo o país continuam a aparecer associações civis e grupos políticos diversos. Toda esta mobilização tem uma única bandeira: a democracia.

Pela primeira vez, os jornais, a televisão e todos os meios de comunicação social assumem uma função crítica. Ocorrem debates que chegam a criticar o poder constituído, que tenta limitar esta liberdade, a qual ainda é notável, embora já não seja tão grande como nas semanas imediatamente a seguir à queda do ditador. Os partidos políticos estão em plena actividade, ainda inseguros nos seus passos



Melvyn Calderon/J.B. Pictures

No Haiti pós-Duvalier as classes populares buscam agora uma verdadeira democracia.

Reuters



Rauliers

Aumentam os protestos contra as subcondições de vida

mas com voz forte nas suas críticas e exigências. Antes de mais nada, o povo adquiriu consciência da sua própria força.

O modelo que os militares pretendiam impor ao assumir o poder era o do "duvalierismo sem Duvalier". Os seus planos foram frustrados pela mobilização popular, que chegou a um nível impensável nos dias seguintes à fuga do ditador. Os 300 mil assassinos a soldo, os *tonton-macoutes*, como eram conhecidos em todo o país, foram escorraçados. Mais de mil — os mais sanguinários — foram degolados, sobretudo no interior do país, e os restantes viram-se obrigados a fugir para Miami e Santo Domingo. Na verdade, enquanto o povo

castigava sem piedade os *tonton-macoutes* provenientes das camadas populares, a burguesia e o exército protegiam os seus, os mais poderosos. O movimento popular, porém, por não dispor de suficientes líderes e de organização, não pode completar totalmente a empreitada da democratização.

#### A ascensão popular

O povo está com a palavra. Nas ruas, nas fábricas, no campo e nos transportes colectivos as pessoas manifestam o seu descontentamento, criticando a impotência do governo provisório em relação aos problemas do país, que não param de crescer. É surpreendente o nível de consciencialização das

peças simples. Através do que elas dizem, percebe-se a profundidade dos movimentos sociais que estão a abalar o país, brotando das entranhas de um sistema sócio-económico em crise. Foram estes movimentos, e não as organizações políticas, os motores da luta contra a ditadura.

Nos bairros mais populosos de Porto Príncipe, onde mais de meio milhão de pessoas vivem sem água, sem trabalho e sem comida, as barricadas levantadas em Junho repudiavam o ministro do Interior, o coronel Williams Regala e o ministro das Finanças, Lesly Delalour, considerados pelo povo como subservientes em relação aos Estados Unidos.

De um modo geral, cresce nesses bairros o descontentamento, a agitação social e as queixas sobre as sub-humanas condições de vida dos seus habitantes. Estes nada têm a perder. A sua atitude em relação ao poder e aos ricos é de insubordinação. Na cidade de Les Cayes, castigada pelas inundações, os habitantes recusaram-se a receber ajuda alimentar enviada pelo governo. Os helicópteros tiveram que voltar cheios, enquanto o povo de barriga vazia, reivindicava mais trabalho e mudanças no sistema.

As viagens do Conselho Nacional de Governo (CNG) pelo interior foram recebidas com diversas formas de protesto nas cidades de Jereme, Jacmel e Petit Gonaives. Nesta última, situada no sul do país as pessoas vestiram-se de preto em sinal de repúdio pela

presença do coronel Regala, o segundo homem da Junta. Regala é tido pelo povo de Petit Gonaives como um dos responsáveis pela chacina ocorrida nesta cidade, em 1964, quando foram assassinados 60 parentes de guerrilheiros chegados do exterior para se internarem nas montanhas.

No campo, as invasões de terras por parte dos camponeses continuam. Os trabalhadores rurais querem recuperar as suas propriedades, usurpadas pelos duvalieristas, ou receber um pedaço de terra que tanta falta lhes faz. A *Radio Soleil*, emissora católica, aparece como porta-voz das reivindicações dos camponeses dos pontos mais distantes do país, exigindo os seus direitos e dando o seu ponto de vista sobre as principais questões.

O país vive num estado de insubordinação social generalizada. A exigência de democracia faz parte dessa insubordinação, que critica, além do CNG, um sistema que é por si só antidemocrático. A mobilização popular tem condições de introduzir no Haiti uma dinâmica revolucionária, embora a vanguarda desse movimento espontâneo ainda esteja por se constituir.

### O panorama político-partidário

A estruturação da sociedade política enfrenta actualmente os limites impostos pela ditadura duvalierista. A despolitização da população, imposta pelo terror, e a desconfiança

sistematicamente semeada não desaparecem de um dia para o outro, assim como os efeitos do aniquilamento dos líderes e dos quadros políticos, principalmente aqueles oriundos do povo ou voltados para ele e,



depois do arranque dado pelo movimento popular. Essa força teria que ser clandestina e muito disciplinada e dispor de um braço armado que operasse nas montanhas. Assim, o que surge da vitória popular é uma esquerda pouco organizada. O Partido Unificado dos Comunistas (PUCH) está agora na legalidade. Outros grupos de diferentes tendências populares – Ikopada, KID, comités de bairro – começam a entrar na fase de construção organizativa, com pouca capacidade para canalizar a imensa energia revolucionária que se agita no seio do povo, procurando uma

Manifestação de regozijo pela queda do ditador Duvalier (na foto, em cima)

Reuters



em menor número, os de classe média.

Toda esta situação criou, ao longo de 30 anos, um vazio que não pode ser preenchido em apenas alguns meses. Por essa razão ainda não surgiu uma força política organizada,

safada política real.

Os partidos eleiçoeiros aparecem como mato. Os que já tinham uma existência formal anterior, de oposição à ditadura, como o Democrata Cristão, de Sylvio Claude, e o Social Cristão, de Gregoire

terceiro mundo – 47

Eugene, tentam estruturar-se ao âmbito nacional. Os líderes vindos do estrangeiro como a âmbito nacional. Os líderes estilo tradicional, esforçam-se para montar uma "organização".

Uma lei recente sobre os partidos políticos reconhece o direito ao funcionamento de todos os partidos, sempre que se subordinem a uma série de disposições que delimitam o projecto de "democracia restrita", sugerido aos militares pelos seus assessores norte-americanos. Essa lei obriga os partidos políticos a entregar ao Ministério do Interior uma lista com o endereço de cinco mil membros e o nome de 20 líderes. Com isto o PUCH, por exemplo, fica fora do "jogo democrático", pois continua



O ex-presidente da Venezuela Rafael Caldera

vigente uma lei promulgada por François Duvalier em 28 de Abril de 1969 onde os comunistas e os seus "cúmplices" estão sujeitos à pena de morte.

### Os representantes do projecto de democracia moderada

A legalidade foi concebida para beneficiar os partidos de direita e do centro e alguns líderes que vieram do exterior com "cartas de recomendação". Marc Bazin, funcionário durante anos do Banco Mundial na África, apresentou-se como "contacto" da alta finança norte-americana, o que pode abrir a porta da ajuda externa. Leslie Manigat, ex-professor universitário exilado na Venezuela, chegou com o apoio da Democracia Cristã internacional. Três delegações democratas-cristãs visitaram o Haiti nos últimos meses, sendo que na última delas faziam parte, entre outras personali-

## Abstenção eleitoral

Uma abstenção generalizada teve lugar nas eleições de 20 de Outubro último, as quais deveriam indicar 41 dos 61 deputados para a Assembleia Constituinte.

Dos 5,3 milhões de habitantes do Haiti, cerca de três milhões estão considerados aptos a votar. Segundo cálculos oficiais, nas cidades com mais de 90 mil habitantes apenas votaram duas dúzias de pessoas e na capital, Port-au-Prince, apenas compareceram três mil eleitores.

Nas primeiras eleições depois da queda do ditador Jean-Claude Duvalier, os partidos políticos recém-organizados não apresentaram candidatos e pediram à po-

pulação para que se abstivesse de votar, como forma de protesto contra o governo do CNG.

A data limite para a apresentação dos candidatos foi prorrogada por 24 horas, para que houvesse, no mínimo, um candidato por círculo eleitoral. Finalmente, acabaram por se apresentar cerca de cem candidatos sem qualquer filiação partidária e ligados ao anterior regime.

O CNG designou uma comissão de nove personalidades para elaborar um projecto de Constituição, a ser submetido à Assembleia Constituinte formada pelos 41 membros eleitos mais 20 indicados pelo governo, que deverão terminar o seu trabalho em Janeiro de 1987.

Em Fevereiro do próximo ano, o projecto de Constituição aprovado pela Assembleia Constituinte deverá ser submetido a um referendo popular, de acordo com o cronograma estabelecido pelo CNG.

dades, o ex-presidente venezuelano Rafael Caldera e Flaminio Piccoli, dirigente máximo da Democracia Cristã internacional.

Outras figuras conhecidas que estão a organizar as suas forças são o ex-ministro duvalierista e sociólogo Hubert de Ronceray e um tenebroso e hábil político duvalierista, Clovis Desinor, que controla um grande número de centros do poder do antigo regime e da burguesia. Também lançaram mãos à obra dezenas de personagens folclóricas, algumas das quais acreditam ser "representantes de Deus para a salvação do Haiti". Estes *ayattollah* em potência tiram proveito da grande religiosidade da população e da força da igreja, que durante três décadas se aproveitou do desamparo das massas para o seu trabalho proselitista.

Apesar da proliferação de candidatos, do surgimento dos partidos e dos esforços de construção democrática por parte dos sectores mais avançados, o processo eleitoral é, por diversas razões, extremamente lento. O povo não se sente representado por nenhum dos candidatos nem aceita as práticas do passado, como a distribuição de dinheiro e aguardente em troca de votos.

### O processo eleitoral

Em Junho último, para sair de uma grave crise na qual o povo exigia a demissão do coronel Regala, que fora denunciado como sendo o homem



O país ainda não dispõe de cadernos eleitorais a nível nacional

dos norte-americanos, o Conselho Nacional de Governo divulgou um calendário eleitoral. O processo institucional determinou eleições presidenciais para Dezembro de 1987, com a criação prévia de Conselhos de Administração, nas secções rurais, e de Conselhos Comunitários Provisórios, cujos membros seriam eleitos, uma parte pelo povo, e outra parte designados pelas autoridades.

Este calendário ainda não pôde ser aplicado. O povo, inclusive nas zonas rurais, critica o processo e denuncia as fraudes e manobras do ministro do Interior. Tais práticas, conjugadas com as leis dos partidos políticos e a lei de imprensa — extremamente limitativa da liberdade de expressão — criaram um clima de desconfiança

em relação ao processo eleitoral. As pessoas não acreditam nas eleições. Isto ocorre principalmente porque o período anterior à ditadura dos Duvalier foi marcado pela fraude sistemática e pela imposição de candidaturas pelo exército e pela embaixada norte-americana. Por outro lado, como não existe no país um registo eleitoral, as eleições são por si só fraudulentas. Tudo indica que existe um acordo tácito entre os líderes da classe política e a oligarquia no sentido de legitimar estas obscuras regras do jogo.

●  
**Gérard Pierre Charles\***

\* Sociólogo e líder político da esquerda haitiana, viveu no exílio mais de vinte anos, no México, antes do seu regresso definitivo ao Haiti.

## A cultura: um património

O processo que deu lugar à queda do regime duvalierista e que continua a sacudir o Haiti, colocou em foco a importância do fenómeno cultural.

O papel desempenhado pela igreja católica na mobilização do povo contra a ditadura está muito ligado à influência exercida pela Teologia da Liberta-

ção no comportamento de muitos sacerdotes. Mas para que esta corrente da igreja adquirisse influência a nível popular foi necessário que os sacerdotes comessem a desembaraçar-se das roupagens eclesásticas europeias e adoptassem símbolos e instrumentos místicos do *vudu*. No dia em que o tambor começou a



Cerimónia vudu, um fenómeno cultural profundamente enraizado  
50 - terceiro mundo

acompanhar a missa, no lugar do órgão, o povo compreendeu que havia conseguido, finalmente, "voduizar" o catolicismo, que passou então a ganhar credibilidade.

A igreja começou a ganhar um espaço que nunca tinha alcançado e conseguiu captar e canalizar o descontentamento popular.

A presença da igreja foi tão forte no processo antiduvalierista que alguns padres e inclusive algumas seitas norte-americanas tentaram utilizar o facto de numerosos *hougans* (sacerdotes vudus) terem estado implicados no crime e nos abusos da ditadura para desencadear uma espécie de inquisição antivudu. Essa campanha incluiu a perseguição e o assassinato de numerosos sacerdotes.

Foi um atentado à cultura nacional, contra o qual se levantaram inúmeros intelectuais e sectores políticos. Na realidade, as instituições religiosas, desde os fundamentalistas até as seitas financiadas pela CIA, sentem que o *vudu* - esta poderosa raiz da cultura haitiana - constitui um obstáculo à sua campanha de desculturalização e despersonalização.

### O "créole" impõe-se

O movimento popular, ao irromper no cenário político, trouxe também para primeiro plano o *créole*. Desde 7 de Fevereiro, quando se rompeu a mordaza imposta ao povo e se



libertou a palavra, a explosão popular ressoou na língua nacional dos haitianos. O *créole* invadiu a televisão, a rádio e todos os meios de comunicação social, nas informações e nos discursos oficiais, no ensino escolar, na universidade e nos tribunais.

Hoje, o francês, tradicional idioma da elite e da discriminação, passou para segundo plano. O *créole*, de idioma oprimido e inferiorizado, adquire a categoria de principal veículo de reivindicação e de comunicação das maiorias. O *establishment* e o poder estabelecido não podem deixar de ouvir o idioma da identidade popular e nacional. Assim, um processo de revolução cultural acompanha o processo de mudanças

1986 - Dezembro - nº 96

sociais.

Há um século, José Martí, ao visitar o Haiti emitiu a seguinte opinião: "no Haiti a civilização entrará pelo *créole* ou não entrará". De facto, no Haiti, dada a força da cultura nacional, o progresso e sobretudo as ideias mais avançadas de mudança social para se estabelecerem terão de se adaptar à cultura popular.

O país participa através do *créole* no debate sobre a democracia e a soberania. Toda a sabedoria popular, toda a sua capacidade de resistência se libertam.

No Haiti, hoje, podemos dar-nos conta da riqueza da sua cultura encontrada na sua autovalorização, na sua mística religiosa, no seu idioma pró-

prio, na sua música, na sua gastronomia, na sua visão do mundo e nas relações humanas dos haitianos.

É verdade que o país é extremamente subdesenvolvido nos campos económico, social e político; que está tremendamente atrasado em relação aos níveis de vida da civilização ocidental, mas quanto ao seu património e à sua criatividade cultural, o Haiti exibe uma força *sui generis*.

Essa força garantiu ao país a sua sobrevivência diante dos seus saqueadores internos e externos e pode converter-se numa extraordinária fonte de energia, num processo de libertação nacional e social. ●

(G.P.C.)

terceiro mundo - 51



**ALIMENTARIUS**

COMÉRCIO DE IMPORTAÇÃO E  
EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS  
ALIMENTARES, LDA

- Comércio internacional de produtos alimentares e bens de consumo.



**LEMB**  
SOCIEDADE COMERCIAL DE  
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA

- Importação e exportação de bens de equipamento.
- Agentes exclusivos de várias indústrias de todos os continentes.

**IMPORT - EXPORT**  
O CONTACTO PRIVILEGIADO PARA ÁFRICA E MÉDIO ORIENTE

## Os primeiros seis meses de Corazón Aquino

A presidente das Filipinas toma medidas para controlar os preços, criar postos de trabalho e dismantelar os monopólios

Um motorista está contente com a baixa do preço do diesel; um preso libertado volta, sorridente, a reunir-se com a família; grupos de acção trabalham nos bairros-de-lata sem medo de serem presos; uma dona de casa verifica, aliviada, que o arroz está um pouco mais barato.

A maioria dos filipinos sente uma certa melhoria após a queda de Marcos e a subida ao poder do governo Aquino. Mas que é que conseguiu fazer Corazón Aquino nestes primeiros seis meses em termos de reforma económica de facto?

No dia 30 de Abril de 1986, a presidente filipina prometeu dar toda a prioridade ao auxílio à pobreza, à criação de empregos e à redistribuição do rendimento e da riqueza. Não poderia ter escolhido alvos mais adequados para o seu programa de governo. Mais de 70% dos filipinos vivem actualmente na pobreza. Mais de 2,6 milhões estão desempregados, e 35% a 40% dos que trabalham estão subempregados.

No dia 4 de Junho, o seu governo aprovou, em princípio, um plano de recuperação económica a ser posto em prá-

tica "com ou sem a aprovação do FMI (Fundo Monetário Internacional)". Um dos principais elementos do plano é um programa de emergência de criação de empregos no interior do país, envolvendo a quantia de 10 mil milhões de pesos (cerca de 460 milhões de dólares), que deverá beneficiar mais de um milhão de pessoas através de projectos de infra-estrutura rural.

O governo aprovou para 1986 um orçamento de 109.400 milhões de pesos (cerca de 5 mil milhões de dólares), 30 mil milhões mais do que o



Presidente Corazón Aquino passando revista às tropas em parada

orçamento de 1985, a despeito da preferência do FMI por um programa que previsse um orçamento baixo e impostos elevados.

O plano de recuperação visa também várias reformas no sistema fiscal, especificamente uma mudança no sentido de impostos directos, em preferência aos indirectos. O plano aceita ainda o programa de liberalização de importações imposto pelo FMI ao governo de Marcos, em troca de um re-escalamento da dívida externa.

Grande parte do plano é baseado no relatório preparado por uma comissão nomeada pela Direcção Nacional de Economia e Desenvolvimento (NEDA). Como título de "Recuperação Económica e Crescimento a Longo Prazo: Uma Agenda de Reformas", o relatório aborda vários temas importantes para a economia a curto e a médio prazos.

Além de um aumento dos gastos públicos, o relatório recomenda que seja facilitado o crédito ao sector privado. Em Maio de 1985, o Banco Central reduziu as suas exigências no tocante às reservas bancárias, criando com isso uma disponibilidade de 600 milhões de pesos (cerca de 28 milhões de dólares) para empréstimos a empresas necessitadas de capital. As taxas de juro baixaram de 35% em Janeiro para 15% em Outubro.

No entanto, sob muitos aspectos o relatório da NEDA reflecte as medidas económicas adoptadas no passado. O peso colocado no desenvolvimento

rural e agrícola através de agro-indústrias não constitui novidade.

Além disso, o plano incentiva a produção destinada à exportação, antigo programa iniciado pelo governo de Marcos. Recomenda que o governo elimine os impostos sobre as exportações e adopte uma política cambial flexível, o que significa que o peso poderá ser desvalorizado.

O relatório da NEDA prevê também um mercado de livre concorrência. A liberalização — eliminação de monopólios e um papel limitado do governo na economia — é um dos esforços básicos, especialmente no sector agrícola. A venda de empresas públicas ao sector privado é outro dos objectivos do relatório. A fixação do salário mínimo, segundo os autores do plano, deve ser abandonada pelo governo e decidida mediante negociações entre empresários e trabalhadores. Para o cidadão filipino comum, a melhor notícia até agora é a queda da inflação para 2,1% em Abril, em comparação com os 40% no mesmo período do ano passado. A queda dos preços mundiais do petróleo e dos preços dos combustíveis no retalho fez baixar ligeiramente as tarifas de transporte e de energia eléctrica.

Muitas das baixas de preços verificadas não resultaram da acção do governo. O petróleo e a ureia têm caído de preço no mercado internacional. A queda dos preços dos legumes e do arroz com casca reflecte a abundância da oferta. O exce-

dente da oferta do arroz deve-se também a um excesso de importações durante o governo de Marcos.

Mas houve casos em que o governo poderia ter agido deliberadamente para provocar a baixa de certos produtos, e não o fez. Na sua campanha presidencial, Corazón Aquino tinha prometido acabar com o novo imposto sobre circulação de mercadorias criado pelo seu antecessor, bem como reduzir o imposto sobre combustíveis e electricidade, além da isenção de todos os bens ligados à produção agrícola.

No entanto, um volumoso défice público e uma enorme dívida externa puseram fim a estas promessas. O efeito da baixa do petróleo em Maio foi reduzido à metade, através do aumento do imposto específico sobre o petróleo. Para financiar um défice orçamental que, no final deste ano, deverá atingir 38 mil milhões de pesos (cerca de dois mil milhões de dólares), o ministro das Finanças poderá aumentar os impostos sobre cigarros, bebidas e, mais uma vez, sobre os derivados do petróleo.

Não obstante, Corazón Aquino cumpriu algumas das promessas feitas durante a sua campanha presidencial. Substituiu o monopólio do açúcar por uma espécie de directório, com poderes bem menores. O órgão de comercialização desse directório, a *Philippine Sugar Market Corporation (Philsu-ma)*, que é a única compradora de açúcar do país, recebeu ordens para encerrar as suas operações até ao final do ano.

O preço do açúcar ao produtor subiu de 300 para 400 pesos (de 14 para 18 dólares) por saca de 60kg, a fim de desafogar os produtores.

O ataque aos monopólios e o regresso ao livre comércio do açúcar e do coco indicam que o governo pretende liberalizar a agricultura e atrair investimentos para esse sector. O ministro das Finanças, Jaime Ongpin, propôs a criação de uma Companhia Agrícola Nacional destinada a fornecer capital para *joint ventures* entre investidores filipinos e estrangeiros.

Os produtos agrícolas de exportação, como o cacau, dende, frutas tropicais e outros, terão prioridade. Companhias agro-industriais como a *San Miguel, Tagum Development, Dole, Del Monte, Sime-Darby* e *NDC-Guthrie*, já estão na mira para participarem deste projecto.

A atenção especial dada pelo governo à agro-indústria parece relegar para um remoto segundo plano a política de incentivos à produção de alimentos destinada a combater a pobreza e a fome. Além disso, o arrendamento de terras agrícolas a grandes empresas pode prejudicar o programa de reforma agrária. Tão-pouco será fácil ao governo permitir o uso de terras públicas por essas grandes empresas. Como observou o economista Mahar Mangahas, a maior parte das terras públicas já estão ocupadas por agricultores, os quais somente pela lei são considerados posseiros.

As medidas tomadas para

pôr fim aos monopólios agrícolas ainda não tiveram impacto sobre a vida dos agricultores. Por exemplo, embora a proibição de exportar copra tenha sido revogada, os seus preços continuam baixos (em certas regiões, ao mesmo baixo nível de 1966).

modo a abranger todas as terras agrícolas, inclusive plantações de cana e coco. Foi esta, aliás, a recomendação da comissão, mas o alcance da reforma agrária ainda está a ser discutido pela Comissão Constitucional.

Enquanto os agricultores

International Labour Office



Até agora, os trabalhadores têm sido pouco beneficiados

E o maior sonho dos agricultores – o de serem donos das terras que cultivam – ainda está para ser realizado. Os esforços do governo no sentido de redistribuir terras limitaram-se a uma ordem da presidente Corazón Aquino envolvendo nove mil hectares de canaviais, que tinham sido hipotecados, entre três mil famílias de canavieiros na ilha de Negros Ocidental.

Segundo o ministro da Reforma Agrária, Heherson Alvarez, o governo planeja expandir a reforma fundiária de

esperam receber terra, a antiga elite que havia sido afastada por Marcos em 1972 começou a regressar ao país. Várias famílias de nome esperam reaver as propriedades e bens desapropriados pelo ex-ditador. A família Jacinto, por exemplo, readquiriu 11 das 14 empresas que lhe foram confiscadas pelos militares por ocasião da imposição da lei marcial (as outras três já fecharam há muito tempo).

O grande empresariado não foi suficientemente estimulado pela euforia em torno da queda

de Marcos para investir numa escala capaz de reanimar a economia. A Comissão de Valores e Câmbio (SEC) anunciou que, em Março e Abril deste ano, os investimentos totalizaram 539 milhões de pesos (cerca de 25 milhões de dólares), em comparação com mais de mil milhões de pesos (46 milhões de dólares) em 1985, embora estivessem em ascensão em fins de Abril. Esse reaquecimento da actividade industrial deve-se, em grande parte, às pequenas



A actividade empresarial precisa ser reanimada

empresas (com capital de até cinco milhões de pesos). Para as grandes empresas, locais ou estrangeiras, a palavra de ordem ainda é "esperar para ver".

Alguns empresários chamam a atenção para a aparente instabilidade do novo governo e a persistente ameaça de gol-

pe. Outros receiam que a política explícita da presidente filipina de dar "tratamento preferencial aos pobres", anule os esforços do governo no sentido da privatização e da livre empresa.

Um discurso pronunciado por Corazón Aquino no Dia do Trabalhador levou os líderes empresariais a convocar uma reunião de emergência, na qual criticaram o ministro do Trabalho, Augusto Sanchez, pelas suas tendências sindicalistas e "socializantes".

Não obstante, o ministro do Trabalho pode orgulhar-se do facto de que, desde que foi nomeado no dia 10 de Março passado, o seu ministério já resolveu 150 greves (67% das paralisações em curso no país). Além disso, a duração média das greves diminuiu para dez dias, em comparação com os 35 dias do mesmo período do

ano passado.

Um problema sério para a indústria são as importações baratas que devem ocorrer em breve. Após um adiamento de dois meses, o Banco Central passou a introduzir o programa de liberalização no dia 1º de Maio, quando aboliu as restrições contra 143 itens. Recentemente, outros 437 itens foram liberalizados. No final deste ano, quando o programa deverá estar completo, os direitos de importação de 1.267 itens terão sido reduzidos, em média, de 48% para 28%.

A liberalização das importações ocorre numa altura em que as indústrias locais estão a funcionar com uma ociosidade de 60% a 70%, o que mal garante a sua sobrevivência perante a competição estrangeira.

Nem todos os antigos métodos de governo sumiram com a fuga de Marcos para o Hawaii. A imprensa tem dado conta de anomalias, das quais não está isento nem mesmo o governo. Um dos ministros de Corazón Aquino é acusado de ter ligações com uma empresa de um apaniguado de Marcos, Antonio Floriendo.

As nomeações políticas têm sido muitas no novo governo. Consta que Elpidio Macasaet, número um do Directório Nacional de Administração (NFA) na província de Palawan, é um protegido do ministro da Agricultura, Ramon Mitra, tendo recebido um orçamento de 50 milhões de pesos (cerca de 2 milhões de dólares), que não passou pela administração da NFA.

Além deste caso, um grupo de agricultores de Samar acusou Emil Ong, um dos administradores da NFA, de ter suspenso as compras de arroz da NFA naquela província para permitir que um grupo de comerciantes liderados pelo seu irmão, Hector Ong, açambarcasse as colheitas desse cereal. Emil Ong alegou que, por falta de fundos, a NFA tinha suspenso todas as compras de arroz no país, embora ninguém mais tenha conhecimento de semelhante suspensão.

Mais chocantes ainda são os relatos de um grupo de defesa dos direitos humanos, a TFD, que denuncia a continuação das violações destes direitos apesar da "limpeza" feita no exército e o encerramento da



International Labour Office

**A liberalização das importações coloca em risco a indústria local**

famigerada Agência Nacional de Segurança e Serviços Secretos.

A TFD documentou 137 casos de prisão, detenção, tortura, assassinato, incêndios criminosos e remoções força-

das. Em Maio deste ano, 7.479 presos políticos continuavam nas prisões à espera de serem soltos, como já aconteceu com outros 501 prisioneiros. ●

**Teresa Diokno**  
"Third World Network"



R. Tomás Ribeiro, 50-4°  
1000 LISBOA  
PORTUGAL

Telex: 14238 ACTIME/P  
Telef. 540019 548316 548269

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-GUINEENSE, S.A.R.L.

**IMPORTAÇÃO:**

*Amendoim, coconote, cera, couros, borracha, bagaço, etc.*

**EXPORTAÇÃO:**

*Produtos alimentares, têxteis, materiais de construção e bens de equipamento.*

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA:**

*Áreas administrativa e financeira*

**ÁREA GEOGRÁFICA DE ACTUAÇÃO:**

*Larga experiência dos mercados africanos e europeus.*

## Os bancos islâmicos

Pequenos bancos que cobram taxas de juros reduzidas, «não-usuárias», há já uma década geraram um debate sobre a estrutura de um modelo económico baseada no Corão.

A discussão sobre a natureza dos bancos islâmicos reflecte a evolução dos argumentos sobre a natureza da sociedade muçulmana como um todo. Há apenas duas décadas, o tema fundamental desta discussão estava na diferença entre usura e juro. Um grande esforço foi dedicado a de-

monstrar que as “modernas” taxas de juro não são extorsivas. Como tal, um sistema bancário dedicado a ganhar juros passava a ser perfeitamente aceitável pelas normas da *Sharia*. Para conseguir isso, os governos muçulmanos tiveram que vasculhar as leis islâmicas, nas poucas áreas que

ainda não foram secularizadas, tais como o matrimónio, o divórcio e a herança. Neste quadro tão sombrio, o debate sobre a usura pode ser considerado um verdadeiro avanço.

Um longo caminho foi percorrido desde então. A maioria dos juristas e economistas muçulmanos admite agora que qualquer juro é *riba* (usura). Muitos deles dedicam-se a elaborar o conceito de *riba* no seu sentido mais amplo. Os poucos que ainda distinguem entre taxas usurárias e não usurárias não são levados muito a sério pela maior parte dos economistas e juristas muçulmanos.

Observando a história do cristianismo, é possível identificar as bases do capitalismo contemporâneo na nítida dis-



O Faisal Islamic Bank of Egypt, com um milhão de depositantes, é o maior banco não-riba

tição estabelecida entre taxas de juro usurárias e não usurárias. A consciência moral cristã foi tranquilizada através da proibição das taxas usurárias. Esta norma permanece ainda hoje na legislação bancária de muitos países europeus. A década de 70 forneceu um canal adequado para este debate crítico entre juristas e economistas muçulmanos. Com o ressurgimento islâmico como pano de fundo, a proscricção de todas as formas de juros pelo expediente de rotulá-las como *riba* obteve pleno êxito. Contudo, será preciso muito tempo e esforço para separar o conceito de juro bancário da totalidade do pensamento económico islâmico. Na verdade, se não forem tomadas precauções, este quase consenso pode ser sabotado através da introdução de conceitos como o do "valor no tempo do dinheiro", que pode entrar pela "porta dos fundos". Os que desejam que isto ocorra depositam as suas esperanças na reafirmação dos valores islâmicos no mundo muçulmano.

Actualmente, devido ao reavivamento e ressurgimento do Islão como um todo só se pode esperar que a teoria dos bancos islâmicos se converta num elemento de importância crescente no debate sobre a economia islâmica. Os últimos textos sobre o assunto mostram claramente esta tendência. Estudos como o de Umar Chapra, "Para uma ordem monetária justa", ou o de Waqar Masood Khan, "Para um sistema económico islâmico sem juros", dão mais ênfase ao im-



Um banco não-riba na Malásia

pacte económico de um sistema sem juros do que às técnicas e operações dos bancos islâmicos individualmente considerados. Estes e outros estudos começaram a questionar os bancos como instituição e sugerem algumas modificações que poderiam alterar a natureza da intermediação financeira tal como vem sendo tradicionalmente feita pelos bancos. É apenas uma questão de tempo: deverão surgir instituições totalmente diferentes dos bancos de hoje para realizar as tarefas de intermediação financeira requeridas por uma economia organizada sob os preceitos do Islão. Mas quais são os aspectos que fazem com que os bancos sejam incompatíveis com a economia islâmica?

O banco *riba*, tal como se desenvolveu no Ocidente e se expandiu pelo mundo, é uma instituição utilizada por um grande número de pequenos

depositantes, cujos fundos são canalizados para um reduzido número de grandes investidores da indústria. A intermediação é realizada através do pagamento de uma taxa de juro fixa aos depositantes, cobrando-se uma outra, mais alta — mas também fixa — aos usuários dos fundos. A diferença constitui a margem de lucro do banco. É importante realçar três traços dessa estrutura. Em primeiro lugar, os juros estabelecidos podem perpetuar sem esforço o *status quo*, na medida em que o sistema bancário lhes proporciona todo o capital de que necessitam, a um custo fixo, deduzido do seu capital de base.

Os novos grupos que quiserem entrar nesta confraria estarão em desvantagem pela dificuldade de oferecerem um sistema de segurança adicional. Deste modo, ficarão à mercê dos grupos estabelecidos. Em segundo lugar, a instituição do juro permite que a intermediação financeira se realize sem que os bancos tenham que se envolver nos negócios do capitalista. O banco apenas se interessará pela administração da empresa no caso da falta de pagamento. Por último, a concessão de financiamentos não está ligada a qualquer negócio específico. No que se refere ao banco, o dinheiro pode ser usado no jogo ou no consumo supérfluo. Este último tem implicações importantes para o comportamento social do consumidor.

Por outro lado, juristas muçulmanos indicaram instrumentos de intermediação fi-

nanceira que se opõem a estas tradicionais práticas bancárias. Por exemplo, parece que a ordem de preferência entre os tipos de financiamento existentes continua a ser a seguinte: *mudarabah*, *musharaka*, *ijara* e *murabaha*.

*Mudarabah* é um acordo entre duas ou mais partes, pelo qual uma delas oferece financiamentos e outra dá experiência empresarial e administrativa para levar adiante uma sociedade comercial, industrial ou de serviços, com o objectivo de obter lucro. Este será repartido da maneira previamente acordada. Eventuais perdas serão cobertas apenas pelos financiadores na proporção da sua participação no capital total.

*Shirkah*, ou *musharikah*, é uma sociedade de duas ou mais partes na qual, contrariamente à *mudarabah*, todos participam no financiamento e na administração, embora não necessariamente em partes iguais.

*Ijara* ou *Bay al-Mu'ajjal* é uma venda com pagamento a prazo fixo, à vista ou em prestações. Este instrumento oferece facilidades semelhantes ao *leasing*, com importantes vantagens, como veremos mais adiante.

*Murabaha* é um acordo de venda através do qual um intermediário compra de um terceiro os bens desejados pelo comprador, revendendo-os a este por um preço pré-determinado. O pagamento é efectuado posteriormente, à vista ou em prestações.

Existem ainda muitos outros mecanismos financeiros

que os bancos islâmicos podem utilizar, principalmente em transacções agrícolas, mas os quatro citados são suficientes para ilustrar o assunto.

A partir das definições que vimos, fica claro que tanto a *mudarabah* como a *shirkah* implicam numa divisão dos riscos entre os financiadores e os usuários do capital. *Ijara* e *murabaha*, embora não estando isentas de risco, são de aceitação mais fácil para as operações realizadas dentro dos princípios do banco *riba*.

Devido à natureza do risco que correm como financiadores ou administradores de capital, os bancos não se podem limitar a inscrever a sua empresa nos contratos *murabaha* e *musharika*. Eles precisam de participar activamente da direcção dos negócios, controlando os progressos da sociedade, principalmente em contratos como a *mudarabah*, nos quais as eventuais perdas recaem exclusivamente sobre os financiadores de capital. Assim, a relação entre o cliente e o banco vai-se transformando.

Mesmo em casos como a *murabaha* e a *ijara* o banco só pode financiar transacções reais. Assim, o financiamento para consumo supérfluo fica, por princípio, excluído.

Por causa do tipo de risco que se corre e pela necessidade de uma operação real, as transacções dos bancos islâmicos são qualitativamente diferentes das de um banco *riba*. A inclusão dos bancos no controlo da rentabilidade dos negócios é uma noção estranha à ética capitalista. Na medida que o mo-

vimento bancário islâmico vai progredindo, um número cada vez maior de economistas muçulmanos chega à conclusão de que essa instituição deverá evoluir para se poder encarregar das necessidades de intermediação financeira na sociedade islâmica.

Todos estão de acordo, actualmente, em reconhecer que os bancos islâmicos não podem operar no vazio.

Com o aparecimento do banco totalmente livre de juros, no Paquistão, e com a completa islamização da economia iraniana, as contribuições teóricas dos economistas muçulmanos encontraram um novo campo de experiências. A desordem da economia paquistanesa, devido à dependência da ajuda externa, é um obstáculo à criação de uma economia islâmica, nos moldes daquela que o Sudão pós-Numeiry está a tentar à sua própria custa. O Irão teve mais sorte. Não tem dívidas que o preocupem e, além disso, depois de realizada uma revolução em nome do Islão, apresenta uma população receptiva às ideias de uma mudança radical, de acordo com os princípios islâmicos. Ainda é cedo para prever o desenlace mas, considerando as condições operacionais favoráveis, é provável que a islamização da economia iraniana e o desenvolvimento dos bancos nesse contexto mudem as características do sistema bancário islâmico na próxima década.

Além disso, é importante lembrar que a maioria dos bancos islâmicos desenvolveu-se



num meio no qual estão obrigados a oferecer os serviços normalmente oferecidos pelos bancos *riba*. Mesmo no caso do Irão e do Paquistão o sistema *riba* vigente está a ser modificado para que funcione através dos mecanismos financeiros válidos para o islamismo. Trata-se do velho problema chamado pelos sociólogos de "fase de transição". Os males do sistema actual foram adequadamente relacionados e os méritos do sistema islâmico foram bem compreendidos. Por outro lado, foram enumerados os elementos necessários para o funcionamento eficaz dos bancos num sistema económico e bancário islâmico. Falta resolver como proceder para passar do actual sistema para o islâmico. Existem problemas conceituais para estabelecer as prioridades em relação ao objectivo final. A eliminação do *riba*, por exemplo, pode não ser o primeiro passo para chegar a um sistema económico islâmico. Para abordar

o problema do *riba* é necessário redefinir previamente outros parâmetros da economia.

Uma vez superadas estas prioridades de princípio, coloca-se o enorme problema da motivação e da preparação de recursos humanos para pôr em funcionamento o novo sistema. Só depois disso se poderá começar a evoluir em direcção à solução islâmica desejada.

Felizmente, as massas muçulmanas parecem estar mais do que preparadas para dar ao sistema bancário islâmico uma boa oportunidade de êxito. A maior parte dos bancos islâmicos que operam no meio leigo trabalha graças à irresistível pressão popular. Este facto ficou claro com a calorosa recepção que teve a introdução do sistema bancário islâmico no Paquistão, no Sudão e no Irão, e também pelo grande número de depositantes de bancos como o *Faisal Islamic Bank of Egypt* (mais de um milhão) e o *Faisal Islamic Bank of Sudan* (mais de 200

mil). No passado, o Egipto chegou a fechar os bancos islâmicos para diminuir a pressão popular que exigia uma reforma islâmica geral.

A ideia de criar mecanismos financeiros para desempenhar as funções normais de um banco *riba* criou algumas anomalias, principalmente a curto prazo. O professor Volker Nienhaus, da universidade alemã-federal de Bochum, lembrou recentemente que "é um lugar-comum na literatura académica das economias islâmicas dizer que o sistema financeiro islâmico, que exclui os juros, seria mais eficiente e justo do que o actual sistema, baseado na cobrança de juros. Isto porque o sistema convencional de relações entre credores e devedores seria substituído, no sistema islâmico, por uma relação de sociedade, na qual os bancos e os empresários compartilham lucros e perdas".

No entanto, ao observar a prática operacional das instituições financeiras islâmicas não se percebe bem essa divisão de lucros e perdas. A esmagadora maioria dos lucros da maior parte dos bancos islâmicos é proveniente do *leasing* e de outras formas de financiamento, que não implicam em risco para o banco e são muito semelhantes, do ponto de vista económico, aos habituais empréstimos com juros.

Existe, pois, uma clara contradição entre os ideais teóricos do sistema financeiro islâmico, baseado na divisão de lucros e perdas, e a prática

terceiro mundo - 61



O pequeno comércio é o principal cliente dos bancos islâmicos

actual, que mostra uma preferência por transacções rentáveis para os bancos. Há muitas

justificações macroeconómicas mais ou menos óbvias para esta contradição. Pode-se apontar,

por exemplo, a incerteza dos bancos quanto aos futuros lucros, o perigo de acumular riscos, a dificuldade em identificar as oportunidades de mercado entre os projectos empresariais que lhes são propostos, os problemas para projectar os lucros, a supervisão da gestão administrativa da empresa financiada e outras. Por causa deste tipo de problemas, os bancos islâmicos estabeleceram restrições quanto ao volume de negócios de risco compartilhado que assumiam.

Em última análise, isto significa uma seríssima limitação e também um defeito do sistema bancário islâmico, pois supõe que só se poderiam financiar transacções "reais" específicas, tais como a compra de matérias-primas ou maquina-

## **INTERLOJA, LDA.**

A INTERLOJA LDA, É UMA LOJA DIPLOMÁTICA  
QUE FUNCIONA EM BISSAU – GUINÉ BISSAU



SEDE:

ESC.: RUA GUERRA MENDES, 13  
LOJA: RUA GUERRA MENDES, 14 - 14 A  
Caixa Postal n.º 120  
Telefone 21 14 32  
BISSAU ● REP. DA GUINÉ-BISSAU



As pequenas instituições bancárias de elite têm sofrido grandes perdas

ria, mas não se dispõe dos mecanismos adequados para proporcionar às empresas recursos que sejam utilizados à discreção pelos seus directores.

Na verdade, a maioria dos bancos islâmicos evita a *mudarah* e a *shirkah*, concentrando os seus negócios na *ijara* e na *murabaha*. É este o caso do *Islamic Development Bank*, criado pela Organização da Conferência Islâmica. Os bancos que correram riscos muito altos tiveram maus resultados. O *Islamic Banking System International Holdings of Luxembourg* e o *Islamic Development Bank* estão repletos de projectos de participação mútua.

A tendência de usar instrumentos inadequados percebe-se claramente no caso do Paquistão. Os bancos evoluíram até se transformarem num instrumento incorporador dos benefícios dos dois sistemas, mas apresentam também as falhas de ambos. É o esquema

de distribuição de lucros e perdas. Não é uma autêntica *mudarah*, na qual só o banco assume as perdas, e também não é uma *shirkah*, já que o banco não tem participação financeira. Trata-se de um compromisso para adequar as ideias dos banqueiros sobre a administração do risco, adquiridas na tradição bancária convencional.

Uma análise cuidadosa da literatura sobre o sistema financeiro islâmico revelará que existe uma infinidade de adaptações deste tipo. Há a esperança de que, em vez de se atrofiar com operações do tipo *leasing* e outras semelhantes, os bancos islâmicos caminhem em direcção a novos mecanismos e métodos, que incorporem o espírito da *mudarah* e da *shirkah*.

Uma pesquisa sobre os resultados dos bancos islâmicos conta a história deste movimento. A euforia de três anos

atrás deu lugar a afirmações mais sóbrias quanto aos preceitos do sistema bancário islâmico. Já se teve notícia de factos como a perda de ouro em *Dar al Maal al-Islami* e da perda de propriedades na *Kuwait Finance House*. Na verdade, nenhuma destas instituições está entre as principais do sistema islâmico, pois confiam num pequeno número de grandes depositantes como fonte de recursos. Os bancos que trabalham com um grande número de depositantes, como o *Faisal Islamic Bank*, do Egipto e do Sudão, e o *Dubai Islami Bank*, apresentaram melhores resultados.

Logo que sejam conhecidos os resultados da aplicação do sistema no Irão e no Paquistão será possível analisar em profundidade o sistema bancário islâmico e a sua influência sobre o futuro de todo o modelo económico islâmico. ●

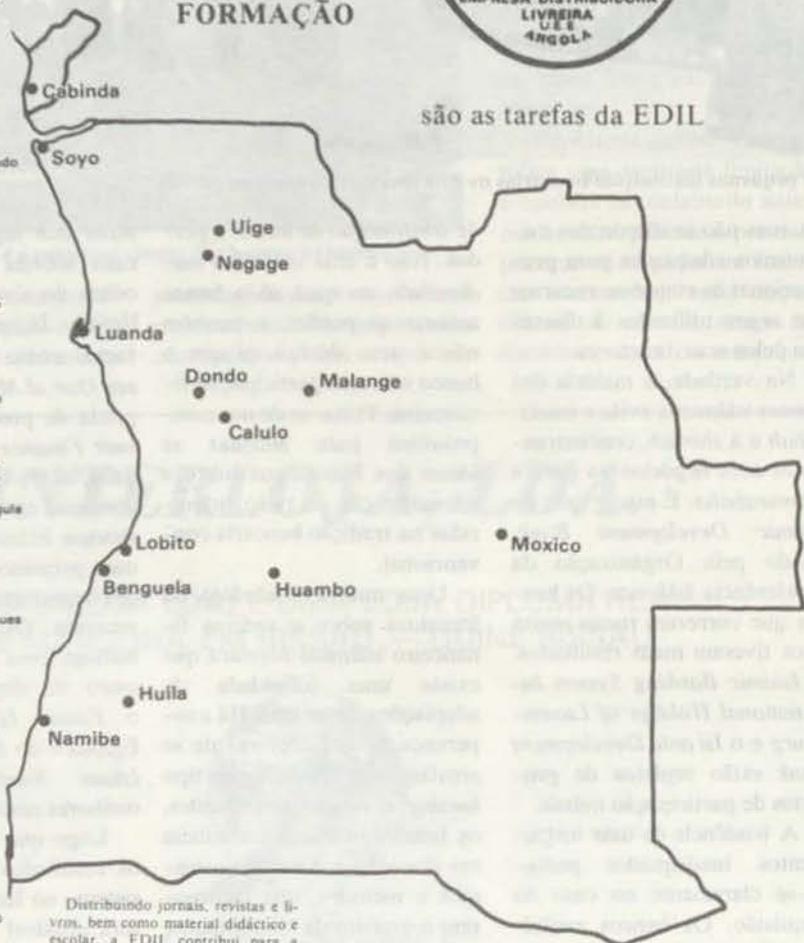
M. Iqbal / "Inquiry"  
terceiro mundo - 63

- BENGUELA  
Livreria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livreria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livreria Popular  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livreria 17 de Setembro
- DONDO  
Livreria 2 de Março
- GANDA  
Livreria 1.ª de Maio
- HUAMBO  
Livreria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HULLA  
Livreria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livreria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livreria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livreria Aníbal de Melo
- LOBITO  
Livreria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa de Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livreria Centro do Livro  
Livreria Augusto N'Gangula  
Livreria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livreria Declinda Rodrigues
- MALANGE  
Livreria 1.ª de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MOXICO  
Livreria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livreria Lutulma
- NEGAGE  
Livreria Saídy Mingas
- SOYO  
Livreria Lundogi
- UIGE  
Livreria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livreria Sagrada Esperança

LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO



são as tarefas da EDIL



Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didático e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245  
Luanda - República Popular de Angola

# O desbloqueio de Cuba

Viajando pela América Latina, um membro da Nova Trova Cubana participa do intercâmbio crescente entre o processo cultural do seu país e os das outras nações do continente latino-americano.



Vicente Feliú durante a sua apresentação no "La Bodeguita"

Compositor, intérprete e líder do movimento da Nova Trova Cubana, Vicente Feliú é uma espécie de embaixador itinerante de Cuba, levando pelo mundo a música de uma geração de jovens revolucionários, como Silvio Rodríguez, Pablo Milanés, Sara González e Noel

Nicola, entre outros.

De passagem pelo Rio de Janeiro, apresentou-se em "La Bodeguita", uma réplica do restaurante "La Bodeguita del Medio", de Havana. Vicente Feliú falou com cadernos do terceiro mundo sobre a política cultural de Cuba e a respeito das activi-

dades da Nova Trova, especialmente do seu interesse no intercâmbio musical com a América Latina.

*Quais são as novidades da actividade cultural em Cuba?*

— Estamos a viver actualmente grandes mudanças, repensando a nossa cultura, que tem muitas coisas boas mas também muitas deficiências. Queremos melhorar a qualidade da nossa produção cultural e essa é uma das razões da minha presença no Brasil. Este país é de uma grande riqueza cultural e nós temos muito a aprender, especialmente agora, que estamos numa nova etapa da nossa televisão.

*Qual tem sido a importância dos meios de comunicação social?*

— Sem dúvida que os meios de comunicação social estão nas mãos do poder, mas isto não significa que eles só tenham sido usados no sentido político. Acontece que existe agora uma maior clareza em relação ao papel cultural dos meios de comunicação social. As ideias de amor que um Julio Iglesias canta e transmite, por exemplo, não têm nada a ver com os conceitos de amor e de vida que se pode ter num país como Cuba. Antigamente, pensava-se que a cultura era uma coisa inofensiva, mas ela reflecte a maneira de pensar de um homem ou de um país. Nesse sentido, não existia um trabalho culturalmente sério

nos meios de comunicação social.

*Não havia uma política cultural?*

— A nível do Ministério da Cultura a concepção era claríssima, mas isso não acontecia com os meios de comunicação social, porque o ministério trabalhou preferencialmente com os teatros e as escolas de arte, levando o teatro para a rua e para as pequenas cidades do interior. A política cultural do ministério é coerente, mas trabalhou-se mais a nível qualitativo do que quantitativo e somente agora essa política está a chegar aos meios de comunicação de massas. E deve ser assim, porque se se não faz uma revolução com os meios de

comunicação social, sem eles também não é possível. É impossível conquistar um país sem os meios de difusão.

*Então, como é que foi a situação até agora?*

— O que aconteceu é que a realidade cubana apresentava muitos problemas que deviam ser resolvidos antes da questão da cultura. O próprio partido definia mal ou subestimava a questão cultural e só agora a encara de maneira correcta. Por outro lado, Cuba não tinha aquilo que se entende por "tradição cultural", pois o processo cultural só começou com a revolução. Só agora é que todas as forças do país estão a trabalhar dentro de um processo cultural em larga escala.

Apesar disso, quanto aos meios técnicos continuamos a ter uma situação paupérrima, que não está à altura da nossa capacidade criativa. Para se montar um estúdio completo de gravação é preciso meio milhão de dólares. Nós não dispomos desse dinheiro.

**A Nova Trova**

*Há quanto tempo estás na Nova Trova?*

— Comecei quase ao mesmo tempo que comecei a compor, há 22 anos. Aprendi a tocar viola com o meu pai, que também é músico e compositor. A primeira coisa que fiz foi interpretar uma música do meu pai e depois uma minha. Pouco a pouco percebi que estava a

## MONTAGEM COMPLETA DE FÁBRICAS PARA CALÇADO



PLANIFICAÇÃO  
DE INSTALAÇÕES

FORNECIMENTO  
DE MATÉRIAS-PRIMAS  
E EQUIPAMENTOS

LANÇAMENTO  
DE PRODUÇÃO

TECNOLOGIAS AVANÇADAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
PERMANENTE



**Comércio Internacional, Lda.**

RUA DOS ARNEIROS, 96-1.º DIR. — 1500 LISBOA

Telefone 708139/709220

Telex 42039 ZIMA P

Director Comercial: ANACLETO MARQUES

Produtos - EQUIPAMENTOS E MATÉRIAS-PRIMAS PARA A INDÚSTRIA DE CALÇADO

fazer umas músicas muito ligadas à história da tradição canção cubana, mas que continham novos elementos. A mesma coisa aconteceu com Silvio, Pablo e Nicola, embora nessa altura só alguns de nós nos conhecêssemos. Fomos conhecendo e reconhecendo devagar, especialmente porque a nossa adolescência coincidiu com uma etapa muito intensa da vida cubana. Refiro-me à etapa da alfabetização, da criação das escolas camponesas e das colheitas de café na Sierra Maestra. Essas foram experiências muito importantes para uma juventude que as não tinha vivido. De certa forma era isso o que nós cantávamos, a Nova Trova foi isso.

*Participastes da luta armada cubana?*

— Nem eu, nem Silvio Rodríguez, nem Pablo Milanés. Não é da nossa época, tínhamos 13 ou 14 anos quando da vitória da revolução. Nós participámos de toda a etapa de reconstrução do país, das nacionalizações das empresas privadas, da alfabetização, da invasão de Playa Girón. Para nós, a possibilidade histórica de assumirmos na vida o que cantávamos foi Angola, porque adoptámos o internacionalismo da canção e Angola foi a oportunidade de, na prática, fazermos isso.

*Estiveste, então, em Angola?*

— Ir a Angola era uma necessidade existencial, era a possibilidade de sabermos se éramos "guevaristas". É um



Silvio Rodríguez (à esq.), outro embaixador cultural cubano

momento difícil, mas em todo caso é bom saber se a revolução passa pelas tuas partituras e pelo teu sangue. Foi muito importante, foi como uma linha divisória na minha vida. A nossa missão em Angola foi cantar nas frentes de combate, fomos convocados como soldados com essa missão, houvesse ou não guerra. Formámos um grupo com Silvio Rodríguez, o Quarteto Los Caña, o Grupo Manguaré, um mágico e eu e ficámos lá, de Fevereiro a Julho de 1976, quando acabou a guerra em Angola. Algum tempo depois voltámos, como civis, para cantar em diversos lugares.

#### A aproximação cultural

*Que possibilidades de convergência vês entre a cultura brasileira e a cubana?*

— Na música elas são infinitas, porque a cultura negra, africana, é comum e representa uma força criadora constante. Eu achava que conhecia muitos músicos brasileiros, mas bastou chegar ao Brasil para perceber

que conhecia muito poucos. Aqui existe uma quantidade incrível de talentos, o que me deixa muito entusiasmado. Aconteceu-me uma coisa parecida na Argentina, onde existe uma nova corrente de músicos jovens que tem muita força.

*O que é que acontecerá agora que foram restabelecidas as relações entre os dois países?*

— Está a ser preparado um projecto de intercâmbio, inicialmente de músicos, entre Brasil e Cuba. Vamos organizar uma Semana da Cultura Brasileira em Havana, para tentar recuperar estes 20 anos que perdemos, cubanos e brasileiros, em termos culturais. A música dos dois países tem raízes muito fortes e a mistura de ambas dará, sem dúvida, um resultado explosivo. É tempo de eliminarmos as barreiras e, embora o idioma possa ser um empecilho, a semelhança musical é muito grande e a música rompe qualquer barreira. ●

Fabián Restivo/V.B.

edições  
**Avante!**

## DOSSIER

# MALHAS QUE O CAPITAL TECE



Por que motivo mandou Reagan bombardear a Líbia?

O que visam as cimeiras do «clube dos ricos», como a que recentemente se realizou em Tóquio?

Que razões levam o Imperialismo a jogar na agudização da situação internacional?

Que sugerem os que afirmam ter começado já a Terceira Guerra Mundial?

Quantas e quantas perguntas não formulam os portugueses, particularmente os trabalhadores, muitas vezes sem conseguirem encontrar as respostas. Daí a importância de livros como este.

Que pode não nos dar a resposta expressa, directa. Mas que nos fornece os elementos indispensáveis para, nós próprios, encontrarmos as respostas para as perguntas que formulamos.

## A revolução feminina no Burkina Faso

Sete mulheres ocupam cargos ministeriais no governo do capitão Thomas Sankara. Uma delas ocupa o estratégico Ministério das Finanças. O novo papel da mulher num dos mais pobres países africanos é explicado nesta entrevista a Catherine Traore, da União das Mulheres do Burkina Faso

Catherine Traore, tem 33 anos, é casada e não tem filhos. Ela é membro da direcção nacional da União das Mulheres de Burkina Faso, uma organização surgida em Setembro de 1985 e que é hoje a principal responsável pela mobilização da população feminina do país na luta pela igualdade

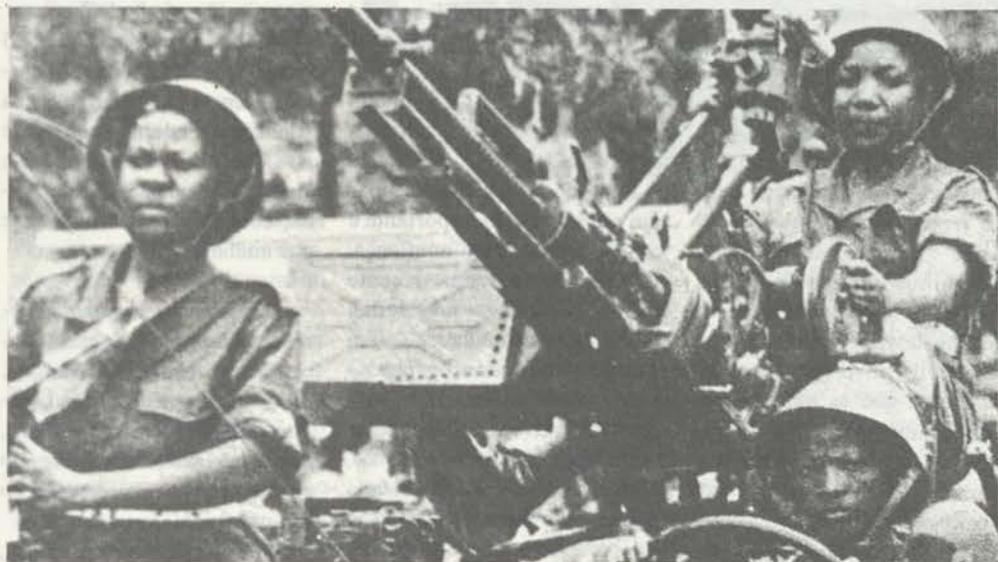
de direitos e de uma participação da mulher na vida política nacional. Ao lado da União das Mulheres, existe a Federação das Mulheres, surgida antes da ascensão do regime revolucionário ao poder, mas que actualmente está limitada a um grupo que se diz apolítico e que se quer manter distante do go-

verno e das reformas sociais.

Formada em jornalismo, em Strasbourg, na França, Catherine trabalhou em jornais de Ouagadougou, antes de abandonar a profissão por discordar da orientação política da imprensa oficialista antes da revolução conduzida por Sankara em Agosto de 1983. Catherine representou o seu país no Congresso Pan-Africano da Mulher, realizado em Setembro último, em Luanda. Foi precisamente na capital angolana que ela falou com cadernos do terceiro mundo.

*Quais as principais mudanças registadas em Burkina Faso depois da posse do regime revolucionário, no que se refere à situação da mulher?*

— Nestes últimos três anos aconteceram muitas mudanças.



As mulheres são hoje uma presença marcante nas forças armadas e no governo revolucionário do Burkina



No interior do país a mulher ainda enfrenta muitas dificuldades

No meu país a mulher encontrava-se numa situação muito difícil antes da ascensão do capitão Sankara ao poder. As mulheres faziam de tudo, eram verdadeiros motores económicos, mas o seu trabalho não era reconhecido, e estavam relegadas para segundo plano. As mulheres só existiam para ter filhos, cuidar da cozinha, cuidar da casa, mas nunca eram chamadas para as decisões políticas.

Havia da parte dos homens uma posição dúbia. Eles diziam que a mulher precisava ajudá-los, mas ao mesmo tempo temiam que essa ajuda pudesse transformar-se numa participação mais activa. Bem, tudo isso mudou com o regime revolucionário. As enormes tarefas do novo governo fizeram com que as mulheres tivessem que participar e com isso as resistências masculinas acabaram praticamente por desaparecer.

Hoje, passados três anos, Burkina Faso pode ter o or-

gulho de ser um dos raros países onde existem, nada mais nada menos, do que sete mulheres no governo. Nós controlamos, inclusive, o Ministério das Finanças, além dos da Cultura, Saúde, Meio Ambiente, Assuntos Familiares, Turismo e Solidariedade Nacional.

*O Ministério das Finanças é o mais importante nas mãos das mulheres?*

- Sim. Alguns dizem que quem controla as Finanças controla tudo. Eu acho que o facto de uma mulher ocupar um ministério tão importante é uma prova de confiança. Quando houve uma recente reformulação ministerial, quase todas as mulheres foram mantidas nos seus postos. O nosso governo fez um esforço considerável para recuperar a situação económica do país, que se encontrava num estado deplorável antes da ascensão do presidente Sankara. Já começámos a resolver a dívida

externa e estamos também a regularizar os nossos débitos com o sector empresarial interno, visando criar um novo clima de confiança que permita novos investimentos nas áreas básicas. Todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres no governo enche-nos de orgulho.

No sector da saúde, por exemplo, foi possível dotar cada província com um mínimo de duas ambulâncias, e os internamentos hospitalares são gratuitos graças à implantação de um sistema de cotização. Hoje a medicina não é mais um privilégio dos ricos e o povo voltou a ter confiança no sistema de cotização, que antes estava desmoralizado pela burguesia, que recolhia o dinheiro dos contribuintes mas nunca fazia nada. Tudo isto está agora em vigor em todas as províncias, num total de quase 30.

*Há mulheres no cargo de governador provincial?*

- Sim, três. Mas não é só isso. Temos também três mulheres como embaixatrizes: na Alemanha Federal, no Gana e no Mali. E existe também a Guarda Presidencial Motorizada, constituída exclusivamente por mulheres.

*Em geral, quando acontecem mudanças tão rápidas como as ocorridas no Burkina, quase sempre é mais fácil mudar a lei do que os hábitos, principalmente no interior do país. O que é que aconteceu no seu país?*

- De facto, no sector rural, no interior do país, é muito

mais difícil a introdução de reformas rápidas. O nível de escolaridade nas regiões agrícolas mais afastadas é baixo, e mais baixo ainda quando se trata de mulheres camponesas. Aqui na África, desde o momento em que nasce, a mulher já tem o seu papel definido até à fase adulta. O mesmo acontece com a sua educação. Difícilmente ela será mandada para a escola porque a família prefere mandar os filhos homens para os estabelecimentos de ensino.

Tudo isto começou a mudar a partir de Março de 1985, quando organizámos, a nível nacional, um grande encontro de mulheres para discutir o problema educacional feminino. Vieram delegadas de quase todas as regiões do país. Na altura decidimos comemorar o Dia Mundial da Mulher não com danças e comida, mas com reflexão. Entre as recomendações aprovadas no encontro, pede-se a eliminação do casamento forçado.

No meu país é a família quem tradicionalmente decide com quem é que a mulher vai casar-se. Não importa se a noiva ama ou não o futuro marido. O que prevalece são os interesses familiares. Nós estabelecemos que é necessário lutar para que tal costume seja eliminado, não apenas através de uma lei, mas também de uma consciencialização. É através da sensibilização das populações rurais para este problema que nós conseguimos convencer as pessoas de que o casamento forçado não é bom.

*Houve também alguma decisão sobre o problema da circuncisão nas mulheres jovens?*

— Sim, nós pedimos a abolição da circuncisão. Trata-se de um hábito que provoca danos à saúde da mulher. Médicos especialistas falaram durante o encontro de mulheres do ano passado e mostraram os prejuízos causados por esta prática, que há muitos anos é imposta à mulher sem qualquer tipo de oposição.

*E o problema da poligamia?*

— Para falar disso vou ter que retomar a análise da reunião de mulheres do ano passado. Nesse encontro, nós organizámos a agenda em quatro grandes assuntos: a situação jurídica da mulher, a questão da educação, a participação feminina no desenvolvimento económico e a presença da mulher na política. Estes quatro grandes temas foram divididos em subtemas, um dos



A mulher sempre foi a base da agricultura tradicional no Burkina

A proibição da circuncisão feminina já está em discussão a nível governamental, mas nós sabemos que mesmo que ela se transforme em lei, será na prática diária que o problema terá que ser enfrentado e resolvido. Nós decidimos viajar para o interior para discutir no maior número possível de aldeias esta questão da circuncisão.

quais o da poligamia.

Nesta questão fomos muito prudentes, porque se trata de um problema muito comum em todo o interior do país. Nós somos uma revolução muito jovem e não podemos ter a pretensão de resolver todos os problemas de uma só vez. Combater a poligamia de uma forma radical provocaria certamente reacções muito fortes



A campanha de reforestação é hoje uma prioridade nacional

e levaria muita gente a fazer oposição ao governo. Decidimos assim começar por uma campanha de consciencialização.

Começamos de forma suave, afirmando principalmente que em quase todos os regimes revolucionários do mundo a poligamia nunca foi considerada uma coisa boa, porque provoca o surgimento de uma discriminação entre as mulheres. Dentro da poligamia sempre se fala da preferida, da primeira, da segunda, etc. Isto reflecte-se necessariamente na educação das crianças, porque os filhos da preferida terão sempre um tratamento melhor do que os das outras esposas. Nós

partimos do princípio de que a mulher é livre para aceitar ou não a poligamia. Se ela aceitar deve ter consciência dos problemas decorrentes.

Da mesma forma procuramos convencer os homens de que eles não podem fazer discriminação entre as suas várias mulheres. Nós propusemos que o homem que decidir casar com uma segunda mulher, tenha antes o consentimento expresso da primeira. Resolvemos, pois, criar a pouco e pouco dificuldades cada vez maiores para a poligamia, principalmente no que se refere à questão económica. Hoje, com a participação cada vez maior dos homens no sistema de coti-

zações e de cooperativas, vai-lhe ficar muito caro uma família com duas, três, quatro e até cinco esposas.

Acreditamos que, por exemplo, tornando obrigatório o consentimento da primeira esposa, deverá cair muito o número de casamentos poligâmicos, porque dificilmente uma mulher aceitará dividir tudo o que tem com outra, ou outras mulheres, que necessariamente terão os mesmos direitos.

*Estas propostas já foram aceites?*

— Já foi proposto pelo Ministério da Justiça um código da família, mas nós não queremos que a questão fique apenas no âmbito dos juristas, mas que seja discutida mais democraticamente. Os juristas não são necessariamente as pessoas mais envolvidas com o processo de emancipação da mulher.

Nós queremos que o código seja discutido por uma comissão mais ampla que inclua mulheres, trabalhadores, camponeses, sindicatos e outros ministérios. Essa ampla comissão já foi constituída e está a levar ao debate público todos os problemas relativos à família. O projecto-lei da família já está completo, mas a discussão a nível de aldeias e comunidades camponesas continua.

Quando o código estiver pronto, a luta pela emancipação da mulher no Burkina Faso terá tido um avanço de no mínimo dez anos. Será para nós também uma ocasião muito especial para constatararmos que o

nosso governo é sincero em todas as suas decisões, especialmente naquelas que se referem à mulher.

*Como analisa o trabalho do presidente Sankara?*

— No momento o nosso governo está mergulhado em obras de apoio às comunidades camponesas e pequenas aldeias do interior, como construção de escolas, maternidades, postos de saúde e creches. Todas estas obras estão a ser feitas dentro de uma perspectiva comunitária, usando o sistema de cotização ou de cooperativas. A preocupação básica é o autofinanciamento local, levando as pessoas a tomarem a iniciativa, em vez da tradicional atitude de esperar que o governo faça tudo.

Nós somos um país pobre, segundo alguns, o mais pobre do mundo. Por isso, primeiro temos que mostrar o nosso esforço para ganharmos credibilidade externa. Assim construímos maternidades, pequenos hospitais e escolas. Depois chegamos ao governo e dizemos: nós já fizemos isto. O que é que vocês vão fazer agora para nos dar remédios, camas hospitalares e livros para as escolas já construídas? Em todas estas obras as mulheres estão presentes.

Há um outro programa importante em curso: o da linha férrea que ligará o interior de Burkina Faso à fronteira com o Níger. Esta obra está a ser feita na base da solidariedade. As pessoas doam ao governo uma certa quantia no final do mês para financiar a compra de



O acesso a empregos públicos deu autonomia económica às mulheres

equipamentos essenciais importados. Depois as pessoas apresentam-se como voluntários para trabalhar nas obras, substituindo a mão-de-obra estrangeira paga em dólares.

No terreno da luta contra o avanço do deserto, a mulher tem tido um papel importante, nomeadamente no que se refere ao uso de práticas agrícolas destinadas a conservar a fertilidade dos solos e no reflorestamento.

*Como se tem desenvolvido a campanha contra a desertificação?*

— Trata-se de um dos maiores programas lançados pelo governo revolucionário. Todo o estrangeiro que visita a nossa capital é convidado a plantar uma árvore. Cada chefe de Estado estrangeiro é também convidado a fazer o mesmo. Cada ministério, órgão do governo e organizações de massas têm bosques onde são plantadas árvores nas cerimónias que marcam datas importantes da nossa história política.

Mas o nosso esforço vai mais longe. Estamos a tentar convencer as populações do interior a não queimarem o mato nas áreas agrícolas. No Burkina há um costume popular que diz que a queima do mato nas lavouras serve para afastar o espírito maligno do inverno e atrair as chuvas. Nós estamos a tentar mostrar que as queimadas acabam por provocar prejuízos maiores do que os supostos benefícios. Ao queimar o mato, são queimadas também as árvores e com elas desaparece a proteção natural do solo, criando-se as condições para o avanço do deserto.

Estamos também a promover visitas de camponeses das zonas mais férteis ao norte do país, para mostrar as consequências da desertificação e das queimadas. O sul e o oeste do Burkina ainda são verdes, enquanto no norte, as areias do deserto do Sahel tornam a agricultura e a pecuária quase impossíveis. Muitos camponeses do sul, depois de visitarem o norte, voltam às suas terras

convencidos de que não devem continuar a queimar os bosques, para que a desertificação não destrua as suas lavouras e pastagens.

*Qual é a reacção dos países vizinhos em relação às reformas introduzidas pelo governo revolucionário do Burkina?*

— Nós estamos cercados por governos que, à excepção do Gana, não têm a mesma ideologia revolucionária. Isto torna o nosso trabalho mais difícil.



As mulheres do interior estão a ser convencidas a rejeitar a submissão

Da nossa parte, fazemos questão de ser muito claros no que se refere às nossas posições. Quando as nossas posições ideológicas nos levam a não concordar com certas coisas, anunciamos claramente a nossa posição, o que tem criado uma série de inimizades, porque os diplomatas em geral preferem não abordar directamente a verdade.

Não usamos meias palavras quando defendemos a nossa revolução e as nossas alianças externas. Por isso somos criticados pelos nossos vizinhos, à excepção do Gana, por causa das nossas relações com a Lí-

bia. Sim, somos amigos da Líbia, mas isso não quer dizer que sejamos teleguiados. Somos um país pobre, mas fazemos questão de sermos dignos e responsáveis, e rejeitamos totalmente certas insinuações feitas em países da África Ocidental de que somos terroristas.

Quem faz uma revolução quer mudar um determinado estado de coisas que considera injustas, quer resolver contradições de classe. Daí surgem pessoas

que não concordam com a perda de privilégios e governos que se sentem ameaçados pelo nosso processo de mudanças, porque o nosso esforço para eliminar injustiças assusta os que não querem mexer nas estruturas desumanas.

*E o caso da guerra contra o Mali?*

— Nós temos problemas com o Mali. Em Dezembro de 1985, os dois países chegaram a ter um conflito armado, que nós deplorámos profundamente. Esta questão fronteiriça é uma herança do colonialismo.

Entre nós, africanos, as fronteiras não têm o mesmo valor. Há milhares de burkineses que moram do outro lado da fronteira. Eu mesma nasci no Mali, mas a minha família é toda do Burkina.

Para o povo não há fronteiras, elas são uma ilusão. Há sempre gente a querer traçar linhas de limite, que nunca são respeitadas pelo povo, porque o facto é que existe toda uma história muito antiga, onde as pessoas sempre se movimentaram por territórios que eram seus e que acabaram divididos pelo colonialismo.

Nós não queremos ser levados à mesma situação da África Austral, onde uma potência apoiada pelo imperialismo impede os países vizinhos de se desenvolverem economicamente numa via revolucionária.

Nós não podemos dizer a uma população que tem fome e sede para se cotizar com a finalidade de comprar armas. Mas se o nosso projecto for ameaçado, não teremos outra alternativa senão defender-nos. Mas é claro que preferimos investir em obras que possam beneficiar o nosso povo.

Este sistema de cotização permitiu-nos, por exemplo, vacinar todas as crianças do Burkina, entre zero e 14 anos, contra a rubéola, meningite e febre amarela. E faremos tudo para que outros planos de melhoramento do atendimento médico, educacional e económico não sejam afectados por provocações políticas ou militares, vindas do exterior. ●

Beatriz Bissio

### Discriminação no direito de propriedade

Razões de ordem legal estão entre os factores que limitam a participação da mulher do campo no desenvolvimento dos países da América Latina e Caraíbas. Segundo um documento da sede regional da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), "as mudanças em relação à igualdade jurídica da mulher têm sido muito lentas, mantendo-se nalguns países as maiores discriminações relativamente aos seus direitos de propriedade". Este facto faz com que elas muitas vezes não tenham capacidade jurídica para administrar a terra nem como apresentá-la como garantia para a obtenção de créditos, "limitando a sua participação nas cooperativas e noutras organizações comunitárias que promovem o desenvolvimento".

"Ao ficarem fora da relação laboral - continua o documento - ficam marginalizadas não só da estabilidade de emprego, como ainda dos benefícios da Segurança Social". No campo da saúde, a FAO fez uma "chamada de atenção" para a limitada cobertura dos serviços nas áreas rurais, "o que incide na enfermidade e mortalidade feminina, principal-

mente devido a doenças ligadas com a reprodução biológica".

Sobre as acções de apoio à mulher do campo, a FAO recomenda medidas para o seu acesso à propriedade da terra, cursos de capacitação técnica e administrativa, créditos e assistência técnica, entre outras, possibilitando assim a realização de projectos produtivos rentáveis.

### Venezuela: violência sexual

O assassinato de uma jovem e os ferimentos graves causados noutras duas por tentarem resistir à violência sexual, despertaram nos últimos meses na Venezuela uma profunda reflexão sobre este problema, um tema que tradicionalmente fica em silêncio.



Segundo dados do Ministério da Justiça, mais de duas mil mulheres denunciavam, anualmente, casos de agressão sexual. No entanto, acredita-se que esse número possa ser triplicado, já que a



maioria das vítimas esconde este tipo de factos.

Um dos comentários mais repetidos é que a maioria das mulheres não procura a polícia porque considera humilhante o exame médico a que são submetidas para provar a existência de violência e que elas opuseram resistência.

Ao mesmo tempo que se educa a mulher a ser passiva e indefesa, exige-se dela que no momento de um ataque desta natureza se defenda e, depois, prove isso à polícia, mostrando as lesões sofridas, já que o seu testemunho é posto em dúvida.

Para a lei venezuelana, quando a vítima é maior de 18 anos, a acusação deve ser feita através de um advogado contratado, porque nestes casos o Estado não prevê a assistência gratuita. Isto diminui as possibilidades das mulheres de poucos recursos financeiros, as maiores vítimas deste tipo de violência. Também o medo de represálias por parte dos agressores é uma das causas da mulher não apresentar queixa à polícia.

Virginia Pereira

## Controlo de ervas perigosas com métodos naturais

Procurando uma solução biológica para a praga ocasionada pela erva *lantana camara*, um "cientista descalço" descobriu um insecto que a destruiu sem atacar as outras culturas

Os estudantes da Universidade Agrícola de Pant, na Índia, fizeram uma homenagem póstuma àquele que qualificaram como "um modelo para os cientistas do Terceiro Mundo", o professor Chandrasekhar Lohumi. Director da escola, trabalhador social, entomologista e homem de incrível dedicação a qualquer trabalho que pudesse beneficiar a comunidade, Lohumi trans-

formou-se numa lenda ao descobrir um método biológico para o controlo de uma erva daninha.

Nascido de uma família pobre de Panthgram Satrali, um povoado do distrito de Almora, nos Himalaias ocidentais, Chandrasekhar Lohumi só pôde estudar até ao segundo ano dos liceus.

Graduou-se como professor primário em 1923 e exer-

ceu o magistério durante 47 anos. Na década de 60, dedicou-se ao combate de uma erva chamada *lantana camara*, cuja rápida expansão constituía uma séria ameaça à agricultura e pecuária das aldeias do Himalaia.

Cortar a erva só fazia com que ela se espalhasse mais rapidamente e os herbicidas químicos recomendados por alguns "especialistas" não só eram muito caros, como teriam sido desastrosos do ponto de vista ecológico.

Buscando uma alternativa para deter o avanço dessa erva, Lohumi lembrou-se de um artigo que havia lido sobre um insecto usado em tempos na Austrália para controlar o desenvolvimento de uma determinada erva. Decidiu então dedicar o seu tempo a encontrar uma forma biológica similar de controlar a *lantana*.

Usando uma vara, uma lanterna e uma mochila Lohumi começou a recolher diferentes



A descoberta de Lohumi permitiu controlar uma ameaça à agricultura e à pecuária do Himalaia

tipos de insectos e a examiná-los num velho microscópio que lhe haviam dado.

Depois de anos de trabalho incansável e de meticolosas experiências, encontrou um insecto que demonstrou ser um poderoso destruidor da *lantana*.

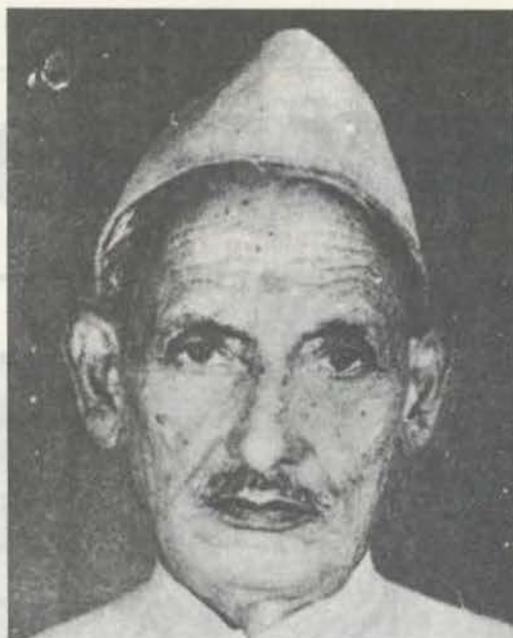
O próximo passo consistiu em averiguar se esse insecto também era daninho para outros cultivos, caso em que não seria possível a sua utilização em massa, pelo dano que poderia causar às plantações, árvores, prados e outros tipos de vegetação.

Através de cuidadosas experiências realizadas com 276 tipos de cultura, Lohumi pôde comprovar que o insecto destruiu exclusivamente a *lantana*, sem danificar qualquer outra vegetação.

Quando foi divulgada a descoberta, o governo nomeou um comité de cientistas para examinar os resultados obtidos por Lohumi, os quais elogiaram o seu árduo trabalho, a compilação sistemática das observações e as experiências de campo.

Lohumi foi distinguido com o prémio "Rafi Ahmed Kidwai", concedido a cientistas agrícolas de destaque. Seguiram-se depois outras agraciações, tendo sido convidado a participar de reuniões de eminentes cientistas.

Lohumi, contudo, estava



O cientista indiano Chandrasehkar Lohumi

mais interessado com o benefício que os seus semelhantes poderiam obter do seu trabalho. Porém, não chegou a ver em vida o controlo biológico em massa da *lantana*. Um dos motivos que retardaram a aplicação do novo método foi a pressão exercida por poderosos produtores de herbicidas e cientistas com eles coniventes, que procuraram desacreditar as pesquisas, assim como a sua aplicação prática.

Apesar disso, Lohumi continuou, persistentemente, na busca de outras formas mais baratas e ecologicamente adequadas de controlar as pragas. Descobriu que a folha de milho é particularmente útil nesse sentido. De um quilo de folhas, (que geralmente são desperdiçadas depois que o grão é separado) obtém-se 15 gramas de cinza pura, muito

útil para eliminar várias pragas, ao mesmo tempo que não prejudica os seres humanos nem os animais. Essa cinza é mais eficaz quando misturada com água, fervida e depois aplicada.

As pesquisas levadas a cabo por Lohumi revelaram que esse insecticida caseiro é particularmente útil para eliminar pragas que atacam algumas culturas vegetais e árvores frutíferas. A mistura tem também propriedades medicinais para o gado e mostrou-se

muito conveniente para a lavagem de roupa e louça, substituindo assim os detergentes.

Antes da sua morte, em 1983, Lohumi fez alguns estudos para a identificação e destruição das bactérias que actuam nas construções antigas. Essa investigação abre novas possibilidades para a conservação de ruínas e monumentos históricos da Índia, com métodos acessíveis e de baixo custo.

Apesar das circunstâncias adversas que foi obrigado a enfrentar, Lohumi continuou com o seu trabalho até o fim. Embora alguns tecnocratas tenham tentado minimizar a sua obra, os estudantes da Universidade Agrícola de Pant, onde passou os seus últimos dias, continuam a admirá-lo profundamente e colocam-no como um exemplo do "cientista descalço". ●

# A opção preferida



A satisfação das necessidades básicas foi definida pelas instituições latino-americanas de defesa do consumidor como um direito de todos. Este especial coordenado por Roberto Remo Bissio mostra as discussões que tiveram lugar em Montevideo, Uruguai, durante a Primeira Conferência Regional da Organização Internacional das Associações de Consumidores (IOCU) – que já está organizada em 30 países – onde se chegou à conclusão que a solução para os problemas sociais da América Latina não está no crescimento económico mas numa distribuição mais justa da riqueza.

# cial pelos pobres



**O** movimento dos consumidores latino-americanos deve fazer uma opção preferencial pelos pobres. Foi esta a principal conclusão da Declaração de Montevidéu, assinada por 60 instituições de 17 países do continente latino-americano, ao encerrar-se a Primeira Conferência Regional da Organização Internacional das Associações de Consumidores (IOCU). A reunião foi realizada na capital uruguaia de 1 a 4 de Outubro e deba-

teu o tema "Os consumidores e a crise económica". No encontro foi principalmente discutida a questão da pobreza, tendo sido decidido que "o direito à satisfação das necessidades básicas é prioritário para os consumidores da região". Os membros do IOCU assumiram o compromisso de "trabalhar por este direito", numa atitude classificada como "uma verdadeira revolução" na orientação do movimento de consumidores latino-americanos, que até agora parecia estar apenas

preocupado com os problemas da classe média ou das elites que são as que mais consomem.

A IOCU é uma das organizações internacionais não-oficiais mais poderosas, com 132 instituições associadas em 30 países. Foi fundada em 1960 pelos movimentos de consumidores de cinco países industrializados (Estados Unidos, Austrália, Grã-Bretanha, Holanda e Bélgica). O seu objectivo inicial foi a troca de informações e a cooperação no teste de produtos, mas rapidamente foi assumindo funções mais complexas, à medida que o movimento de consumidores crescia. "Os princípios do movimento de consumidores estão a mudar", declarou a *cadernos do terceiro mundo* a economista portuguesa Lúcia Barreiro, assessora do IOCU. "Eles deixaram de realçar o consumo individual para passarem a valorizar a questão do controlo colectivo sobre os recursos".

O movimento nasceu de um grupo de cidadãos norte-americanos que pretendia convencer a indústria a melhorar a qualidade dos seus produtos. Compreendendo que as práticas monopolistas prejudicam os consumidores, o movimento começou a criticá-las. Na década de 70,

como explicam Heiko Steffens e Gunter Rosenberger, passaram a discutir "assuntos globais de importância fundamental, como a ecologia, as transnacionais e os problemas do Terceiro Mundo". A propósito de "ajudar as pessoas a obterem mais com a troca do seu dinheiro", o movimento transformou-se numa "concepção mais ampla da qualidade geral de vida". Os participantes do movimento de consumidores querem que "as pessoas reflectam, com olhos de consumidores críticos, sobre a real necessidade dos bens e serviços que lhes são oferecidos, sobre os direitos dos consumidores e sobre as condições sociais e económicas fundamentais".

Estas ideias foram sem dúvida reforçadas com a incorporação no movimento das associações de consumidores do Terceiro Mundo, particularmente a de Penang, na Malásia, onde desde 1974 funciona uma secção regional da IOCU.

Os consumidores organizados do sudeste asiático salientaram questões como a nociva influência cultural da propaganda transnacional, os efeitos do modelo "ocidentalizante" sobre os estilos de vida tradicionais, o saque de recursos

---

## Os números da pobreza\*

---

□ Contrariamente ao que acontece noutras partes do mundo, a América Latina está em condições de erradicar a pobreza, já que este problema é mais de distribuição da riqueza do que de quantidade de recursos disponíveis. Com efeito, em 1981, a proporção da receita global necessária para terminar com a pobreza era inferior a 4% do Produto Interno Bruto (PIB) da região.

Argentina, México e Uruguai foram considerados, do ponto de vista económico, os países com maiores possibilidades de erradicação da pobreza, seguindo-se a Costa Rica e o Chile e depois o Brasil, Panamá,

Peru e Venezuela. Colômbia e Honduras teriam mais dificuldade para enfrentar a pobreza.

É interessante notar que o México, por exemplo, apesar de apresentar uma incidência de pobreza duas vezes superior ao Chile, estaria em melhores condições do que este último para atacar o problema. Isto demonstra que não existe uma relação directa entre a possibilidade económica de superação da pobreza e o seu grau de incidência. Alguns países com menos recursos conseguiram melhores resultados no combate à pobreza, no seu todo, relativamente a outros Estados com maiores disponibilidades.

Se o actual tipo de desenvolvimento não mudar, a economia latino-americana crescerá, no futuro, a um ritmo mais lento do que no passado. Em 1980, o índice de crescimento foi o mais baixo do período do

naturais do Terceiro Mundo e a destruição do meio ambiente.

Teria a América Latina um ponto de vista próprio para apresentar ao movimento internacional dos consumidores?

A IOCU acreditou que sim e, ao organizar a sua conferência, dedicou a primeira sessão dos trabalhos a um estudo do economista chileno Ricardo Lagos sobre "A satisfação das necessidades básicas como estratégia de desenvolvimento". Lagos foi impedido pelo governo de Pinochet de se deslocar a Montevideo (o que deu motivo a um firme protesto dos participantes, dirigido à embaixada do Chile), tendo o seu trabalho sido lido por um colega, Fábio Villalobos.

Num rápido resumo, Lagos afirma que quatro entre dez latino-americanos não têm condições de comprar um pacote essencial de bens e serviços, sendo portanto definidos como po-

Evandro Teixeira/Agência JB



Quatro em cada dez latino-americanos não têm condições de adquirir um pacote de bens e serviços essenciais

bres. Metade deles não pode sequer atender às suas necessidades mínimas de alimentação, o que os leva a ser classificados como indigentes.

No entanto, ao contrário de outras regiões do Terceiro Mundo, a América Latina tem re-

pós-guerra e o produto *per capita* diminuiu, pela primeira vez, nos últimos 30 anos. A partir de então, a situação agravou-se ainda mais. Os dados relativos a 1983 indicam uma queda de 3% do PIB da região, o que significa uma redução de 5,6% no produto *per capita*, que regride assim para níveis de 1970.

À exceção de Brasil e Colômbia, o esforço de desenvolvimento da América Latina andou para trás em mais de dez anos. Países como a Argentina, Chile e Peru terão, provavelmente, em 1990, um PIB apenas ligeiramente superior ao registado em 1970. No caso da Bolívia, e de acordo com o relatório de 1986 do Banco Mundial, ele até será mais baixo.

Com o aumento da população de 360 milhões de pessoas, em 1980, para cerca de 560 milhões no ano 2000 - 75% das quais viverão nas áreas urbanas - calcula-se em

175 milhões o número de latino-americanos que continuarão a viver em condições de pobreza crítica. Um em cada quatro habitantes das cidades será pobre. Nas zonas rurais haverá 68 milhões de pobres, número equivalente a 50% da população rural (CEPAL, 1985).

As actuais cifras relativas à pobreza não são muito diferentes. Existem na América Latina cerca de 130 milhões de pobres (35% da população global) distribuídos em proporções semelhantes entre as zonas urbanas e rurais. Estes números são suficientemente demonstrativos para mostrar a magnitude de um fenómeno que contradiz o direito básico dos consumidores, "o direito aos bens e serviços essenciais que garantam a sobrevivência".

Passeagens do trabalho de Lídia Barreiros "Os consumidores de poucos recursos e a crise económica"

cursos mais do que suficientes para satisfazer as necessidades básicas da sua população. O problema está, portanto, na distribuição.

Lagos acrescenta ainda que "a brecha da po-

breza — ou seja, aquilo que falta para que os pobres deixem de o ser — é inferior a 10% do PIB (Produto Interno Bruto) de 80% dos países da América Latina". Em função disto, "é perfeita-

## A Interpol dos consumidores

A Interpol dos consumidores é um programa da IOCU para inspeccionar o descontrolado comércio mundial de produtos e tecnologias perigosas, através do intercâmbio de informações entre as associações de consumidores de diversas regiões e países.

O programa dá especial atenção à invasão do Terceiro Mundo por parte das grandes corporações transnacionais (TNC), através da venda de produtos e tecnologias proibidas no mercado dos seus países de origem.

Existem provas suficientes das TNC terem exportado para o Terceiro Mundo — apesar de estarem conscientes do perigo que isso implicava — não apenas aparelhos médicos em mau estado, como também drogas perigosas, alimentos contaminados, pesticidas deteriorados e outros produtos considerados de grave risco.

Em particular nos países onde a protecção ao consumidor é algo ainda muito recente, a vigilância dos produtos comercializados não pode ser deixado unicamente a cargo das regulamentações do Estado, das convenções e normas internacionais ou pelo bom comportamento demonstrado por parte da indústria.

A Interpol do consumidor constitui então um meio alternativo para travar o fluxo de produtos e tecnologias perigosas, informando os consumidores e o público em geral, assim como as autoridades competentes dos países importadores, sobre os possíveis perigos ligados a um determinado produto ou tecnologia.

Criada formalmente durante o X Congresso Mundial da IOCU, realizado em Haia, Holanda, em 1981, a Interpol dos consumidores é coordenada a partir do Escritório Regional da IOCU para a Ásia e Pacífico, com sede em Penang, Malásia.

O sistema de denúncia e de pedido de medidas é composto por três partes principais: o coordenador da Interpol dos consumidores, um júri integrado por técnicos e especialistas e uma cadeia de correspondentes da Interpol dos consumidores.

Os correspondentes organizam de forma sistemática a informação respeitante a produtos perigosos recentemente descobertos ou sobre casos que já tenham sido colocados sob o seu controlo, além de se encarregarem também de elaborar as chamadas de alarme e as notificações sob os produtos que tenham sido proibidos e os que estão sob observação ou restringidos no mercado.

A informação dos correspondentes é cuidadosamente avaliada e verificada, através de uma eventual consulta ao júri de técnicos e especialistas. Dependendo da gravidade e grandeza do perigo, o coordenador decide se o próximo passo será o envio de um aviso de alarme aos consumidores.

Até hoje, foram enviados mais de 68 avisos de perigo aos consumidores, cobrindo uma grande variedade de produtos, incluindo jogos perigosos, medicamentos, produtos eléctricos, alimentos e pesticidas.

Actualmente, a rede da Interpol dos consumidores inclui mais de 60 correspondentes, distribuídos por 40 países desenvolvidos e do Terceiro Mundo, com perspectivas de expansão tanto em relação ao número de correspondentes como ao de países.

mente viável uma estratégia que vise o desaparecimento das carências essenciais, com o fim da pobreza na América Latina”.

Não seria muito o que se teria que tirar dos ricos para dar aos pobres, afirmam os economistas da IOCU. O problema, no entanto, é que os grupos sociais que não têm as suas necessidades essenciais satisfeitas não são também os que têm uma maior organização política. Lídia Barreiros expressa esta questão da seguinte forma: “os pobres são também politicamente pobres”. Lagos propõe sobre este aspecto que “a estratégia para satisfazer as necessidades essenciais deve ultrapassar o limite de uma política assistencial e dirigir-se para uma modificação profunda do estilo de desenvolvimento”.

Enquanto isto não ocorre, os participantes do movimento destacam que o consumidor pobre paga mais do que o rico, não dispõe de créditos nem de transportes para se deslocar até onde possa comprar mais barato, não tem capacidade de armazenagem para poder comprar em grandes quantidades nem possibilidade de poupar para poder comprar uma vez por mês nos grandes supermercados. O consumidor pobre é mais vulnerável às técnicas de promoção das transnacionais e tem mais dificuldade em distinguir en-

tre as suas necessidades reais e as aspirações criadas artificialmente pela propaganda, às quais também não pode satisfazer.

Em muitos países da América Latina os próprios interessados já se estão a organizar para satisfazer as suas necessidades de alimentação, habitação e saúde. Nesta conferência foi destacada como exemplo a experiência da Coordenadora de Grupos de Consumo de Montevideo, através da qual cerca de três mil famílias, agrupadas em 60 organizações de bairro, compram em conjunto uma lista de produtos essenciais. A Coordenadora negocia melhores preços directamente com os atacadistas e emprega exclusivamente o trabalho voluntário das suas bases, sem qualquer cargo assalariado que possa introduzir o vírus da burocratização.

“Organizações como esta, na qual participam os próprios interessados, devem aparecer em todas as iniciativas dedicadas à satisfação das necessidades básicas”, declarou Lídia Barreiros na comissão sobre a pobreza.

A conferência não deixou de discutir também outros temas “tradicionais” do movimento de consumidores: as campanhas antitabagistas, medicamentos, pesticidas e outros tóxicos. Fi-

O problema da América Latina está na injusta distribuição da riqueza



caram estabelecidas redes latino-americanas de troca de informações e experiências, ligadas às redes mundiais já existentes sobre saúde e medicamentos (HAI - Health Action International), pesticidas (PAN - Pesticide Action Network) e alimentação infantil (IBFAN - International Baby Food Action Network).

A declaração de Montevideo reconhece "a diversidade dos grupos presentes (...) que reflecte a variedade dos que trabalham pelo interesse dos consumidores". Durante a cerimónia de encerramento, chegaram a ser manifestadas divergências sobre a interpretação da crise económica e sobre as respostas dos consumidores latino-americanos às questões da inflação e da dívida externa. Representantes das ligas de consumidores da Argentina e do Uruguai pro-

testaram contra algumas recomendações apresentadas pelas diversas comissões.

Apesar de tudo, chegou-se ao consenso de que "a protecção dos consumidores está relacionada com deficiências económicas mais gerais e não envolve apenas a relação bilateral entre consumidores e fornecedores. Foi decidido também reivindicar dos governos o reconhecimento dos consumidores organizados como interlocutores e que sejam aceites como "co-participantes nas negociações sobre assuntos que lhes digam respeito, como a fixação dos salários e preços", com empresários e sindicalistas.

Num futuro próximo será estabelecida em Montevideo uma sede regional da IOCU para a América Latina e Carafbas.

Roberto Remo

## O rico come o que falta ao pobre\*

Uma pesquisa realizada no México em 1984 sobre rendimentos e despesas demonstrou que entre a população mexicana os 15% mais ricos gastam mais em alimentação do que os 50% mais pobres. Esta diferença no consumo alimentar entre os sectores de alto e baixo rendimento não é um caso único na América Latina. Antes pelo contrário, o fosso que separa a alimentação deficiente, característica das grandes maiorias, e o alto consumo de um quinto da população de maior rendimento tem vindo a aumentar progressivamente. Como tal, os sectores menos favorecidos da população têm uma capacidade de consumo menor e, como consequência, uma alimentação pobre e deficiente, saúde precária e altos índices de morbidade e mortalidade.

O problema das camadas mais ricas pode ser visto de dois pontos de vista. Por um lado, o superconsumo alimentar significa um uso irracio-

nal dos recursos agrícolas e não-agrícolas e o excesso de consumo de gorduras animais, açúcar e outros alimentos; por outro lado, esse excesso provoca uma série de doenças como a diabetes, a arteriosclerose e problemas cardiovasculares. Assim, o esbanjamento não se restringe apenas aos recursos empregados na produção, armazenamento, transporte, transformação e distribuição dos alimentos, totalmente desnecessários ao organismo dos superconsumidores, mas estende-se também aos gastos com hospitais, medicamentos e assistência médica necessários para atender aos doentes que são vítimas de uma alimentação excessiva e desequilibrada.

De tudo isto surge uma constatação: o consumo dos ricos afecta o consumo dos pobres. As características desse consumo determinam uma estrutura produtiva agrícola e agro-industrial destinada a satisfazer a procura dos superconsumidores, descuidando as necessidades dos grupos mais pobres, modificando os seus padrões de consumo e provocando uma uniformização das dietas urbana e rural, com graves perdas na riqueza alimentar proveniente das dietas regionais. Mais, os recursos empregues pela sociedade no atendimento às doenças derivadas do superconsumo poderiam ser destinados à alimentação e à saúde dos grupos mais pobres.



### O desafio de alimentar toda a gente

Podemos considerar como principais três características da produção agrícola destinada à alimentação dos países da América Latina: a estagnação da agricultura interna, a dependência em relação à importação de alimentos básicos — principalmente na região andina e, em especial, de trigo, milho, soja, lacticínios, carne, arroz, açúcar e outros produtos — e a supremacia do oligopólio na indústria interna de alimentos.

Estes três aspectos estão fortemente interligados: a importação de alimentos causa ou agrava a estagnação da agricultura; o oligopólio transnacional pressupõe a subordinação da indústria nacional à indústria e ao sistema alimentar mundial; e a estagnação da agricultura é provocada pela política de preços e pela política económica global desfavoráveis à produção interna. O oligopólio determina em grande parte a política de preços e outras políticas gerais.

De forma semelhante, a dependência da importação de alimentos e a estagnação agrícola alimentam-se reciprocamente.

Um dos casos mais dramáticos que melhor ilustra esta situação é o do Peru. Apesar de povoado por minifúndios, o país importou, em 1981, entre 30% a 40% do total de calorias e

proteínas consumidas pela população. Cem por cento do trigo e da soja, metade dos lacticínios e do milho, cerca de 70% da cevada para cerveja e mais de 20% do arroz e do açúcar foram importados. Tudo isto custou ao país 700 milhões de dólares, enquanto que as suas exportações totalizaram apenas 3,2 milhões. Como consequência deste desequilíbrio, o Peru comprometeu uma parte importante das suas divisas, obtidas com a venda de recursos naturais não-renováveis, para comprar alimentos para satisfazer uma necessidade sempre renovável: a alimentação da sua população.

A importação de recursos básicos não decorre exclusivamente da pequena produção nacional. Os preços mais baixos de alguns produtos no mercado internacional também têm influência, como no caso dos cereais, lacticínios e oleaginosas oriundos dos Estados Unidos, Europa e Nova Zelândia. Os menores preços devem-se, não só à maior produtividade desses agricultores, mas também à estratégia de penetração de mercados praticada pelas empresas transnacionais e, principalmente, às políticas de subsídio e protecção agrícolas levadas a cabo nesses países e à produção e exportação de produtos agrícolas destinados à alimentação.

Por outro lado, a estagnação da agricultura nos países da América Latina é agravada pelo crescimento da população a um ritmo superior ao da produção alimentar. No caso do Peru, nos últimos vinte anos a agricultura cresceu a um ritmo anual médio de 2%, enquanto que o crescimento populacional foi de 2,9%. As migrações, a saturação das cidades e a deterioração das condições de vida das camadas mais pobres são uma consequência directa do crescimento populacional aliado à estagnação produtiva ou à oferta insuficiente de fontes de trabalho e de serviços.

### Mudanças nos hábitos de consumo

O modelo de desenvolvimento vigente criou um sistema alimentar irracional, onde os padrões de consumo tradicional foram substituídos por outros, que se distanciam cada vez mais da realidade da produção agrícola interna. Este facto gerou também distorções evidentes. No

Peru, por exemplo, 70% do leite consumido é em pó e enlatado, o que obriga os mais pobres a consumirem o leite mais caro. As últimas pesquisas mostraram que, em consequência da crise, as estruturas de consumo e de investimento com alimentos têm-se vindo a modificar rapidamente em função de quatro mecanismos:

1. Eliminando, total ou parcialmente, alimentos considerados menos indispensáveis. Este mecanismo opera em níveis económicos altos e representa um risco nutricional mínimo;

2. Substituindo, total ou parcialmente, certos alimentos por outros do mesmo tipo, mas de inferior qualidade e mais baratos;

## A satisfação das necessidades básicas como estratégia de desenvolvimento

O conceito de estratégia das necessidades básicas como alternativa de desenvolvimento admite diversas interpretações. Para uns, a tentativa de dar prioridade à satisfação das necessidades básicas obedece ao desejo de não mudar a estrutura das relações económicas internacionais, que se transformaram de forma a se constituírem num importante obstáculo ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Para outros, uma estratégia destinada a satisfazer as necessidades essenciais tem como objectivo procurar soluções transitórias para os profundos problemas do subdesenvolvimento e, em última análise, tentar evitar possíveis mudanças na própria estrutura da sociedade.

Nenhuma destas duas posições inspirou este trabalho. Aqui partiu-se do princípio segundo o qual uma estratégia destinada a satisfazer as necessidades básicas deve promover profundas alterações nas estruturas da sociedade. Por outro lado, o seu sucesso exige que as relações económicas internacionais entre o Norte e o Sul sejam diferentes daquelas que vigoram até ao momento.

Estabelecer uma estratégia de satisfação das necessidades essenciais não implica, de forma alguma, ignorar a questão das relações económicas internacionais e o modo como elas afectam negativamente os interesses do Terceiro Mundo. O que queremos dizer é que uma estratégia pensada para

melhorar as relações económicas internacionais cairá em terreno pouco favorável se não supuser, simultaneamente, modificações no interior das sociedades de cada país, de forma a que os benefícios de uma possível alteração das relações internacionais atinjam toda a sociedade e não apenas uma parte dela.

Também não podem ser aceites as críticas sobre esta estratégia baseadas nas afirmações de que esta é uma concepção míope do processo de desenvolvimento, mais virada para o ataque dos sintomas do que das causas do modelo em questão. É verdade que para alguns a estratégia de satisfação das necessidades básicas consiste, essencialmente, na sua definição e na identificação dos grupos sociais que não as satisfazem, para depois estabelecerem medidas que de forma directa forneçam os bens e serviços necessários à satisfação dessas mesmas necessidades.

Por esta razão, o presente trabalho inspira-se numa concepção diferente daquela que seria proposta por uma estratégia de satisfação das necessidades essenciais. Se, apesar do crescimento económico, um grupo ou uma sociedade não satisfaz as necessidades básicas dos seus membros, isso é resultado do tipo de crescimento dessa sociedade. Assim, sem prejuízo dos mecanismos destinados a satisfazer essas necessidades, devem atacar-se as causas que provocam o fenómeno, especialmente o tipo de desenvolvimento que permite a perpetuação da situação descrita, apesar do crescimento económico.

Ricardo Lagos

Extraído do trabalho de Ricardo Lagos, apresentado por Fabio Villalobos na Conferência Regional da IOCU.

3. Substituindo, total ou parcialmente, um certo tipo de produtos por outros de características diferentes. Esta atitude traz uma maior dificuldade para combinar os alimentos de forma adequada e distribuí-los equitativamente pelos membros da família;

4. Redução do consumo de produtos básicos. Este fenómeno ocorre nos níveis sociais de menos recursos económicos e representa um alto risco nutricional.

Ao abismo entre superconsumo e subconsumo e à irracionalidade da produção alimentar acrescenta-se, entre outros, o problema da comercialização dos alimentos.

A substituição de produtos nutritivos, ricos em calorías e proteínas, por sucedâneos impostos pela publicidade das empresas transnacionais, o aumento do custo dos alimentos devido às formas inadequadas de comercialização e transporte e o papel nefasto dos intermediários são, além de outros problemas, os factores que mais afectam a alimentação dos sectores maioritários nos países da América Latina.

### Acções de defesa do consumidor

Diante desta situação, diversos segmentos sociais e governos puseram em prática alguns programas inovadores e funcionais.

Os governos latino-americanos que aplicam uma política económica diferente dos critérios neoliberais promoveram experiências em defesa do consumidor como complemento de medidas de carácter geral, como o controlo da inflação, o fim das desvalorizações monetárias, o controlo de preços e outras.

Dentro de uma perspectiva diferente e oposta ao neoliberalismo, que coloca como ponto de partida na economia um "excesso da procura", o actual governo peruano propôs uma "escassez da procura", que acompanha uma política de aumentos salariais e de controlo de preços. Em relação a este último, foram criados postos públicos de defesa do consumidor que recebem denúncias sobre a alteração de preços e orientam vendedores e consumidores usando palavras-de-ordem como "não aumente os preços"



Dolfin Vieira/UB

Restaurantes vazios: o superconsumo dos ricos à custa das carências das maiorias

e "não pague mais do que o que está estabelecido".

Apesar de inovadora e interessante, esta medida não teve o impulso suficiente. Faltou principalmente uma orientação que colocasse como condição indispensável a participação dos consumidores organizados.

A experiência levada a cabo pela Câmara Municipal de Lima foi também enriquecedora. O município assumiu como eixo do seu mandato a doação de "um milhão de copos de leite" às crianças com menos de cinco anos da área metropolitana. Pode parecer à primeira vista uma actividade essencialmente assistencial, mas não é assim. A entrega do leite baseou-se na organização de grupos de mulheres, mães de família, que solicitaram, administraram, prepararam e distribuíram o leite aos seus filhos. Até ao momento foram criados seis mil Comitês do Copo de Leite em Lima, que são grupos organizados com um nível de participação importante em problemas de alimentação e de outros que igualmente

dizem respeito à vida quotidiana da população.

Existem diversas experiências em relação às formas de organização dos consumidores em defesa dos seus interesses. Os problemas alimentares, como já foi dito, transcendem os limites locais ou sectoriais, já que estão ligados à política económica global e às relações económicas internacionais.

Este grande desafio para os consumidores e suas organizações provocou a adopção de formas de trabalho coordenadas e conjuntas, permitindo uma acumulação de forças nas organizações de base. Estas tornaram-se capazes de exercer pressões e influenciar a política económica e social, controlo de preços, qualidade dos produtos, melhoria dos sistemas de comercialização e defesa da economia e da saúde dos mais pobres. ●

\*Extraído da exposição "O problema alimentar e a protecção do consumidor", apresentada por Federico Velarde, investigador da DESCO (Peru) na Conferência Regional da IOCU.

## PAN: romper o círculo do veneno

- No Japão registaram-se, em 1985, 1021 mortes devido ao uso de Paraquat.
- Uma pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na Índia mostrou que 50% dos alimentos estavam contaminados com resíduos de pesticidas, sendo que 30% dos casos excediam os limites autorizados.
- Em 1985, 300 pessoas nos Estados Unidos e 200 no Canadá sofreram envenenamento por Aldicarb depois de ingerirem melancias.
- No Brasil foram feitas *dedetizações* de escritórios utilizando os pesticidas Aldrin, BHC, DDT e Parathion sem diluição, devido à má compreensão das instruções. Os trabalhadores desses escritórios, ao retomarem o trabalho, sofreram processos de transpiração, salivagem excessiva, vômitos, dores de cabeça e diarreia.

88 - terceiro mundo

Um mês depois, quatro funcionárias abortaram.

Estes são alguns dos casos de envenenamento recentes. Calcula-se que a nível mundial factos como estes podem chegar a dois milhões por ano, sendo que metade deles e dois terços dos casos mortais por envenenamento ocorrem nos países do Terceiro Mundo, ainda que esses países apenas empreguem um quinto do volume total de pesticidas.

Várias razões explicam esta desproporção de casos mortais no Terceiro Mundo. Muitos dos utilizadores de pesticidas são analfabetos e/ou não dispõem de roupa e de equipamento adequados à sua aplicação, além de faltarem serviços médicos especializados, pessoal qualificado em medidas de segurança e restrições ao direito de organização por condições mais seguras de trabalho. Os defensores do uso de agrotóxicos no Terceiro Mundo argumentam que esses produtos químicos são precisos para aumentar a produção de alimentos necessários à alimentação dos pobres. No entanto, um estudo sobre a utilização de pesticidas nos países subdesenvolvidos revelou que cerca de 70% desses produtos são usados em culturas de exportação, como

88 - terceiro mundo

café, açúcar, chá, banana e cacau e não para proteger os alimentos de consumo local. O processo através do qual os pesticidas (muitos deles proibidos nas nações industrializadas) usados nos produtos de exportação voltam ao mercado desses países sob a forma de resíduos foi chamado de "círculo do veneno".

Os pesticidas são de facto contraproducentes. É inevitável que, pouco a pouco, as pragas desenvolvam resistência às substâncias químicas a que são submetidas, reaparecendo como uma ameaça ainda mais séria. Este processo leva ao uso de quantidades cada vez maiores de pesticidas progressivamente mais tóxicos, causando um círculo vicioso do qual é cada vez mais difícil escapar.

### A mobilização dos cidadãos

Em 1982, representantes de 30 organizações populares, preocupados com os problemas causados pelo uso indiscriminado de pesticidas, reuniram-se em Penang, Malásia, numa conferência convocada pela Organização Internacional das Associações de Consumidores (IOCU), também patrocinada pelo Sahabat Alam Malaysia (Amigos da Terra da Malásia). Nessa reunião foi criada a Rede de Acção dos Pesticidas (PAN - Pesticide Action Network). Os participantes da PAN combinaram concentrar os seus esforços nas seguintes actividades:

- Convencer os governos e as organizações internacionais, como a FAO e a PNUMA, a elaborarem e aplicarem políticas racionais sobre o uso de pesticidas.
- Aumentar a consciencialização pública sobre os abusos cometidos na utilização de pesticidas e fazer campanhas contra produtos altamente tóxicos e as práticas comerciais antiéticas das empresas de agrotóxicos.

Actualmente, a PAN conta com mais de 300



Impedir o abuso de pesticidas

membros, entre organizações e pessoas, em 49 países. Cinco centros regionais coordenam as actividades da PAN no mundo inteiro: África, Ásia Pacífico, América Latina, Europa e América do Norte.

A PAN é uma rede, o que significa que nenhum grupo ou pessoa tem autoridade sobre os demais. Todos os participantes são independentes e cooperam na troca de informações, documentos, conhecimentos e estratégias, criando uma rede de cidadãos de todo o mundo preocupados com os mesmos objectivos. Esta flexibilidade operacional, que não requer uma

administração burocrática e pesada, permite aos seus participantes unir talentos, capacidades e energias sempre que necessário.

Foi precisamente isso que ocorreu em Junho de 1985, quando a PAN lançou a campanha da "Dúzia Suja". Grupos de participantes da PAN organizaram conferências de imprensa, manifestações, debates e outros acontecimentos em cerca de 30 países, como forma de criar uma consciencialização e uma pressão pública contra os doze piores pesticidas do mundo. A IOCU contribuiu com a produção e divulgação de um pacote informativo sobre a "Dúzia Suja", denominado "Os pesticidas matam mais do que as pragas", contendo um manual sobre os doze pesticidas e outros materiais didácticos para a organização da campanha.

Essa campanha obteve um grande êxito, com uma ampla cobertura dos meios de comunicação social de mundo inteiro, e contribuiu para melhorar o controlo sobre os agrotóxicos no Equador, Malásia, Colômbia, Indonésia, entre outros países.

### O Código FAO

Em resposta às pressões cada vez maiores exercidas por grupos como a PAN, várias orga-

terceiro mundo - 89

nizações internacionais começaram a elaborar e a adoptar directrizes e regulamentos para limitar o abuso de pesticidas. O resultado mais importante até agora conseguido foi o Código Internacional de Conduta para a Distribuição e Uso de Pesticidas, aprovado, em Novembro de 1985, pela conferência geral da FAO.

O Código FAO é um conjunto de regras formalmente aceites pelos Estados-membros da organização e pela indústria química, representada pela CIFAP (Associação Internacional da Indústria Agroquímica). O Código contém instruções que estabelecem as responsabilidades dos fabricantes e dos governos em diversos sectores, como a aplicação, publicidade e etiquetagem de pesticidas e sobre o cumprimento do Código.



#### As transnacionais controlam a biotecnologia

Durante as prolongadas e árduas negociações que culminaram com a aprovação do Código FAO, a IOCU esteve presente, juntamente com outros participantes da PAN, tentando conseguir apoio para um código que fosse eficiente e viável. No entanto, o resultado final foi um texto fraco, que se presta a diferentes interpretações. Por exemplo: uma exigência fundamental dos participantes da PAN tratava da inclusão de uma cláusula de "consentimento informado". Esta cláusula foi eliminada do texto final, apesar de pelo menos 30 países se terem pronunciado a favor durante a conferência.

A cláusula do "consentimento informado" estipulava que a exportação de um determinado produto proibido ou submetido a restrições no país de origem só é lícita se o país importador for amplamente informado sobre os motivos da 90 - terceiro mundo

proibição ou restrição e consentir por escrito na importação.

Mas, mesmo não sendo perfeito, o Código é um primeiro passo importante no sentido da definição internacional das responsabilidades e precauções em relação ao uso de agrotóxicos. É, portanto, uma norma elementar de conduta para os governos e empresas no que se refere ao uso e distribuição de pesticidas.

#### Alternativas

Além de vigiar a aplicação das medidas internacionais, a PAN dedica-se a incentivar o uso de métodos alternativos de combate às pragas que não exijam a utilização de agrotóxicos. Este objectivo foi confirmado pela conferência internacional da PAN no Canadá, em Junho de 1986.

Há pouca motivação económica para divulgar os métodos alternativos de controlo de pragas, porque a maior parte deles têm uma duração ilimitada e estão baseados nos processos agrícolas - como o ajustar das épocas de plantio e de colheita - e não em produtos. É precisamente por esta razão que o sucesso obtido com tais métodos não são do conhecimento público.

Para preencher este vazio informativo, a Consumers Union (Estados Unidos), a International Alliance for Sustainable Agriculture (Estados Unidos) e os grupos PAN da Holanda têm trabalhado em conjunto no sentido de reunir uma vasta documentação sobre o assunto. Outros grupos como a KRAPP, na Indonésia, e o PRONAT, no Senegal, trabalham junto dos agricultores para demonstrar e incentivar o uso de métodos de controlo de pragas com pouca ou nenhuma utilização de pesticidas.

#### Biotecnologia

A biotecnologia, nova ciência aplicada à mudança genética dos seres vivos (plantas e animais), que actualmente é monopolizada por um pequeno número de empresas transnacionais dos sectores de alimentos, saúde e energia, vai produzir um impacto sobre o bem-estar humano maior do que a revolução industrial e a revolução verde juntas. Os produtores e consumidores



"Não podemos permitir que os alimentos sejam usados como arma. Devemos lutar contra isso"

da Ásia, África e América Latina poderão ser os primeiros objectivos e as primeiras vítimas desta revolução genética, já que o Terceiro Mundo representa, frequentemente, um mercado mais barato e mais rápido.

Falando sobre estes problemas, Giselda Castro, da PAN do Brasil, declarou em Ottawa, Canadá, no passado mês de Junho, que os processos de biotecnologia aumentarão o poder político das empresas, à custa dos agricultores e consumidores. "O acervo genético de sementes é um património comum de toda a humanidade", disse Giselda. "Não podemos permitir que

os alimentos sejam usados como arma. Devemos lutar contra isso".

Preocupados pelos graves problemas que a biotecnologia pode trazer, sabendo que os que mais podem ganhar com ela são as grandes empresas do sector de agrotóxicos e produtos farmacêuticos, os participantes da PAN pretendem continuar informados sobre esta questão e continuar a trabalhar estreitamente ligados à Rede de Acção de Sementes (SAN) - Seeds Action Network. A SAN vigia a indústria da biotecnologia e procura alertar as pessoas e governos sobre o seus potenciais perigos.

Beatriz Bissio

## Um produto perigoso que vira fumo

“ O tabaco é uma mercadoria de consumo e o seu controlo seria muito mais efectivo para melhorar a saúde e prolongar a vida do que qualquer outra medida no campo da medicina preventiva”. (Organização Mundial da Saúde, 1975).

Uma das forças que mais influenciam os novos grupos, as novas gerações e os novos países, 1986 - Dezembro - nº 96

levando-os a adquirir o hábito de fumar, é o *merchandising* do tabaco através da publicidade, do patrocínio ou de outras actividades promocionais. O acto de fumar é apresentado como aceitável, bom e mesmo como uma actividade atraente. A propaganda do tabaco reforça permanentemente a mensagem de que fumar é conveniente, diminuindo assim a credibilidade das declarações e medidas oficiais que reconhecem o tabagismo como perigoso para a saúde.

Em 1984, a IOCU lançou uma campanha mundial contra a publicidade e a promoção do tabaco, denominada AGHAST (Grupos de Acção contra a Publicidade e a Promoção do Tabaco). Através da informação, educação e experimentação, exercendo protestos e pressões, a IOCU e os seus membros e grupos com o mes-

terceiro mundo - 91



A maior fonte de contaminação interna

mo ponto de vista sobre o problema, têm tentado aumentar a consciencialização dos consumidores do mundo inteiro para que lutem pelos seus direitos. A IOCU acredita que o movimento dos consumidores tem o dever de enfrentar activamente uma indústria cujos produtos causam aproximadamente 2,5 milhões de mortes por ano e não oferece um nível de segurança aceitável.

#### Fumar: um prazer perigoso

Existem poucas áreas dentro da medicina e da saúde pública onde o consenso seja tão grande como no caso dos efeitos do cigarro sobre a saúde. Mais de 30 mil pesquisas científicas já relataram os riscos que este vício representa para a saúde. O preço em vidas humanas está calculado em 2,5 milhões por ano, número este que tem crescido rapidamente à custa do Terceiro Mundo.

Na maioria dos países o consumo do cigarro aumentou entre 1975 e 1985. A Grécia lidera o consumo mundial *per capita*, seguida pelo Japão, Estados Unidos, Canadá, Jugoslávia e Polónia. O Egipto e a China sofreram um extraordinário aumento do consumo, em parte devido à autorização da entrada de investidores estrangeiros. No caso da China, tal deve-se também ao facto de ser um país produtor de tabaco, que consome toda a sua produção.

92 - terceiro mundo

Mais de mil milhões de pessoas são fumadoras, consumindo cinco mil milhões de cigarros por ano, o que dá uma média superior a meio maço por dia por pessoa.

A consequência mais comprovada do vício de fumar é o aumento do risco do cancro do pulmão. Supõe-se que 85% destes casos são devidos ao consumo habitual de cigarros. O tabaco também está relacionado com a incidência do cancro na bexiga, pâncreas, lábios, boca e possivelmente dos cancros cervical e do estômago.

Entre quinze e trinta por cento dos ataques cardíacos ocorridos nos Estados Unidos e provavelmente um terço dos casos semelhantes no Reino Unido são causados pelo vício do tabaco. A arteriosclerose é também uma doença cardiovascular causada pelo cigarro. No caso dos ataques cardíacos, o acto de fumar acelera o bloqueio das artérias causando a gangrena, o que em alguns casos obriga à amputação das pernas da vítima. Fumar é especialmente perigoso para as mulheres jovens. As mulheres que fumam e tomam pílulas anticoncepcionais têm de 8 a 39 vezes mais possibilidades de sofrerem ataques cardíacos.

O tabaco mata, mas nem todas as suas vítimas são fumadores. Os filhos de fumadores apresentam o dobro de casos de doenças respiratórias. O seu crescimento e a sua capacidade intelectual podem sofrer prejuízos pelo facto de estarem expostos, durante décadas, ao fumo de outras pessoas. O risco que correm de contrair cancro do pulmão triplica. De forma análoga, as mulheres e companheiras de trabalho dos fumadores expõem-se a um grande risco de contraírem cancro do pulmão devido ao vício alheio.

Consumir tabaco é a maior fonte de contaminação interna mas, além dos perigos que representa para a saúde, fumar é prejudicial ao ambiente, provocando desconforto para os não-fumadores. O hábito tem vindo a ser progressivamente considerado como inaceitável do ponto de vista social. A própria OMS manifestou que "a imposição de inalar o fumo provocada por outras pessoas representa uma violação do direito à saúde dos não-fumadores, que devem ser protegidos contra esta forma nociva de contaminação ambiental".

## O negócio do tabaco

O comércio mundial do tabaco é dominado por seis grandes companhias internacionais: *Philip Morris Inc.*, *R.J. Reynolds Industries Inc.*, *American Brands*, dos Estados Unidos; *British American Tobacco*, *Imperial Group*, do Reino Unido; e *Rembrandt Group*, da África do Sul. Todas estas transnacionais criaram verdadeiros impérios industriais e têm uma grande influência social e económica nos países onde estão solidamente instaladas.

Com a intenção de oferecer um luxo acessível aos pobres, as companhias de tabaco gastam milhões de dólares em publicidade e patrocínios. A forma mais comum de promoção deste perigoso produto no Terceiro Mundo é associá-lo ao prestígio, poder, liberdade e luxo.

"Nos países em vias de desenvolvimento, as doenças provocadas pelo tabaco apareceram antes que as moléstias transmissíveis e as decorrentes da desnutrição pudessem ser controladas, aumentando ainda mais o fosso entre ricos e pobres" (OMS, 1983).

Além de causar a morte, o uso do tabaco provoca outros efeitos negativos: desvia recursos económicos que poderiam ser mais bem em-

pregados e impede a aplicação de um inestimável volume de divisas em propósitos mais úteis. A importação de tabaco por países subdesenvolvidos que têm uma enorme dívida externa representa um desperdício desnecessário de recursos que poderiam ser destinados a produtos prioritários, como os alimentos. Finalmente a cultura e o processamento do tabaco provocam efeitos negativos no meio ambiente, como a erosão do solo e o desmatamento.

Entre os países latino-americanos, o tabaco é cultivado e manufacturado na Argentina, Brasil, Costa Rica, Chile, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Honduras, Jamaica, México, Panamá e Venezuela. Apenas Cuba, Brasil, Equador e Honduras apresentam um saldo positivo no comércio do tabaco.

Diversos países já tentaram calcular os custos directamente decorrentes do vício de fumar. Um aspecto importante do tema é, naturalmente, o que se refere aos cuidados com a saúde, mas os custos vão mais além. Nos Estados Unidos perde-se anualmente, por motivos de mortes e de faltas ao trabalho por doença, uma quantia calculada entre 21 e 61 milhões de dólares. Este montante não inclui o custo do tabaco nem, naturalmente, o sofrimento que as vítimas e as suas famílias tiveram que suportar.

Os jovens: alvo preferido da propaganda das grandes transnacionais



Muitos países agrícolas, como o Brasil, destinam entre 0,5% e 0,7% das terras produtivas ao tabaco. O processamento do tabaco consome de 1% a 2% de toda a lenha usada anualmente no Quênia e na Tanzânia. Estas percentagens são inferiores aos recursos globais em terra e lenha, mas nalguns países chegam a ser significativos. Se nestas terras fossem plantados cereais, o produto seria suficiente para alimentar de 10 a 20 milhões de pessoas.

Alguns economistas afirmam que as fontes de trabalho e os rendimentos criados pelo negócio do tabaco devem ser considerados como benéficos mas, mesmo que não se pudesse destinar a terra a outros fins, os custos materiais do próprio tabaco excedem em mais do dobro os lucros gerados.

### O tabaco e os direitos do consumidor

Durante muito tempo o acto de fumar foi considerado exclusivamente um problema médico. Por isso mesmo, a maior parte das medidas de combate ao vício foram dirigidas aos indivíduos, enquanto as transnacionais continuaram a vender os seus produtos letais. A evidência de uma relação de causa e efeito entre o consumo do tabaco e uma saúde deficiente é, hoje em dia, incontestável. Por esse motivo, a responsabilidade pela saúde dos consumidores de cigarros deve ser transferida para os fabricantes, tal como é feito em relação a qualquer outro produto.

Os grupos de consumidores trabalham para eliminar dos mercados os produtos cuja natureza prejudicial é comprovada. Não há qualquer razão para que o tabaco seja tratado de outra forma. Ele é o único produto publicitado que, mesmo usado correctamente, é perigoso.

O direito à segurança é o primeiro e primordial direito do consumidor. Qualquer produto que estivesse implicado em tantos casos de morte como o tabaco seria eliminado do mercado.

O direito de escolha tem sido sistematicamente ignorado graças aos milhões de dólares em publicidade e patrocínios que as companhias do tabaco gastam para recrutar novos fumadores. Uma vez que as pessoas começam a fumar, chegam rapidamente à dependência da nicotina e

tornam-se vítimas do vício. Os jovens constituem um segmento do mercado altamente prioritário para a propaganda. Além disso, o direito de escolha também não existe para o fumador passivo, ou seja, a pessoa obrigada a respirar o ar contaminado, quer seja no trabalho quer seja nos demais lugares públicos.

O direito a uma informação justa e honesta é o direito de conhecer os factos necessários para escolher e tomar uma decisão com conhecimento prévio. O tabaco requer o uso intensivo de uma variedade de pesticidas e, ao ser processado, recebe sabores sintéticos e outros agentes químicos. Em muitos casos não existem normas que regulamentem a tolerância aos resíduos de pesticidas; em outros casos há uma regulamentação insuficiente quanto ao controlo de qualidade do tabaco. Nenhuma organização de consumidores está disposta a aceitar esta ausência de regras para outros produtos.

O direito à indemnização é o direito a reindicações e reclamações justas. Até ao momento, nenhum tribunal responsabilizou a indústria do tabaco por doenças ou mortes causadas pelo vício de fumar.

O direito a um ambiente saudável tem sido violado pelos efeitos nocivos da cultura e do processamento do tabaco, que implicam a erosão do solo e o desmatamento. O tabaco é um competidor directo da produção de alimentos, já que as companhias oferecem uma ampla ajuda aos agricultores, como forma de os convencer a cultivar tabaco em vez de produtos alimentares.

O direito de ser ouvido é o direito de ser representado, para que os interesses do consumidor sejam levados em conta. Apesar disso, existe um poderoso grupo de pressão que tenta influenciar os governos. Eles acenam com os lucros e dividendos produzidos pelo tabaco a curto prazo e ignoram os custos sociais e económicos para a sociedade, a longo prazo.

O direito à educação do consumidor tem sido ignorado, já que a indústria do tabaco não informa os consumidores sobre as consequências da sua opção. A educação para a saúde requer um compromisso por parte dos governos, mas estes agem inconsequentemente no caso do tabaco, embora proibam oficialmente outros produtos, confundindo assim os consumidores.

## AGHAST, uma campanha mundial

O XI Congresso Mundial da IOCU, realizado em 1984, aprovou por unanimidade uma resolução para pôr em prática uma campanha mundial contra a publicidade e a promoção do tabaco. As organizações de consumidores, com farta experiência na defesa dos seus interesses, podem contribuir de maneira importante para este fim, tendo muitas delas se manifestado clara e convincentemente.

A nova rede de trabalho da campanha recentemente lançada foi chamada de AGHAST, sigla em inglês dos Grupos de Acção Contra a Publicidade e Promoção do Tabaco (Action Groups to Halt Advertising and Sponsorship of Tobacco). Esta campanha ataca o direito das indústrias do tabaco de promoverem os seus produtos e de convencerem os não-fumadores a adquirirem o vício. "O vírus da gripe não faz publicidade e as bactérias nunca contribuem financeiramente para os acontecimentos desportivos. No entanto, o órgão que provoca o mal de fumar — a indústria do tabaco — continua a promover e a vender cigarros, além de pressionar os

governos no sentido de continuarem a propagar esta doença" (Boletim de Maio/Junho 1986 da IOCU).

A campanha AGHAST não está dirigida ao fumador — a vítima — mas à indústria do tabaco, que representa a maior, a mais determinante e devastadora oposição aos esforços para reduzir o vício de fumar.

Além de estimular os seus membros a exigirem medidas mais estritas de controlo do cigarro e a assisti-los na tarefa, a IOCU desenvolve uma ligação estreita com grupos que já trabalham neste sentido. Organizações nacionais e internacionais, como a UK, ASH, Movimento pelos Direitos do Não-Fumador Norte-Americano, Ken-en-Ken, do Japão, Sociedade do Cancro de Hong-Kong, clube Chau Pucho, na Argentina, e a União Internacional contra o Cancro (UICC) estão ligadas à campanha IOCU-AGHAST, através de uma rede informal de trabalho, dentro da qual se trocam informações e planos. ●

\* Extraído da exposição de Atie Schipaanboord, coordenadora da AGHAST.

cadernos do

**terceiro  
mundo**

### assinaturas

#### Portugal

anual (12 números) .....	1100\$
semestral (6 números) .....	650\$

#### Espanha

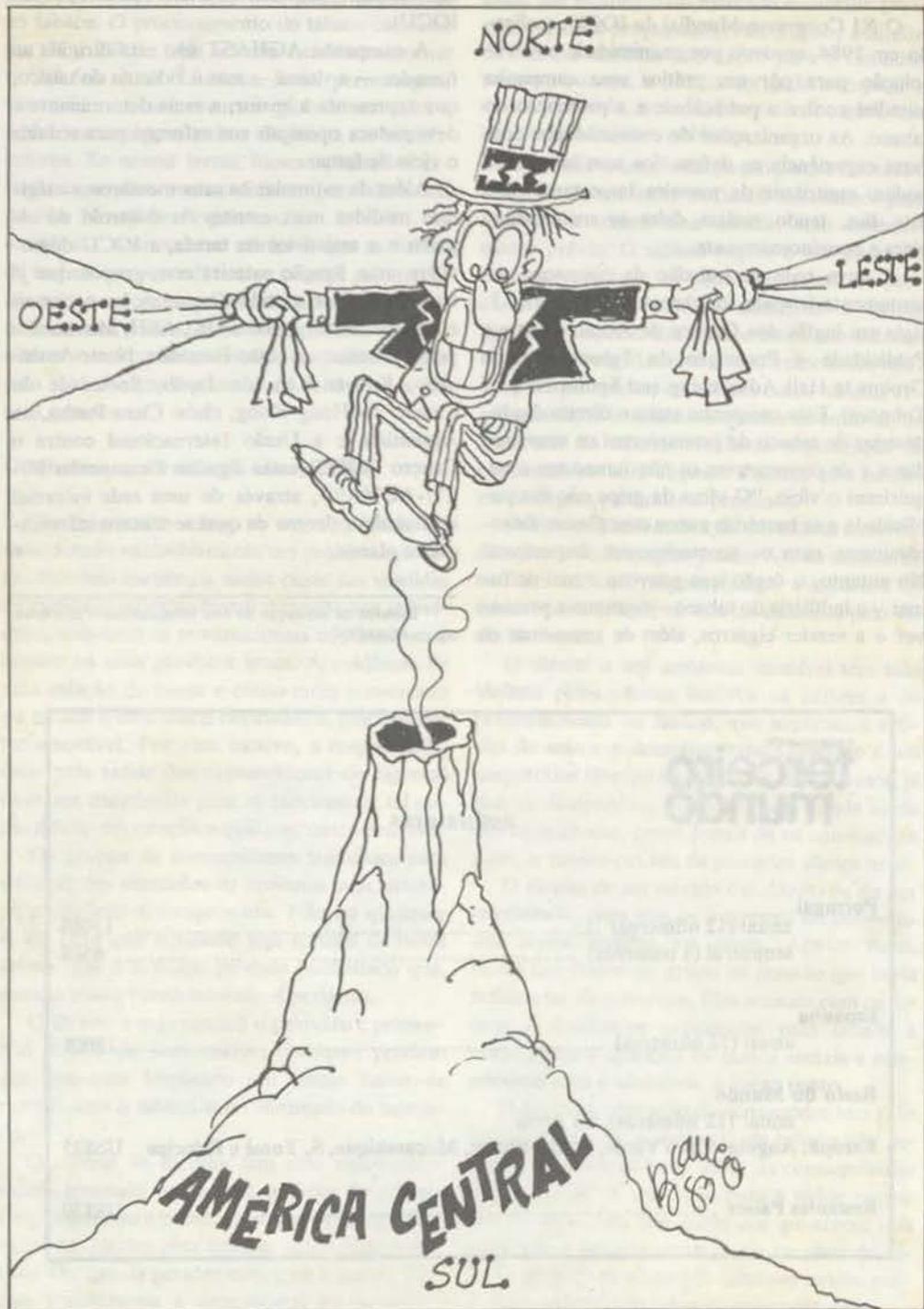
anual (12 números) .....	1300\$
--------------------------	--------

#### Resto do Mundo

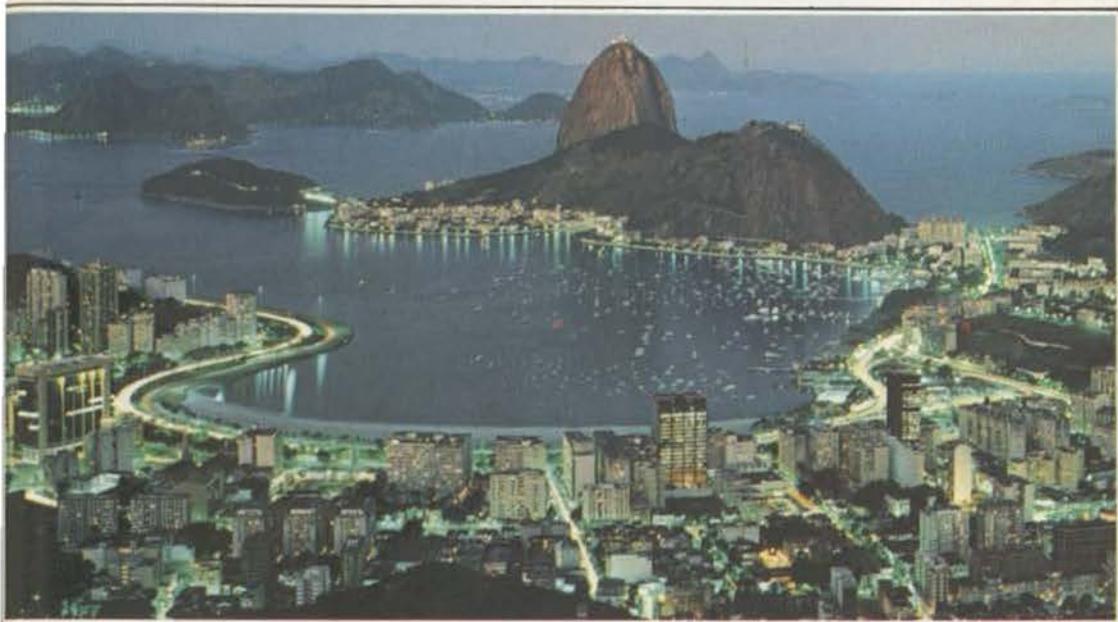
anual (12 números) *via aérea*

Europa, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe .....	US\$25
Restantes Países .....	US\$30

**Humor**



# O Rio de Janeiro é muito mais que um cartão postal do Brasil.



O Estado do Rio de Janeiro não é só feito de belezas naturais. É, acima de tudo, uma grande oficina de trabalho. Por isso, somos

o segundo pólo de desenvolvimento e o maior centro financeiro do Brasil.

Nossas empresas produzem, em escala de exportação, alimentos e bebidas, peles e manufaturas de couro, papel, produtos químicos, plásticos e têxteis, borracha natural e sintética, aparelhos elétricos, produtos metalúrgicos e muito mais. E, além de concentrar o maior número de empresas de consultoria de engenharia, o Rio de Janeiro tem o principal aeroporto e o segundo maior porto do Brasil.

O BD-Rio, como agência financeira de fomento, tem a função de trabalhar pelo desenvolvimento do Estado. Por isso, o BD-Rio deseja ser o laço entre nossas empresas exportadoras e os importadores em potencial de nossos produtos. Laço que há de unir povos amigos. Use o BD-Rio para fazer contatos com as empresas do Rio de Janeiro. O BD-Rio terá sempre a solução adequada para a sua expectativa.

GOVERNO DO  
ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO  
- BRASIL



## **BD-Rio**

**BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A.**

Praia do Flamengo, 200 - 23º, 24º e 25º andares

Rio de Janeiro - Brasil - CEP.22210

Tel.: 205.5152 (PABX) - Telex (021) 22318

Filiado à Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento - ABDE

Angola,  
terra da liberdade.



**TAAG**

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA  
Ao Serviço da Reconstrução Nacional